

Catarina Coutinho da Silva

**COMPLEMENTOS E MODIFICADORES  
PREPOSICIONAIS DO NOME: O CASO DAS  
PREPOSIÇÕES *DE* E *A***

Dissertação de Mestrado em Linguística  
Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2008



Catarina Coutinho da Silva

**COMPLEMENTOS E MODIFICADORES  
PREPOSICIONAIS DO NOME: O CASO DAS  
PREPOSIÇÕES *DE* E *A***

Dissertação de Mestrado em Linguística  
Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Orientadora: Professora Doutora Fátima Oliveira

2008

## RESUMO

A presente dissertação tem como objectivo estudar alguns aspectos que caracterizam a distinção entre complementos e modificadores preposicionais do nome.

A tese consta de duas partes: uma primeira parte, mas longa e desenvolvida, dedicada à análise e discussão linguística do problema e uma segunda parte de aplicação didáctica.

Na primeira parte, apresenta-se e discute-se, nos dois primeiros capítulos, o problema da estrutura argumental dos nomes em especial das nominalizações, baseado em Pustejovsky (1995) e Dowty (1991) e também em Grimshaw (1990) e Brito e Oliveira (1997).

Com o intuito de compreender em que condições se pode considerar que se está perante um complemento ou um modificador foram aplicados testes de Colaço et alii (2007/2008) ao tipo de sintagmas seleccionados, isto é, sintagmas preposicionais com a preposição *de* e *a*.

Para tal, depois de brevemente discutir o estatuto das preposições e das construções em que ocorrem (cap. 3), procedeu-se à análise de um pequeno conjunto de excertos retirados do *cetempublico*. Nessa análise, considera-se não só os casos em que há um sintagma preposicional seleccionado mas também aqueles em que há dois sintagmas preposicionais.

Na segunda parte da dissertação, como se disse antes, fazem-se algumas propostas de aplicação didáctica sobre este tema para alunos do terceiro ciclo.

## ABSTRACT

This dissertation aims at exploring some aspects which characterize the distinction between complements and prepositional modifiers of the noun.

The thesis consists of two parts: a first one, long and developed, devoted to the linguistic analysis and discussion of the problem and a second part of teaching practice (didactic).

In the first part, the first two chapters will deal with the issue of the argumentative structure of the nouns, particularly the nominalizations, based on studies carried on by some authors such as Pustejovsky (1995), Dowty (1991), Grimshaw (1990) and Brito & Oliveira (1997).

In order to clarify and understand under what conditions one can be sure that a selected phrase is a complement or a modifier, this study has applied some tests by Colaço et alii (2007/2008) to the selected phrases, that is to prepositional phrases with the prepositions “de” and “a”.

After a brief approach on the status of the prepositions and a study of the cases in which they occur (chapter 3), a small set of excerpts taken from the *cetempublico* were analyzed. This analysis focus not only on the examples where one has only one prepositional phrase but also on those where we can identify two prepositional phrases.

The second part of this dissertation, as it was referred before, provides some teaching practice suggestions related to this issue that can be applied to students from eleven to fifteen years old.

## AGRADECIMENTOS

Terminado este trabalho, não posso deixar de tornar presentes todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a sua realização, manifestando aqui o meu reconhecimento. Desta forma, ao finalizar este trabalho desejo expressar a minha satisfação e agradecimento a todos os que me deram o privilégio de ter usufruído do seu inestimável contributo.

À Professora Doutora Fátima Oliveira, quero expressar a minha profunda gratidão por ter acreditado no meu projecto e por me ter motivado a continuar sempre que a minha auto-confiança era abalada. A disponibilidade demonstrada, o seu empenho e rigor científico na orientação permitiram a execução deste trabalho. Agradeço também o encorajamento e todas as sugestões e correcções que ajudaram a estruturar este trabalho. Agradeço também o cuidado com que leu as sucessivas versões deste trabalho e a sua crítica constante.

Agradeço igualmente à Professora Doutora Matilde Miguel pela sua disponibilidade, generosidade e pela cedência de bibliografia.

À incansável Deolinda do CLUP que me facilitou o acesso a consultas bibliográficas, disponibilizando-me todos os instrumentos de que necessitava para a realização deste trabalho.

Aos colegas e amigos que me estimularam e auxiliaram neste processo.

Aos meus alunos dedico a minha vontade em querer saber mais.

Aos meus pais, pelo apoio, incentivo e carinho absolutos, de quem só quer o melhor para mim.

À minha irmã e avó pela paciência, pela confiança e, sobretudo, pela preocupação e consideração com que sempre me acarinharam.

Ao Eduardo, pela sua inocência e alegria. Agradeço-lhe as gargalhadas e os mimos que, com ternura e amor infinitos, souberam alegrar os meus dias mais cinzentos.

Ao Ricardo, uma inesgotável fonte de apoio, pelo carinho, compreensão, preocupação e dedicação constantes e por ter feito sempre tudo o que esteve ao seu alcance para que eu pudesse levar este barco a bom porto.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	I
<b>ABSTRACT</b> .....	II
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	III
<b>Introdução</b> .....	1
<b>I. Questões gerais sobre os Complementos e os Modificadores</b> .....	3
1.1 A perspectiva de Pustejovsky (1995) .....	6
1.1.1 A estrutura argumental nos verbos .....	7
1.1.2 Estrutura Qualia .....	12
1.2 A perspectiva de Dowty (1991) .....	14
1.3 A perspectiva de Grimshaw (1990) .....	17
1.3.1 Diferenças aspectuais .....	19
1.3.1.1 Os modificadores aspectuais .....	19
1.3.1.2 As orações infinitivas .....	22
1.3.2 O sistema dos determinantes .....	22
1.3.3 A pluralidade dos nomes .....	24
1.3.4 Adjectivos do tipo «frequente» e «constante» .....	25
1.3.5 by phrases .....	26
1.4 A perspectiva de Brito e Oliveira (1997).....	27
<b>II. Considerações sobre a estrutura argumental em algumas Gramáticas</b> .....	40
2.1. <i>Gramática Descriptiva de la Lengua Española</i> de Bosque e Demonte (1999) .....	40
2.1.1 Complementos nominais e complementos adjuntos .....	40
2.1.2 Complementos argumentais .....	41
2.1.3 Complementos expressos por sintagmas preposicionais .....	43
2.1.4 Modificadores adjectivais .....	46
2.1.5 Os participios como modificadores nominais .....	49
2.1.6 Outros modificadores do sintagma nominal .....	50
2.1.7 As nominalizações e seus argumentos .....	53
2.2. <i>Gramática da Língua Portuguesa</i> de Mateus et alii (2003) .....	56
2.2.1 Sobre a estrutura argumental e os papéis temáticos .....	56

2.2.2 A estrutura argumental dos nomes .....	57
2.2.2.1 Os nomes não relacionáveis lexicalmente com outras categorias .....	61
<b>III. Os complementos e modificadores preposicionais do nome .....</b>	<b>63</b>
3.1 O estatuto da Preposição na Gramática Tradicional .....	63
3.2 O nome: complementos e modificadores preposicionais .....	66
3.2.1 Complementos e modificadores preposicionais nos nomes derivados .....	67
3.2.1.1 Nomes denominais .....	68
3.2.1.2 Nomes deverbais .....	68
3.2.1.3 Nomes de adjectivais .....	70
3.2.1.4 Os nomes de medida .....	70
3.2.1.5 Outro tipo de nomes .....	74
3.3 Testes utilizados para distinguir os modificadores dos complementos .....	80
3.3.1 Deslocação à direita (extraposição) .....	81
3.3.2 A ordem .....	81
3.3.3 A coordenação .....	82
3.3.4 A quantidade .....	82
<b>IV. Análise do corpus e interpretação dos dados .....</b>	<b>84</b>
4.1 Introdução .....	84
4.2 Metodologia .....	84
4.3 Análise dos dados obtidos .....	85
4.3.1 A preposição <i>de</i> .....	86
4.3.2 A preposição <i>a</i> .....	90
<b>V. Aplicação prática .....</b>	<b>94</b>
5.1 O ensino da gramática .....	94
5.2 A TLEBS .....	96
5.2.1 Complemento do nome .....	97
5.2.2 Modificadores do nome .....	97
5.3 Propostas de actividades didácticas para o terceiro ciclo .....	100
<b>VI. Conclusão .....</b>	<b>107</b>

**Referências Bibliográficas** .....110

**Anexos** .....115

## **Introdução**

O gosto pelo conhecimento da língua e a paixão pela comunicação são os responsáveis pelo presente trabalho. O objectivo de aprofundar o conhecimento sobre a língua portuguesa corporizou-se significativamente a partir dos Seminários feitos no âmbito do Curso de Mestrado de Linguística. Entre as muitas interessantes questões suscitadas, considere relevante estudar alguns aspectos da distinção entre complementos e modificadores preposicionais do nome, dado tratar-se de um campo de investigação que levanta interessantes problemas linguísticos e de aplicação ao ensino.

Este trabalho é maioritariamente de análise linguística embora haja uma segunda parte, onde se faz uma aplicação didáctica desta questão para assim ser aplicada em situação de sala de aula. O ter contemplado esta parte deve-se ao facto de ser docente e leccionar a disciplina de Português a alunos do terceiro ciclo.

São vários os objectivos que nos propusemos atingir, contudo, um objectivo premente é a contribuição para a compreensão da distinção entre complementos e modificadores preposicionais do nome. O objectivo maior é, pois, o de promover uma nova abordagem da gramática, no ambiente de sala de aula, do estudo da preposição *de* e *a* no que diz respeito aos complementos vs modificadores. Acredito que a melhor motivação que se poderá dar aos alunos para o estudo da gramática é apresentá-la como uma actividade acessível e divertida sem esquecer a necessidade de rigor e de metodologias adequadas. Esta nova abordagem deve, por isso, estar presente nas gramáticas escolares do Português para que o funcionamento da língua seja compreendido por todos os que a usam e por todos os aprendentes. Finalmente, um objectivo, sempre presente em estudos linguísticos, é contribuir para o estudo geral da língua, nomeadamente, no caso presente, no que diz respeito à complementação/modificação dos nomes e ao aspecto nominal.

Para tal, no capítulo I, fez-se uma reflexão que envolveu a problematização de importantes questões teóricas sobre a distinção entre complementos e modificadores. Com efeito, as noções de argumento obrigatório e opcional, de argumento externo e interno, de circunstante, adjunto ou não-argumento assumem particular importância para o nosso estudo. Desenvolvendo esta perspectiva, é possível dizer que os argumentos desempenham no todo da frase papéis ou funções semânticas. Por outro lado, as funções semânticas estão em grande parte associadas aos tipos de situações e

aos tipos aspectuais de predicadores. Para ilustrar esta temática, achámos relevante referir as propostas de Pustejovsky (1995) e de Dowty (1991).

Ainda neste capítulo, contemplámos a perspectiva de Grimshaw (1990) no que diz respeito à estrutura argumental dos nomes derivados. Segundo a autora, os argumentos dos nomes eventivos correspondem aos dos verbos de que derivam enquanto que os nomes resultativos não têm estrutura argumental, comportando-se como nomes não derivados. Vários linguistas apresentaram um conjunto de restrições à ocorrência dos nomes de interpretação eventiva/resultativa. Nos dados do Português, Brito e Oliveira (1997) fizeram objecções à teoria de Grimshaw, contrapondo alguns testes propostos pela linguista. De facto, Brito e Oliveira (1997) diferenciam a leitura resultativa, a leitura eventiva e a de indivíduo. Segundo as autoras, as duas primeiras preservam a estrutura argumental dos verbos correspondentes e apenas a leitura de indivíduo contempla as características apontadas aos nominais designados resultativos na óptica de Grimshaw.

Reflectiu-se igualmente sobre a análise feita sobre os nomes, quanto aos complementos e modificadores, preconizada por Rigau, na *Gramática Descritiva de la Lengua Española* de Ignacio Bosque e Violeta Demonte (1999: cap.V) e por Brito, na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et alii (2003: cap. 11).

No capítulo III, fez-se uma análise prática dos complementos e modificadores preposicionais do nome, apresentando primeiramente o estatuto da Preposição e, de seguida, alguns testes que permitem distinguir complementos e modificadores. Foi feita igualmente uma abordagem mais específica dos nomes deverbais, de adjectivais e nomes de medida.

No capítulo IV, analisou-se um pequeno conjunto de excertos retirados do *cetempublico*. Procurámos observar os Spreps, introduzidos por *de* e *a*, no que diz respeito à complementação e à modificação.

No capítulo V, apresentou-se a abordagem proposta pela TLEBS quanto aos complementos e modificadores preposicionais do nome e, de seguida, propôs-se exemplos de actividades didácticas para exercitar este conteúdo gramatical.

## I. Questões gerais sobre os complementos e os modificadores do nome

*«A linguagem permite-nos falar acerca do mundo e transmitir informação uns aos outros acerca de nós próprios e do que nos rodeia.»*  
(Oliveira, F., 1996)

Os nomes são categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente por serem utilizados numa situação concreta de comunicação, com uma função designatória ou de nomeação. Dentro da classe dos nomes, distinguimos os nomes próprios dos nomes comuns, já que ambas as subclasses têm um comportamento semântico e morfo-sintáctico diferente. Nesta tese, vamos dar destaque aos nomes comuns, não tendo sido objecto de estudo os nomes próprios.

O nome ou SN pode ser precedido de determinantes ou de quantificadores e pode seleccionar adjectivos ou grupos preposicionais como seus complementos e também ser modificado por modificadores do nome. As questões relevantes a que tentaremos responder situam-se a vários níveis: primeiro, dizem respeito à estrutura argumental dos SNs, isto é, quando é que podemos falar de complemento e/ou de modificador; segundo, qual a preposição mais utilizada dentro dos SNs.

Desde Chomsky (1970) que se admite que os verbos e os nomes deverbais que lhes correspondem partilham propriedades semânticas substanciais (cf. Brito 1984, 1996, Grimshaw 1990).

Contudo, como lembrado em Hoekstra (1999):

“[Chomsky 1970 assumes that] nominal structures such as (1a) are not transformationally derived from corresponding verbal structures, but are generated in their own right, with a nominal head projecting a nominal phrase in a way parallel to a verbal head projecting a clausal structure. Although there are many parallels indeed, there are also differences of a categorical nature. In particular, while verbs can take nominal complements, such complements are excluded in the nominal domain, as shown in (1b).

- (1) (a) The enemy's destruction of the city.  
(b) \* The enemy' destruction the city

In order to deal with this unexpected asymmetry, it is assumed that nominal complements require Case, and that nouns, unlike verbs, are unable to assign Case. Therefore, a prepositional element is called for, to provide Case for the nominal complement, as prepositions, like verbs, are able to assign Case.” (ob. cit.163-164).

Vários autores (como Brito e Oliveira (1997), entre outros) assumem que as relações temáticas e a estrutura argumental dos nomes e dos verbos não são necessariamente paralelas. Isso explica que existam diferenças entre o nome e o verbo:

- (i) diferentemente dos verbos, os nomes não projectam obrigatoriamente os seus argumentos (cf.(2));
- (ii) os verbos autorizam extracção de um objecto directo sobre um sujeito, mas os nomes não autorizam essa extracção, em presença de um sujeito lexical (cf.(3)).

(2) a. a oferta.

b. ?? O João ofereceu.

(3) a. O que<sub>i</sub> trouxe [e]<sub>i</sub> o João?

b. \* De quem viste um quadro de Rembrandt?

Segundo Grimshaw (1990), os nomes diferem dos verbos essencialmente por serem tematicamente defectivos. A incapacidade de atribuírem papel temático aos seus argumentos sem o auxílio de preposições é a propriedade distintiva dos nomes.

Com um certo número de nomes deverbais transitivos, segundo a terminologia proposta por Grimshaw, que denotam processos ou eventos e que contêm um *objecto afectado*, como, por exemplo, *revogação, reabilitação, demolição, destruição, captura, assassínio, construção, invasão*, Picallo (1999) mostra que o agente só pode assumir a forma de um sintagma-*por*, como ilustrado pelo contraste entre (4a -7a) e (4b -7b):

(4) a.\* a demolição do edifício da ponte

b. a demolição do edifício pela empresa

(5) a. \* a captura do assassínio da polícia

b. a captura do assassínio pela polícia

(6) a. \* a revogação do decreto do ministro

b. a revogação do decreto pelo ministro

(7) a. # a reabilitação dos bairros históricos da câmara<sup>(1)</sup>

b. a reabilitação dos bairros históricos pela câmara.

Lopes (1996: 10), analisando o funcionamento dos nomes deverbais, defende que muitos deles são ambíguos, pois sugerem quer a interpretação eventiva, quer a resultativa. A autora questiona se esta ambiguidade provém da base ou não. É nesta reflexão que muitos autores afirmam que os nomes derivados de verbos de *accomplishment* se dividem em dois grupos: os que mantêm as propriedades dos verbos correspondentes e os que denotam uma entidade concreta que é o resultado de um processo. Este último grupo não tem propriedades aspectuais, sendo o mesmo fenómeno que se verifica nos nomes não derivados. Os nomes deverbais com interpretação eventiva mantêm a significação básica e a função de predicação dos verbos de que derivam, reproduzem a estrutura e os conteúdos comandados pelo verbo. Importa realçar que também se encontram nestas nominalizações as mesmas funções semânticas que são atribuídas aos argumentos dos verbos correspondentes. Em suma, há, duma maneira geral, uma correspondência entre a valência dos nomes e a dos verbos de que derivam. Nos nomes deverbais com leitura de indivíduo não se pode falar propriamente destas características, pois não dispõem de uma grelha temática. (cf. Brito e Oliveira 1997).

Para o estudo dos nomes deverbais torna-se pertinente referir alguns aspectos que podem contribuir para a compreensão das construções nominais. É assim importante referir que os nomes e os verbos partilham as seguintes características:

a) a selecção de complementos;

b) são categorias lexicais.

---

<sup>(1)</sup> Nota-se que o exemplo apresentado em (7a) tem um significado que não é relevante para o que se pretende afirmar neste contexto.

Contudo, uma análise atenta mostra que as duas categorias apresentam aspectos divergentes, os quais se resumem:

- a) na opcionalidade da presença dos complementos dos nomes;
- b) na presença obrigatória de preposições a preceder os complementos nominais e a sua ausência nas construções verbais, no caso dos verbos transitivos.

Contrariamente aos verbos, o nome é considerado defectivo por alguns autores quanto à sua capacidade de marcar tematicamente os seus complementos, o que só se consegue com o auxílio de uma preposição.

Na medida em que os verbos são as palavras predicativas por excelência, são notáveis inúmeros estudos sobre esta classe gramatical. No entanto, há outras palavras que têm igualmente estrutura argumental ou grelha temática, como por exemplo os nomes, em particular as nominalizações.

Tendo em conta que a maioria dos trabalhos relativos a estas noções assenta nos pressupostos teóricos delineados em Pustejovsky (1995) e Dowty (1991)<sup>(2)</sup> esboçam-se, neste capítulo, as linhas gerais de cada autor.

### **1.1 A perspectiva de Pustejovsky (1995)**

A estrutura argumental de uma palavra predicativa, isto é, a indicação do número e da natureza dos seus argumentos constitui a especificação lexical mínima dessa palavra. Para descrever a estrutura argumental de uma palavra predicativa, é necessário ter em conta a distinção entre argumentos<sup>(3)</sup> e modificadores<sup>(4)</sup>. Estes últimos são unidades que fazem parte da interpretação situacional, mas não dependem de nenhum item lexical presente na frase.

---

<sup>(2)</sup> Uma classificação dos predicados verbais – como a proposta em Dowty (1979), Vendler (1967) – assenta no estudo das convenções utilizadas pelas línguas naturais para organizarem noções como as de *estados de coisas* em categorias como *states*, *activities*, *accomplishments*, *achievements* (Vendler 1967), organização crucial para a compreensão da semântica dos predicados verbais e das frases.

<sup>(3)</sup> Segundo Gonçalves, A. (2005), as expressões seleccionadas pelo predicado, predicador ou palavra predicativa designam-se argumentos. Os argumentos são as expressões linguísticas que denotam as entidades às quais o predicador atribui uma propriedade ou entre as quais se estabelece uma relação por intermédio do predicador. Para a autora, os argumentos distinguem-se dos adjuntos, estes dão informação sobre o estado de coisas descrito, mas não são essenciais para a formação da predicação, uma vez que não são seleccionados por qualquer núcleo lexical.

<sup>(4)</sup> Também denominados adjuntos.

Pustejovsky descreve um formalismo para a estruturação de informações semânticas referentes aos itens lexicais, na forma de uma estrutura denominada Qualia e discute como essa representação lexical pode ser usada para gerar estruturas hierárquicas que associam a informação conceptual ao conceito de um léxico global.

Pustejovsky considera que, para modelar um léxico semântico global, devem ser representados quatro níveis de estruturas:

- A estrutura de argumentos que indica como a palavra deve ser «mapeada» para uma expressão sintáctica.
- A estrutura de eventos que identifica o tipo de evento particular para uma palavra ou frase.
- A estrutura Qualia que contém os atributos essenciais de um objecto, eventos e relações que definem o item lexical.
- A Estrutura de herança que determina a relação entre uma palavra e outros conceitos no léxico.

Estes níveis dão conta, respectivamente, do número e do tipo dos argumentos de um predicado, da caracterização de um evento associado a uma expressão lexical, dos objectos semânticos que definem o significado de um item lexical.

### **1.1.1 A estrutura argumental nos verbos**

A estrutura argumental, definida como uma especificação dos argumentos de um predicado (número de argumentos, tipo sintáctico e semântico, realização sintáctica), foi objecto de investigação importante no âmbito da semântica lexical, particularmente dos estudos sobre a interface sintaxe-semântica.

Pustejovsky (1995) propõe um nível de representação independente para a estrutura argumental dos itens lexicais e distingue quatro tipos de argumentos: os verdadeiros argumentos, os argumentos por defeito, os argumentos sombra e os verdadeiros adjuntos.

Na descrição da estrutura argumental de um verbo, é importante ter em conta o número de argumentos que ele exige. Há verbos com zero argumentos<sup>(5)</sup>, verbos com um argumento<sup>(6)</sup>, verbos com dois argumentos<sup>(7)</sup> e verbos com três argumentos<sup>(8)</sup>.

A estrutura de argumentos especifica o número e o tipo de argumentos lógicos associados normalmente aos verbos, e o modo como estes argumentos são realizados sintacticamente. Como já se mencionou antes, Pustejovsky identifica quatro tipos de argumentos para os itens lexicais e ilustra a distinção entre os mesmos através dos verbos. Assim, propõe um nível de representação independente para a estrutura argumental dos itens lexicais e distingue os seguintes argumentos apresentados de uma forma sistemática:

(i) **Argumentos verdadeiros** (*True Arguments*)

Os verdadeiros argumentos são aqueles que têm de estar sintacticamente realizados. Nos exemplos (8) e (9), as expressões entre parêntesis rectos são verdadeiros argumentos das palavras predicativas sublinhadas:

(8) [O João] chegou tarde.

(9) [O João] deu [uma rosa] [à Joana].

Pustejovsky define os verdadeiros argumentos como sendo “syntactically realized parameters of the lexical item” (p.63).

São, pois, parâmetros sintacticamente realizados de um item lexical, como em (10), em que o verbo *levantar* tem o argumento *o João* em posição de sujeito.

(10) O João levantou-se tarde.

Os argumentos verdadeiros são, assim, de realização sintáctica obrigatória. A sua não realização induz normalmente agramaticalidade, como se exemplifica em (11a) e (11b).

---

<sup>(5)</sup> Contam-se entre eles os verbos meteorológicos (*chover, nevar, trovejar*, etc)

<sup>(6)</sup> Contam-se entre eles os verbos intransitivos como *espirrar, tossir*, e verbos inacusativos como *desmaiar, nascer, morrer*, etc.

<sup>(7)</sup> Contam-se entre eles verbos transitivos como *amar, escrever* e verbos como *gostar, telefonar*, etc.

<sup>(8)</sup> Contam-se entre eles verbos ditransitivos como *oferecer, dar, perguntar* e verbos como *colocar, pôr, esconder*, etc.

- (11) a. \*O João pôs.
- b. \*O João pôs o livro.
- c. O João pôs o livro na prateleira.

Pustejovsky refere também os verbos de alternância. Estes caracterizam-se por exibirem duas variantes: por um lado, a grelha temática do verbo mantém-se em cada uma das variantes; por outro lado, uma das variantes selecciona menos um argumento do que a outra. Vejamos o seguinte exemplo:

- (12) a. O João quebrou a janela.
- b. A janela quebrou-se.

Enquanto que em (12a), o verbo *quebrar* é causativo transitivo, em (12b), o mesmo verbo exhibe uma variante não causativa inacusativa, sem argumento externo em que o argumento interno directo ocorre como sujeito.

(ii) **Argumentos por defeito** (*Default Arguments*)

Contrariamente aos verdadeiros argumentos, os argumentos por defeito designam argumentos que participam na descrição do significado da palavra predicativa, como verificamos em (13)

- (13) O João construiu a marquise *com tijolos de vidro*.

São parâmetros que participam na estrutura Qualia, mas não são necessariamente expressos sintacticamente, como é o caso de *com tijolos* em (14):

- (14) O João construiu a casa *com tijolos*.

Os exemplos do autor são bastante elucidativos quanto à informação que esta representação dos argumentos veicula acerca da estrutura argumental de um item lexical. A omissão de um argumento verdadeiro, como na frase em (15a), gera agramaticalidade.

Os argumentos por defeito são considerados implícitos por estarem já expressos nos *qualia* do item lexical. Só têm realização sintáctica em função de factores

contextuais ou discursivos, sendo por isso opcionais, como comprova o exemplo (15b-c):

- (15) a. \*O João construiu.
- b. O João construiu uma parede da casa.
- c. O João construiu uma parede da casa *com tijolos/de vidro*.

Em (16), o verbo *esculpir* é um verbo de alternância locativa na medida em que apresenta uma variante em que o argumento Tema tem a relação gramatical de objecto directo e o argumento Locativo uma relação gramatical oblíqua e outra variante em que a relação gramatical de objecto directo é desempenhada pelo argumento Locativo e o argumento Tema tem uma relação gramatical oblíqua. Vejam-se os exemplos (16):

- (16) a. Maria esculpiu a boneca *com madeira*.
- b. Maria esculpiu na madeira uma boneca.
- c. Maria esculpiu uma boneca (produto).
- d. Maria esculpiu a madeira (matéria-prima).

(iii) **Argumentos sombra** (*Shadow Arguments*)

Estes são parâmetros que são semanticamente incorporados no item lexical. Os argumentos-sombra integram obrigatoriamente o conteúdo semântico do item lexical. Como consequência, estando eles já incorporados na semântica do item lexical, só podem realizar-se sintacticamente mediante condições excepcionais (confrontem-se os exemplos (17) e (17)'):

- (17) #O João pregou a tábua com pregos.
- (17)' O João pregou a tábua com pregos dourados.

Os argumentos sombra estão semanticamente incorporados na palavra predicativa, como em (18), (19) e (20), podendo aparecer autonomizados.

- (18) O João chorou *lágrimas de raiva*.
- (19) Chovia *uma chuva miudinha*.

(20) A Maria adoçou o café *com um ótimo adoçante*.

Os argumentos-sombra estão semanticamente incorporados no item lexical e só são expressos em determinadas condições.

(21) a. O João pintou o quarto.

b. ?? O João pintou o quarto com tinta.

c. O João pintou o quarto com tinta lavável.

Atribuindo a *pintar* o significado de “cobrir com tinta”, a realização de *com tinta* em (21b) é redundante, tornando a expressão não totalmente aceitável<sup>(9)</sup>. No entanto, num caso de introdução de uma maior especificação, como em (21c), a realização do argumento em causa já é aceitável.

#### (iv) **Adjuntos verdadeiros** (*True Adjuncts*)

Os adjuntos verdadeiros são parâmetros que modificam a expressão lógica, mas são parte de uma interpretação situacional, e não são ligados a nenhuma representação semântica particular de itens lexicais. Pertencem à interpretação situacional. Estes adjuntos incluem expressões de modificação temporal ou espacial.

Com efeito, os adjuntos são modificadores, de que são exemplo os temporais e os locativos, que fazem parte da interpretação situacional de uma expressão, mas que não estão ligados à representação específica de um item lexical. Como tal, a sua realização é opcional. Os verdadeiros adjuntos são, segundo Pustejovsky (1995:64), “parameters which modify the logical expression, but are part of the situational interpretation, and are not tied to any particular lexical item’s semantic representation. These include adjunct expressions of temporal or spatial modifications”.

Isto está ilustrado em (22):

(22) A Maria vai para o centro de Nova York *às terças*<sup>(10)</sup>

---

<sup>(9)</sup> O exemplo (21b) não é totalmente agramatical, na medida em que poderíamos aceitar a seguinte frase:

(i) O João pintou o quarto com cal.

<sup>(10)</sup> Exemplo adaptado de Pustejovsky (1995).

Estes parâmetros incluem as expressões de modificação temporal ou espacial, como podemos verificar em (23a) e (23b), respectivamente.

(23) a. A Maria dormiu *até tarde no domingo*.

b. O Rui almoçou *na cantina*.

### 1.1.2 Estrutura Qualia

A estrutura Qualia é um sistema de relações que caracteriza a semântica de itens lexicais. Como refere Pustejovsky (1995: 85), «we can think of qualia, in some sense, as that set of properties or events associated with a lexical item which best explain what that word means.»

Os elementos que constroem a estrutura Qualia incluem noções de constituintes, espaço, figura, superfície, etc., e estão organizados em quatro aspectos do significado da palavra. Cada aspecto refere-se a um “papel” ou função associada ao significado, sendo tais papéis denominados como “papel constituinte”, “papel formal”, “papel télico” e “papel agente”. Assim,

- O Papel Constituinte (“Const”) diz respeito a material, peso e partes e relaciona um objecto e suas partes constituintes;
- O Papel Formal (“Form”) diz respeito a orientação, magnitude, forma, cor, posição e distingue os objectos dentro de um domínio maior.
- O Papel Télico (“Telic”) diz respeito ao objectivo de um agente na realização. Este papel especifica objectivo e função.
- O Papel Agente (“Agent”) está relacionado com criador, cadeia causal e especifica factores envolvidos na origem ou construção de um objecto.

Pustejovsky (1995) refere igualmente o caso da polissemia e, por achá-lo relevante para o nosso estudo, queremos aqui debruçarmo-nos um pouco sobre ele. O linguista considera que, para representar os diferentes comportamentos semânticos dos nomes polissémicos, seja necessária uma interacção entre a estrutura de argumentos e a estrutura Qualia.

É notória a existência de uma relação semântica entre os significados de *livro* em (24), contrariamente aos significados de *banco*, em (25), que não parecem apresentar qualquer relação semântica entre si, ou seja, pode estabelecer-se uma relação entre os significados de *livro* – informação – e *livro* – objecto físico – em (24a) e (25b), respectivamente. Em contrapartida, não é possível estabelecer-se qualquer relação semântica entre os significados de *banco* – peça de mobília/assento – e *banco* – instituição financeira – presentes em (25a) e (25b), respectivamente.

(24) a. Este *livro* é muito deprimente.

b. A Maria deixou o *livro* em cima da mesa.

(25) a. A Maria foi buscar o *banco* à cozinha.

b. É neste *banco* que o João deposita o seu dinheiro.

A ambiguidade lexical é expressa através de múltiplas listas de entradas lexicais para um dado item. Pustejovsky (1995: 56) aborda o conceito de linguagem monomórfica e define-o como sendo «a language where lexical items and complex phrases are provided a single type and denotation. In all these views, every word has a literal meaning. Lexical ambiguity is treated by multiple listing of words, both for contrastive ambiguity and logical polysemy.”

A par da categoria nominal, as categorias verbais também apresentam comportamentos polissémicos. O exemplo em (26) ilustra um caso de polissemia verbal.

(26) a. A Maria ferveu o leite.

b. O leite ferveu.

Podemos verificar que em (26) o mesmo verbo pode, sintacticamente, seleccionar diferentes tipos de complementos. Assim, do ponto de vista sintáctico, o mesmo verbo comporta-se quer como transitivo – (26a) – quer como ergativo – (26b).

Esta alternância encontra-se relacionada por um traço de causalidade, sendo considerada um caso de polissemia regular<sup>(11)</sup>.

---

<sup>(11)</sup> Pustejovsky (1995) argumenta que a participação de um verbo numa determinada alternância gramatical não é suficiente para determinar a sua classe semântica. Só se pode explicar o comportamento de uma determinada classe semântica se se assumir que os diferentes padrões sintácticos de uma dada alternância não são independentes da informação contida nos argumentos envolvidos nessa alternância. De um modo mais simples, a diversidade relativamente ao tipo de complementos que um verbo, ou outra

No entanto, apesar das diferentes estruturas sintácticas, existe uma relação semântica entre o significado dos diversos complementos.

Outro papel a considerar ao caracterizar a estrutura argumental de uma palavra predicativa é o papel temático que cada argumento seleccionado pelo verbo tem, isto é, o tipo de relação semântica que associa cada argumento à palavra predicativa que o selecciona.

## **1.2 A perspectiva de Dowty (1991)**

A questão das relações temáticas tem sido objecto de muitas propostas, por vezes, dificilmente coincidentes na medida em que se tem verificado que é bastante difícil definir um conjunto limitado de papéis temáticos e encontrar critérios que possam identificá-los. De facto, o que se pode observar é que existem muitas definições de papéis temáticos, sendo algumas demasiado informais e vagas para um tratamento teórico. Corre-se, pois o risco de encontrar uma lista enorme de papéis temáticos, sendo que os critérios usados nessas definições nem sempre permitem a distinção de argumentos de modo inteiramente exclusivo. A lista mínima de papéis relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos no PE inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.

Em (27), (28) e (29), podemos verificar a natureza semântica do SN sujeito e dos seus constituintes que, neste caso particular, são complementos:

(27) a. \* O João deu um livro sem a Maria.

b. \* O João foi com Paris.

(28) \* A estante deu um livro à Maria.

(29) \* A sinceridade foi para Paris.

Como forma de ultrapassar este problema, Dowty (1991) propõe substituir as várias definições existentes pela consideração de um conjunto de propriedades semânticas que permitam associar em proto-papéis temáticos diversos critérios anteriormente utilizados para distinguir papéis temáticos.

---

categoria sintáctica, pode seleccionar é em grande parte determinada pela semântica dos próprios complementos.

Assim, para Dowty, basta considerar dois proto-papéis, a saber, Proto-Agente e Proto-Paciente. As propriedades de cada um deles são as seguintes:

(i) Propriedades que contribuem para o Proto-Papel Agente:

- a. envolvimento volitivo no evento ou no estado;
- b. conhecimento (e/ou percepção);
- c. causar um evento ou mudança de estado noutro participante;
- d. movimento (relativamente à posição de outro participante).

(ii) Propriedades que contribuem para o Proto-Papel Paciente:

- a. sofre mudança de estado;
- b. tema incremental;
- c. afecta causalmente por outro participante;
- d. estacionário relativamente ao movimento de outro participante.

Segundo Dowty (1991), o papel temático *agente* apresenta as seguintes propriedades: ter volição, ter consciência, ser aquilo que causa um evento ou mudança de estado em outro participante, estar em movimento em relação à posição de outro participante e existir independentemente do evento nomeado pelo verbo. Veja-se o exemplo (30) em que *O acusado* é agente por apresentar todas as propriedades especificadas acima e a frase estar na construção da *voz activa*. Em (31), mesmo com o agente implícito, reconhece-se nele a presença das propriedades apresentadas por Dowty e o preenchimento da posição de sujeito da frase no caso de o agente ser explicitado.

(30) O acusado empurrou a testemunha.

(31) Aceitamos encomendas de madeira.

Já se a posição de sujeito gramatical for ocupado por um papel temático com carácter passivo, ou seja, pelo paciente, falamos de voz passiva. Veja-se o exemplo (32):

(32) a. A verdade foi dita.

b. O João foi ferido (pelo Paulo).

Como o contraste entre os exemplos (33) e (34) mostra, quando as propriedades de selecção semântica do verbo não são respeitadas, a frase é agramatical, mesmo se o número de argumentos e a especificação categorial de cada um deles forem os exigidos para tal verbo.

(33) a. [O assaltante] *assassinou* [um polícia].

b. [A trovoadas] *assustou* [as crianças].

(34) a. \*[A tempestade] *assassinou* [um polícia].

b. \*[A trovoadas] *assustou* [a porta].

O contraste da agramaticalidade entre (33a) e (34a) deve-se ao facto de o verbo *assassinar* exigir como sujeito uma expressão nominal com o papel temático de Agente, isto é, uma expressão que designe a entidade que causa intencionalmente a eventualidade descrita pela frase; ora, enquanto o *criminoso* pode desempenhar esse papel, a *tempestade* não pode. No que se refere ao contraste entre (33b) e (34b), verbos psicológicos como *assustar* exigem que o argumento objecto seja uma expressão nominal que desempenhe o papel temático de Experienciador, isto é, seja uma expressão que designe uma entidade que experimente um dado estado psicológico.

Em síntese, o autor propõe que convém inicialmente separar as observações sobre eventuais papéis temáticos, apontando como essencial o seguinte:

«(i) In an adequate linguistic description, greater relative degrees of connectedness to previous discourse, givenness, etc., must be explicitly specified as a semantic correlate of grammatical subject denotations (in English-like languages.);

(ii) All putative instances of perspective-dependent thematic roles and other 'perspective-indicating' lexical entailment of words can be shown to be instances of (i) when properly analyzed.» (Dowty, 91: 182)

Um dos critérios propostos por Dowty diz respeito à distinção entre estados, por um lado, e não-estados (eventos), por outro e consiste na oposição entre eventualidades

em que não se verifica qualquer mudança de estado (estativas) e eventualidades em que se constata uma tal mudança (não estativas).

No conjunto dos predicados em que existe mudança de estado, podemos distinguir entre aqueles em que a mudança de estado é indefinida (actividades) e aqueles que apresentam uma mudança de estado bem definida, isto é, em que está presente uma culminação ou “fase conclusiva” (definite change-of-state predicates, performances). Quanto às “performances”, elas podem apresentar uma mudança de estado simples (“achievements”) ou uma mudança de estado complexa (“accomplishments”).

No seguimento das alternâncias nominais consideradas em Pustejovsky (1995) e da noção de papéis temáticos em Dowty (1991), analisemos agora a estrutura argumental dos nomes deverbais.

Para dar conta da diferença entre complementos e modificadores do nome foi importante analisar a abordagem proposta por Grimshaw (1990), para o Inglês, e, de seguida, de Brito e Oliveira (1997), para o PE.

### **1.3 A perspectiva de Grimshaw (1990)**

Na literatura sobre nominalizações, é costume dizer-se que os nomes deverbais podem ser resultativos ou eventivos. Diz-se, pois, que os primeiros se caracterizam pelo seu poder referencial, à semelhança dos nomes não derivados. Além disso, este tipo de nomes não apresenta estrutura argumental. (Veja-se, por exemplo, Grimshaw: 90).

Neste ponto, vamos assim dar conta da posição de Grimshaw quanto à categoria dos nomes e os testes utilizados pela mesma quanto à distinção entre leitura resultativa e leitura eventiva. Assim sendo, o presente ponto concentra-se na estrutura argumental dos nomes derivados.

Grimshaw (1990) assume basicamente duas classes de nomes em função da sua natureza lexical:

- (i) nomes eventivos cujo significado implica uma grelha argumental;
- (ii) nomes não eventivos ou resultativos, que não possuem estrutura argumental.

A ideia central, desenvolvida em Grimshaw, é a de que, enquanto os nomes derivados de predicados que tomam argumentos (verbos e adjectivos) estão associados a uma grelha argumental, os nomes não derivados, ou ainda os derivados com leitura

resultativa apenas se combinam com *modificadores*. A primeira diferença entre os primeiros e os segundos reside essencialmente no facto de os primeiros terem de realizar obrigatoriamente os seus argumentos subcategorizados, enquanto os segundos só realizam opcionalmente qualquer um dos participantes semânticos.

Assim, é neste sentido que a linguista refere que:

“A phrase P is an argument of a head H if the semantic contribution of P to the meaning of a sentence in which P is associated with H depends on the particular identity of H. Conversely, P is modifier if its semantic contribution is relatively constant across a range of sentences in which it combines with different heads.” (Grimshaw, 1990: 108).

De facto, a autora defende que os nomes eventivos complexos têm uma estrutura argumental, inerente à sua representação lexical, isto é, atribuem funções temáticas específicas, como os verbos, por oposição aos nomes resultativos, que não estão especificados para a estrutura argumental.

Em (35a), abaixo, o nome ocorre sem nenhum argumento subcategorizado e pode ser interpretado como um resultativo; denota uma entidade concreta, o que confere ao *possessivo genitivo* que o modifica um carácter ambíguo. Desta forma, pode ser interpretado como proprietário (*possuidor*) ou como criador (*agente*) ou ainda como *tema*. Pelo contrário, em (35b), o núcleo nominal tem uma leitura eventiva; a expressão genitiva ‘*John’s*’ é forçosamente interpretada como o agente. Nestes casos, a presença do objecto *of the patients* é obrigatória. Este último exemplo mostra que um nome eventivo tem uma grelha temática (*argument*)-*structure*, nos termos de Grimshaw, idêntica à do verbo que lhe corresponde.

- (35) a. John’s examination was long.
- b. John’s examination of the patients took a long time.
- c. The instructor examined \*(the documents).

Nesta perspectiva, apenas os resultativos apresentam uma assimetria relativamente aos verbos, uma vez que, como o confronto entre (35a), (35b) e (35c) mostra, o verbo também exige a presença dos dois argumentos.

Muitos dos problemas na análise das construções nominais derivam da ambiguidade interpretativa dos nomes deverbais. Assim sendo, é importante determinar

os contextos em que podem surgir os nomes deverbais aspectualmente eventivos ou resultativos.

Para distinguir a leitura eventiva da leitura resultativa, Grimshaw (1990) propõe testes que permitem fazer essa distinção. Assim, de seguida, apresentam-se alguns testes considerados relevantes para o nosso trabalho, tais como a diferença aspectual, o sistema de determinantes, as orações infinitivas, a pluralidade dos nomes, os adjectivos do tipo “frequente” e “constante” e “by phrases”.

### **1.3.1 Diferenças aspectuais**

#### **1.3.1.1 Os modificadores aspectuais**

Certas expressões adverbiais e preposicionais desempenham um papel importante na determinação dos tipos aspectuais das predicções. De entre elas, destacam-se os adverbiais temporais *durante x tempo* e *em x tempo*. No contexto de uma mesma construção, certas expressões adverbiais de tempo não marcam um ponto terminal e, portanto, dão origem a predicções atélicas (expressões adverbiais durativas); outras, pelo contrário, marcam ou delimitam um intervalo de tempo, ocorrendo com predicções télicas (expressões adverbiais de "medição de tempo" ou de "quantificação temporal"). Por outro lado, as expressões durativas que remetem para um longo período de tempo podem indiciar habitualidade ou frequência, ao passo que aquelas que se referem a intervalos mais curtos dão conta, preferencialmente, de actividades. É o que podemos ver em (36a) em que temos um processo ao passo que em (36b) temos um processo culminado.

(36) a. A Maria limpou o pó *durante duas horas*.

b. A Maria limpou o pó *em cinco minutos*.

Assim sendo, os adverbiais de tempo podem ser operadores aspectuais, isto é, podem modificar a natureza básica da predicção. Tendo em conta esta questão, iremos ver em que medida ela se aplica aos nomes deverbais.

Assim, os modificadores aspectuais que envolvem duração e limite como *em x tempo* e modificadores temporais durativos como *durante x tempo* podem ser utilizados, segundo Grimshaw, para evidenciar o contraste entre leituras eventivas e resultativas,

atribuídas a um mesmo nome. Tem sido observado que os modificadores aspectuais do tipo *em x tempo* se combinam com predicados télicos e que o modificador aspectual *durante x tempo* se combina com predicados atélicos. Deste modo, os nomes com leitura eventiva admitem o mesmo tipo de modificadores adverbiais que o predicado verbal que lhes corresponde, como se pode ver nos exemplos de (37), adaptados a partir de Grimshaw:

- (37) a. A total destruição da cidade *em dois dias* surpreendeu a população.
- b. \*A total destruição da cidade *durante dois dias* surpreendeu a população.
- c. Destruíram a cidade *em dois dias*/ #*durante dois dias*.

Por outro lado, quando o adverbial *durante x tempo* é admissível na construção como em (38a) e (38b) força a interpretação eventiva dos nomes deverbiais. Vejamos os seguintes exemplos:

- (38) a. Ele fez a última tradução do livro de Saramago *durante dois meses*.
- b. Ele fez a última tradução do livro de Saramago *em dois anos*.

As culminações encontram-se preferencialmente associadas a uma interpretação em que o estado consequente é medido pelo adverbial temporal, como ilustrado em ((39) – (41)), o que, no entanto, não exclui de forma alguma a possibilidade de iteração das referidas situações (cf. (42) e (43); veja-se, a este respeito, a discussão em Cunha (2006):

- (39) O João desmaiou *durante duas horas*.
- (40) A Teresa fechou a loja *durante duas horas*.
- (41) O Luís ligou o computador *durante duas horas*.
- (42) O Paulo chutou a bola *durante duas horas*.
- (43) O Zé fotografou a Câmara do Porto *durante duas horas*.

As paráfrases correspondentes às leituras preferenciais atribuídas aos exemplos (39) a (43), que a seguir são apresentadas, tornam bem evidentes as duas possibilidades de interpretação que estão disponíveis para as culminações quando combinadas com os adverbiais de simples duração:

- (44) O João esteve desmaiado *durante duas horas*. (estado consequente)
- (45) A loja da Teresa esteve fechada *durante duas horas*. (estado consequente)
- (46) O computador do Luís esteve ligado *durante duas horas*. (estado consequente)
- (47) O Paulo esteve a chutar a bola *durante duas horas*. (iteração)
- (48) O Zé esteve a fotografar a Câmara do Porto *durante duas horas* .(iteração)

Além disso, certas culminações suportam a presença do modificador adverbial *em x tempo*, sendo convertidas em processos culminados graças à adição de um processo preparatório ao seu perfil temporal interno básico, como verificamos em (49-51):

- (49) O polícia prendeu o assaltante *em dez minutos*.
- (50) O avião chegou ao aeroporto *em duas horas*.
- (51) A Rosa Mota ganhou a corrida *em duas horas e dez minutos*.

Considerando a que a natureza télica ou atélica de um predicado se reflecte na distribuição de advérbios temporais, verifica-se que os que denotam intervalo de tempo (*em x tempo*) estão restringidos a predicados télicos, como ilustrado em (52a), enquanto os durativos (*durante x tempo*) estão restringidos a predicados atélicos, como ilustrado em (52b).

- (52) a. A Maria comeu o chocolate num minuto/ \*durante cinco minutos.
- b. A Maria trabalhou durante uma hora/ \*em dez minutos.

Em síntese as actividades são compatíveis com complementos durativos, expressos através de *durante x tempo*, como em (53a) e os ‘accomplishments’ são compatíveis com complementos de valor temporal, expressos através de *em x tempo*, como em (53b).

- (53) a. Nadei *durante duas horas*.
- b. A Ana cozinhou o frango *em trinta minutos*.

Estes operadores aspectuais podem, assim, ter leituras ambíguas. Por exemplo, estas expressões temporais podem funcionar como operadores de localização temporal, como podemos verificar em (54a) ou como operadores de mediação temporal (ou duração), como em (54b).

(54) a. O Paulo esteve doente durante 2007 / em Agosto.

b. O Paulo esteve doente durante três meses / O Paulo escreveu este livro em menos de três meses

### 1.3.1.2 As orações infinitivas

Para Grimshaw, os nomes eventivos aceitam construções com orações infinitivas enquanto que nomes resultativos não as admitem. Com efeito, a linguista refere que, quando o nome tem uma interpretação resultativa, não admite uma oração infinitiva final enquanto que um nome eventivo admite tal construção.

Esta distinção pode ser comprovada com exemplos como (55) em que a ocorrência de uma oração final é agramatical quando o nome tem inequivocamente uma interpretação resultativa. Assim, enquanto os nomes eventivos aceitam construções com orações infinitivas, os resultativos não as admitem. Se (55a) for interpretado como o processo de *traduzir*, a ocorrência é gramatical, mas numa interpretação resultativa, em que o nome designa o objecto *tradução*, a ocorrência é agramatical, como em (55b).

(55) a. A tradução do último livro de Saramago para apresentar no congresso de tradução literária foi uma preocupação da editora.

b. \*A tradução do último livro de Saramago para apresentar no congresso de tradução literária foi uma preocupação da editora.

### 1.3.2 O sistema dos determinantes

A aproximação do determinante definido ao demonstrativo é bastante comum na literatura. Como refere Oliveira (1988: 15), «os demonstrativos foram, durante muito tempo, interpretáveis como um artigo definido acompanhado de uma indicação dêictica».

Por um lado, ambos parecem termos singulares, isto é, expressões que correspondem ao argumento, pois podem ocupar o lugar de variáveis individuais. Por outro lado, os demonstrativos e os artigos definidos podem ter uma interpretação específica em combinação com predicados não especificantes, o que não é válido com o indefinido:

(56) a. O homem/ este homem é loiro/ antipático.

b. Um homem é loiro/ antipático.

No entanto, como refere a linguista, «o artigo definido parece ser semanticamente mais determinado e por isso não precisa de apelar directamente ao contexto de enunciação, enquanto o demonstrativo, por ser mais vago relativamente à fixação de um referente, necessita desse contexto».

Há, portanto, diferenças entre o definido e o demonstrativo e um exemplo dessa diferença está patente na impossibilidade de um nome eventivo aceitar o demonstrativo e o indefinido.

Assim sendo, os nomes deverbais estão condicionados pelo aspecto, sobretudo na escolha de determinantes. Grimshaw refere várias restrições sobre a natureza dos determinantes que podem ocorrer com nomes eventivos. A autora considera que nem o artigo indefinido nem o demonstrativo «that» podem ocorrer com nomes eventivos, enquanto o artigo definido pode determinar quer nomes eventivos quer nomes resultativos. De facto, o determinante indefinido (*a*), o numeral (*one*) e o demonstrativo (*that*) só ocorrem com nomes resultativos; apenas o artigo definido ocorre com ambas as classes de nomes. Atente-se nos seguintes exemplos:

(57) a. They studied the / one/ that assignment.

b. They observed the /\*an/\*one/\*that assignment of the problem.

c. The assignment of that problem too early in the course always causes problems.

A partir do exemplo (57a-c), verificamos que o determinante indefinido (*a*), o numeral (*one*) e o demonstrativo (*that*) só ocorrem com nomes resultativos, enquanto o artigo definido pode ocorrer com nomes eventivos e resultativos. Deste modo, quando *assignment* está associado com uma estrutura argumental, apenas admite o determinante

definido (cf. (57b-c)); em consequência, depreende-se que os nomes eventivos não podem ocorrer com o indefinido.

Os nomes eventivos podem, assim, ser acompanhados pelo artigo definido, mas não pelo artigo indefinido nem pelo demonstrativo. Grimshaw exclui ainda a possibilidade de ocorrência do numeral «one» com nomes eventivos.

No entanto, a observação de alguns exemplos levanta dúvidas sobre a possibilidade de generalização das restrições sobre a natureza do determinante em Português, como podemos verificar nos exemplos em (58) e (59):

- (58) a. Uma tradução de *A Cegueira* de Saramago demorou mais de dois anos.
- b. Uma observação de *A Cegueira* de Saramago levou muito tempo.
- c. Uma certa tradução de *A Cegueira* de Saramago levou muito tempo.

- (59) a. Esta / essa observação do doente demorou muito.
- b. Esta / essa tradução demorou imenso tempo.

Embora os nomes que ocorrem em (58) e (59) tenham uma interpretação eventiva, como comprova o contexto durativo em que estão inseridos, o artigo indefinido e o demonstrativo são perfeitamente aceitáveis, o que mostra que em certas condições, estes determinantes podem ser usados com nomes de interpretação eventiva.

### 1.3.3 A pluralidade dos nomes

Grimshaw considera também que os nomes eventivos não pluralizam como em (60a) e (61a) exemplificam, em contraste com (60b) e (61b):

- (60) a. As diversas traduções da obra de Saramago influenciaram a literatura portuguesa do século XX1. (\*em pouco tempo).
- b. As diversas traduções da obra de Saramago estão na biblioteca da FLUP.

- (61) a. As construções de barragens foram interditas naquela zona. (\*em pouco tempo).
- b. O inspector visitou as construções de barragens no norte do país.

Para a linguista, o eventivo só pode ser pluralizável, quando acompanhado do modificador aspectual *frequente*:

(62) Temos vindo a assistir a frequentes bombardeamentos.

Porém, em português, outras ocorrências são possíveis com a presença de um modificador:

(63) a. Israel tem sofrido bombardeamentos sangrentos.

b. A cidade sofreu vários bombardeamentos.

Conforme poderemos observar no capítulo seguinte, Brito e Oliveira (1995) propõem contra-exemplos em relação às posições de Grimshaw porque, em português, o nominal eventivo pode ser pluralizado, como podemos verificar no seguinte exemplo:

(64) Os jornalistas estavam a assistir a invasões de cidades quando chegou a notícia.

Grimshaw acrescenta que os nomes resultativos, por denotar em objectos contáveis, podem pluralizar como em (65a), enquanto que os eventivos, sendo não contáveis, não pluralizam, como em (65b):

(65) a. Um exame / dois exames

b. \* Uma examinação de papéis / \* examinações de papéis

#### 1.3.4 Adjectivos do tipo “frequente” e “constante”

Segundo a autora, determinados modificadores aspectuais, como *frequente* e *constante*, só ocorrem com nomes eventivos, uma vez que esses modificadores precisam de ser licenciados por uma estrutura eventiva, tal é o caso dos exemplos (66):

(66) a. A *frequente* observação de doentes é fundamental para a formação dos médicos.

b. A (??*frequente*) observação dos doentes é cuidadosamente arquivada.

A razão da agramaticalidade de (66b) apontada por Grimshaw é que o modificador *frequente* é licenciado por uma estrutura eventiva.

Repare-se, no entanto, que o modificador aspectual *frequente* pode ter um valor iterativo, como em (67) e em (68) e, nesse caso, é compatível com uma interpretação resultativa. No entanto, repare-se na agramaticalidade da frase (68b) em que *constante*, no singular, é incompatível com o nome *intervenção*.

(67) a. A *frequente* construção de barragens altera irremediavelmente o ambiente.

b. A *constante* construção de barragens altera irremediavelmente o ambiente.

(68) a. A *frequente* intervenção do candidato nos órgãos de comunicação social acaba por desgastar a sua imagem.

b. \*A *constante* intervenção do candidato nos órgãos de comunicação social acabaram por desgastar a sua imagem.

### 1.3.5 *by phrases*

Para Grimshaw, a inserção de um sintagma introduzido por *by* terá o mesmo efeito que os adjectivos do tipo *constante/frequente*, na medida em que força a leitura eventiva. Veja-se (69):

(69) a. The expression \*(of aggressive feelings) by patients

b. The assignement \*(of unsolvable problems) by the instructor

Em síntese, as diferenças entre nomes referenciais (isto é, concretos- *R-nominals*) e nomes com estrutura argumental (isto é, eventivos- *AS-Nominals*) descritas em Grimshaw (1990) podem ser resumidas no quadro seguinte.

Quadro 1<sup>(12)</sup>

R-Nominals	AS-Nominals
a. Non- $\theta$ -assigner, no obligatory arguments	$\theta$ -assigner, obligatory arguments
b. No event reading	Event reading
e. <i>by</i> -phrases are non arguments; in Spanish selects <i>de</i>	<i>by</i> -phrases are arguments; in Spanish selects <i>por</i>
f. No implicit argument control	implicit argument control
g. No aspectual modifiers	aspectual modifiers
h. Modifiers like <i>frequent</i> , <i>constant</i> only with plural	Modifiers like <i>frequent</i> , <i>constant</i> appear with singular
i. May be plural	Must be singular
j. May be indefinite	Must be definite

Se bem que os testes em Grimshaw se revelem cruciais para evidenciar as propriedades aspectuais dos nomes derivados e desempenhem um papel primordial, podemos constatar que a análise feita pela autora não é suficiente para dar conta dos contextos em que podem ocorrer nomes eventivos.

#### 1.4 A perspectiva de Brito e Oliveira (1997)

Discordando de Grimshaw (1990), Brito e Oliveira defendem a importância da natureza semântica do predicado na diferenciação entre a interpretação eventiva e a leitura resultativa. Para uma melhor caracterização das diferentes leituras que os nominais sugerem, são usados testes de variada natureza. Porém, importa referir que os mesmos não são válidos para todas as línguas.

Dada a especificidade do Português, os testes acima, propostos por Grimshaw, consideram-se não completamente fiáveis, pois é possível realizar enunciados em que os

<sup>(12)</sup> Quadro retirado de Miguel Sarmento, Matilde (2004:157-158)

elementos considerados incompatíveis ocorrem sem provocar estranheza. O estudo feito em Brito e Oliveira (1997: 66) propõe os seguintes critérios:

- i) a adição da negação *não* ao nominal;
- ii) o uso de expressões adverbiais durativas e
- iii) o recurso à forma progressiva associada a verbos perceptivos.

De facto, Brito & Oliveira (1997) estudam nomes derivados de verbos que denotam *accomplishments* e mostram claramente que uma distinção entre processos e resultados, que associa estes últimos a uma denotação de entidade, não é suficiente para dar conta dos contrastes entre eventivos e não eventivos.

As autoras (1997: 63) clarificam a noção semântica de leitura eventiva e resultativa, afirmando que «the nominals under discussion derive from accomplishment verbs and because of their semantics the nominals can concentrate on the process, a phase of the process, the culmination point or the result (consequent) state.»

As autoras consideram que os nomes derivados de verbos de “accomplishment” se dividem em dois grupos:

1. os que mantêm as propriedades aspectuais dos verbos correspondentes (podendo denotar o processo, uma fase do processo, a culminação do processo ou o estado resultativo);

2. os que denotam uma entidade concreta que é o resultado de um processo.

Os nomes que derivam da classe de verbos mantêm as propriedades aspectuais do verbo de que derivam e podem denotar processos ou resultados. No entanto, estas duas primeiras leituras devem ser distinguidas dos contextos em que estes nomes denotam uma entidade (um indivíduo). Para as autoras, nos dois primeiros casos, o nome deverbal mantêm as propriedades argumentais do predicado de que deriva; no terceiro caso, não mantêm essas propriedades.

Portanto, para Brito e Oliveira, os nomes que na literatura são designados como resultativos incluem, na realidade, dois tipos de nomes: os que designam a culminação ou o estado resultativo de um processo, tal como em (70), e os que designam a entidade concreta resultante de um processo, como em (71):

(70) A identificação do assassino por várias testemunhas permitiu apanhar o criminoso.

(71) O investigador procurou nos arquivos a identificação do suspeito.

As autoras defendem que as nominalizações deverbais, em geral, podem ser ambíguas entre três tipos de interpretação: a de processo, a de resultado – concebido como fase final e consequente de um processo – e a de indivíduo – resultante de um processo. Os contextos em (72-74)<sup>(13)</sup> ilustram os três valores de um nome como *encomenda*. Em (72), denota um processo, em (73), um resultado, e (74) tem a leitura de indivíduo.

(72) A Maria está a fazer a encomenda de livros.

(73) A encomenda de livros enriqueceu a nossa biblioteca.

(74) Vou mandar esta encomenda.

Desta forma, as autoras utilizaram diferentes testes para contrapor algumas propostas de Grimshaw.

O primeiro teste consiste na possibilidade de juntar o advérbio de negação «não» a um nome com leitura eventiva, como é o caso em (75). Podemos confirmar que tal não acontece com nomes de leitura resultativa ou de indivíduo, como em (76) e (77), respectivamente.

(75) A não destruição da cidade foi um passo decisivo para a paz.

(76) \* Estamos perante a não destruição da cidade.

(77) \*Tens aqui uma não análise ao sangue.

Verifica-se que sempre que um nome deverbal pode ser negado a sua interpretação é eventiva:

(78) a. A não discussão do problema durante o período de campanha eleitoral foi deliberada.

b. \*A não discussão do problema foi agendada.

---

<sup>(13)</sup> Os exemplos são retirados do texto em referência.

(79) a. A não construção da barragem para preservar as gravuras do Vale de Foz Côa foi finalmente decidida.

b. \*A não construção da barragem foi visitada.

Quando os nomes têm como referente um processo eventivo, eles são susceptíveis de valor de verdade e, portanto, podem ser negados. Os nomes resultativos, tendo como referente uma entidade, não são susceptíveis de valor de verdade, não podendo, deste modo, ser negados:

(80) O não filme de Fonseca e Costa foi por falta de verbas.

Não é possível parafrasear (80) como: «Fonseca e Costa não fez um determinado filme por falta de verbas», enquanto, por exemplo, (79a) pode ser parafraseada: «Foi finalmente decidido não se construir a barragem para preservar as gravuras do Vale de Foz Côa».

Brito e Oliveira apresentaram objecções a alguns testes para determinar os contextos em que podem ocorrer nomes eventivos, das quais destaco os seguintes:

(81) a. Isto é/ está a ser/ foi a destruição da cidade pelo exército mais devastadora a que se assistiu ultimamente.

b. Isto é a/ uma destruição progressiva dos valores do humanismo.

(82) a. Os jornalistas estavam a assistir a *uma* destruição da ponte pelo exército quando o obus caiu.

b. Nós estamos a assistir a *uma* destruição da água pela poluição.

Os nominais em (81) e (82) recebem, indubitavelmente, uma interpretação eventiva, como comprova o contexto durativo criado pelo uso do progressivo. No entanto, em (81), o nome é usado predicativamente e, em (82), é determinado pelo artigo indefinido, que note-se era considerado possível por Grimshaw.

Inferimos assim que, embora haja certas restrições sintácticas relacionadas com a interpretação aspectual dos nomes deverbais, a complexidade dos factores que intervêm na sua determinação torna difícil a observação dos fenómenos que determinam

as interpretações possíveis, pelo que alguns dos testes usados por Grimshaw não parecem poder ser generalizados ao Português.

As autoras fazem ainda notar que alguns modificadores aspectuais permitem fazer a distinção entre leitura eventiva e leitura resultativa. Assim, Brito e Oliveira referem a importância do modificador aspectual *em x tempo* na medida em que este só admite uma leitura eventiva<sup>(14)</sup>. De facto, enquanto (83a) tem uma leitura eventiva, as frases em (83b-c) têm uma leitura resultativa.

- (83) a. A construção da ponte *em dois anos* surpreendeu a população.  
b. \* A construção da ponte *em dois anos* estragou o ambiente.  
c. \*Esta construção *em dois anos* é interessante.

As autoras referem igualmente que a leitura eventiva e resultativa são compatíveis com algumas construções, como em (84a) e (84b), contrariamente ao que Grimshaw (1990) considerava, e que apenas a leitura de indivíduo não admite certas construções, como em (84c).

- (84) a. A construção do campo de jogos *para entreter as crianças* demorou mais do que se esperava.  
b. A construção do campo de jogos *para entreter as crianças* trouxe benefícios para a comunidade.  
c. \*A construção do campo de jogos *para entreter as crianças* é de boa qualidade.

Outro teste utilizado para distinguir a leitura eventiva da leitura resultativa é o uso dos artigos. De acordo com Grimshaw, o determinante indefinido (*a*), o numeral (*one*) e o demonstrativo (*that*) só ocorrem com nomes resultativos e apenas o artigo definido ocorre com ambas as classes de nomes. Vejamos os seguintes exemplos:

- (85) a. Os jornalistas assistiram à destruição de Grozni.  
b. \* Os jornalistas assistiram a uma destruição de Grozni.

---

<sup>(14)</sup> As autoras acrescentam, no artigo em referência, que «these adverbial expressions are used to measure the duration up to the culmination point and they are typically a good test for accomplishments.»

c. Os jornalistas estavam a assistir a essa destruição da cidade, quando a bomba caiu.

A possibilidade de aceitar o exemplo (85c) deve-se a vários factores: a construção com o progressivo e a natureza semântica do verbo. Todos estes factores também permitem o uso do determinante indefinido na leitura eventiva.

A mesma observação pode ser feita com o demonstrativo. Na realidade, quando o contexto força a leitura eventiva, esta é sempre possível com o demonstrativo.

(86) Os jornalistas estavam a assistir a essa destruição da cidade, quando a bomba caiu.

Um outro teste está associado à pluralidade. Baseados em exemplos do inglês, Grimshaw afirma que apenas os nomes com interpretação resultativa são pluralizáveis.

No entanto, se olharmos para o caso do PE, verificamos que isso nem sempre é verdadeiro. Os exemplos de (87) e (88) são gramaticais, tendo uma leitura eventiva introduzida pelo progressivo:

(87) Os jornalistas estavam a assistir a várias destruições de cidades, quando chegaram as tropas.

(88) Os jornalistas estavam a assistir a invasões de cidades, quando chegaram as tropas.

Assim sendo, a oposição singular/ plural é utilizada para distinguir a leitura eventiva da leitura resultativa. No entanto, há muitos nomes que não admitem pluralização como, por exemplo, os nomes de sentimento<sup>(15)</sup> (*o contentamento, a confiança, o abatimento da criança*/\**os contentamentos, as confianças, os abatimentos das criança*) e de atitude (*a calma, a coragem, a compreensão do chefe é inegável* / \**as calmas, as coragens, as compreensões do chefe são inegáveis*).

---

<sup>(15)</sup> A designação *nome de sentimento* é uma consequência da subcategorização dos nomes a nível semântico onde se encontram nomes de sensação (*impressão, sentimento, sensação*), nomes de sentimento (*esperança, satisfação*), nomes epistémicos (*suposição, constatação*), nomes de atitude axiológica (*opinião, convicção, certeza*), nomes de actos ilocutórios e argumentativos (*declaração, repreensão, argumentação, garantia*), nomes de modalidade (*necessidade, possibilidade, probabilidade, condição, eventualidade*), nomes de comportamento (*coragem, iniciativa*). Esta subcategorização é apresentada por M.Riegel (1996: 315-316).

É certo que, em certos casos é possível aplicar-se a proposta de Grimshaw (1990:54-56) no sentido de que não é possível admitir-se o plural nos nomes eventivos<sup>(16)</sup>:

- (89) a. \* Uma construção da ponte pelos operários.
- b. \*As construções das pontes pelos operários.

Em relação aos nomes deverbais existem algumas restrições sintácticas, já referidas anteriormente, como a não pluralização e a não compatibilidade com o artigo definido relacionadas com a sua interpretação aspectual. Porém, a complexidade dos factores que intervêm na determinação da interpretação aspectual dos nomes torna difícil a observação dos fenómenos que acompanham ou determinam as interpretações possíveis, pelo que alguns dos testes usados por Grimshaw não parecem poder ser generalizados, por não encontrarem uma total correspondência no português. Por exemplo, para a linguista, o eventivo só pode ser pluralizável quando acompanhado do modificador aspectual *frequente*, como os exemplos do tipo de (90). No entanto, em português, outras ocorrências são possíveis, como em (91):

- (90) Temos vindo a assistir a frequentes bombardeamentos.
- (91) a. Israel tem sofrido bombardeamentos sangrentos
- b. A cidade sofreu vários bombardeamentos.

Brito e Oliveira (1997) referem que a perspectiva de Grimshaw, quanto ao facto de os nomes resultativos aparecerem em posição predicativa, é válida, mas acrescentam também que, quando os nomes são modificados por alguns adjectivos, estes podem aparecer em posição predicativa sem perder a interpretação eventiva. De facto, as autoras apresentam contra-exemplos em relação a alguns testes propostos por Grimshaw, porque, em português, o nominal eventivo pode ocorrer predicativamente, como podemos verificar nos seguintes exemplos:

- (92) a. Isto é uma destruição progressiva dos valores do humanismo.

---

<sup>(16)</sup> Para Helena Lopes (1996:8), “*esta restrição relaciona-se com a impossibilidade de os nomes eventivos serem quantificáveis, uma vez que não denotam entidades*”.

- b. Isto é/está a ser/foi uma destruição devastadora da cidade pelo exército.  
c. \*Isto é/está a ser/foi uma destruição da cidade pelo exército mais devastadora a que se assistiu ultimamente.<sup>(17)</sup>

Relembremos que, de acordo com Brito e Oliveira (1997), em português, a leitura eventiva é possível quando combinada com a forma progressiva, conforme exemplifica o exemplo (93).

- (93) Isto é/está a ser/foi uma destruição progressiva dos valores humanistas.  
(This is the/ one progressive destruction of the humanist values).

Por outro lado, a leitura resultativa é dominante quando o sintagma nominal está em posição de sujeito e está associado a predicados como *enriquecer*, *trazer benefícios / vantagens*. Nestes contextos, o *agente* surge sob a forma de um sintagma preposicional com *por* (cf. (94-96)), como no caso dos eventivos:

- (94) a. A encomenda de livros pelo bibliotecário trouxe benefícios para a escola.  
(95) a. O exame do doente pelo médico teve consequências para a sua vida.  
(96) a. A análise do texto pelo aluno enriqueceu o conhecimento dos colegas.

As autoras salientam que, contrariamente a perspectiva de Grimshaw, a leitura resultativa é possível, como (94), (95) e (96). Acrescentam igualmente o facto de as mesmas frases serem agramaticais com a leitura eventiva caso haja dois sintagmas genitivos (em *de*) (cf. (97-99)).

- (97) a. \*A encomenda de livros do bibliotecário trouxe benefícios para a escola.  
(98) a. \*O exame do doente do médico teve consequências para a sua vida.  
(99) a. \*A análise do texto do aluno enriqueceu o conhecimento dos colegas.

Segundo as autoras (1997: 78), a leitura de entidade é a única que legitima dois sintagmas genitivos em *de*, como os nomes não derivados:

---

<sup>(17)</sup> No artigo de Brito e Oliveira (1997) a frase (92c) é considerada gramatical. No entanto, considero esta frase como sendo anómala. A agramaticalidade deve-se ao acréscimo do modificador «mais devastadora a que se assistiu ultimamente».

«the *de*-phrase, expressing the agent, is impossible in an event reading and the *por*-phrase is impossible with an individual reading». Acrescentam «as for nominalizations which denote individual, they do not project any aspectual functional category and they lose the argument structure of the corresponding verbs, behaving syntactically like non derived nouns. What seems to be their possible arguments are in fact complements linked to information contained in the lexical conceptual structure».

Com efeito, Brito & Oliveira (1997) observam que a única leitura que legitima a ocorrência de dois sintagmas genitivos em *de* é a leitura de entidade. Deste modo, torna-se evidente que a intervenção do sintagma em *por* parece pertinente para determinar a eventividade dos nomes (fase de um processo ou ponto de culminação) e a leitura de indivíduo, como ilustrado em (100):

(100) a. Estamos a assistir à apresentação do trabalho {pelo professor} / {\*do professor<sup>(18)}</sup>.

b. Estamos a assistir à demonstração do teorema {pelo matemático} / {\*do matemático}.

(101) a. Tens aqui a demonstração do teorema {do matemático} / {\*pelo matemático}.

b. Tens aqui a análise do texto {do aluno} / {\* pelo aluno}.

Contudo, como refere Miguel (2004: 198), nem todos os falantes recusam a ocorrência de um sintagma em *por* nestes contextos, mostrando assim que existe alguma ambiguidade. Segundo a linguista, «se a preposição *por* estiver presente, então a expressão nominal refere o processo prévio, preparatório».

As autoras propõem que os nomes derivados de verbos de *accomplishment* têm dois argumentos mas, devido ao processo de nominalização, não são necessariamente representados na estrutura sintáctica, como em (102). A frase (102d) é agramatical na medida em que, em português, com *por-frase*, o argumento interno prevalece sobre o argumento externo.

(102) a. A destruição ocorreu em Setembro.

---

<sup>(18)</sup> A expressão *do professor*, no exemplo (100a), é gramatical se for entendido como complemento do nome *apresentação*.

- b. A destruição da cidade ocorreu em Setembro.
- c. A destruição da cidade pelo exército ocorreu em Setembro.
- d. \*A destruição pelo exército ocorreu em Setembro.

Brito & Oliveira (1997) defendem, assim, que a diferença eventivo / resultativo não é pertinente para a estrutura argumental nas nominalizações derivadas de *accomplishments*. Assim, se bem que em ambos haja uma proeminência do argumento interno sobre o argumento externo, a grelha argumental de eventivos e de resultativos será como em (103):

(103) destruição N (ev (x Agente (y Tema)))

O facto de a realização do argumento externo, nestas construções, ser opcional não implica que a grelha argumental destes nomes se caracterize pela supressão dessa posição; o argumento externo pode ser simplesmente um sujeito nulo. Nos casos em que o argumento externo se encontra realizado, o que distingue, para as autoras, as nominalizações dos verbos em causa é o facto de os argumentos poderem assumir várias formas.

Assim, é possível considerar que:

(i) O argumento externo pode corresponder a um sintagma preposicional com *por* como em (104a), a um adjetivo como em (104b) ou a um possessivo como em (104c):

- (104) a. A destruição da cidade pela Rússia ocorreu em Setembro.
- b. A destruição russa da cidade ocorreu em Setembro.
- c. A sua destruição da cidade ocorreu em Setembro.

(ii) O argumento interno pode ocorrer sob a forma de um sintagma genitivo em *de* como em (105a) ou de um possessivo como se pode ver em (105b):

- (105) a. a destruição da cidade pela Rússia
- b. a sua destruição pela Rússia
- c. \* a sua destruição russa.

O contraste entre (105b) e (105c) é explicado por Brito e Oliveira pelo facto de o adjectivo referencial ocupar uma posição argumental e concorrer com o possessivo para a mesma posição; o sintagma *por* em (105a) não é um sujeito e ocupa uma posição de adjunção, não concorrendo para a mesma posição que o possessivo.

Para as autoras, os nomes que denotam uma leitura de indivíduo, nestes contextos, aproximam-se dos nomes não-derivados. Aliás, as autoras referem o seguinte:

“[B]oth may select some kind of complements. In what concerns their syntactic representation, we presume they occupy A-positions, due to independent principles of Syntax, as case assignment and constraints on movement.

In Portuguese the syntactic expression of these arguments is done by a *de*-phrase, and a *by*-phrase is impossible. This seems to be directly related to the aspectual defectivity of this sort of nominals and that is why they do not project any functional category ASPP.” (*op. cit.*: 77)

Nesta secção, vimos que os dados discutidos em Brito e Oliveira (1997) confirmaram que os vários testes de reconhecimento entre nominalizações eventivas e nominalizações resultativas estabelecidas em Grimshaw (1990) não se alargam totalmente aos dados do PE.

Os critérios que permitiram isolar os três tipos de leituras evidenciados por estes nomes encontram-se sintetizados no quadro 2, onde se incluíram as observações feitas ao longo da apresentação dos dados. Uma comparação entre o quadro 1, apresentado no capítulo 2.1.5, e o quadro 2 permite evidenciar as diferenças entre as análises de Grimshaw (1990) e aquela que é sugerida em Brito e Oliveira (1997).

Quadro 2<sup>(19)</sup>

	eventivos	resultativos	entidades
1. modificação por <i>não</i>	+	+	-
2. modificadores aspectuais que medem o ponto culminante do evento ( <i>em x tempo</i> )	+	-	-

<sup>(19)</sup> O quadro (2) foi retirado de Miguel (2004:203-204)

3. tempo progressivo combinado com verbos de percepção	+	-	-
4. estruturas de controlo	+	+	+
5. sintagma <i>agentivo em por</i>	+	+	-
6. dois sintagmas em <i>de</i>	-	?/+	+
7. modificação por adjectivos do tipo <i>frequente</i>	+	+ se plurais	+se plurais
8. definido e indefinido	+	+	+

Aquilo que os quadros mostram é que, como defendido em Brito & Oliveira, os únicos testes que distinguem eventivos de resultativos são aqueles que envolvem os seus traços télicos.

Além disso, as autoras demonstraram que os nomes derivados de *accomplishments* mantêm a estrutura argumental do verbo correspondente. Contrariamente a Grimshaw, estes nomes têm três leituras diferentes: a leitura eventiva, a leitura resultativa e a leitura de entidade.

Finalmente, os nomes derivados de *accomplishments* que podem ter uma interpretação de produto resultante ou de entidade aceitam dois sintagmas-*de*, como os nomes não derivados, em que um de entre eles é interpretado, no sentido lato, como um *possuidor / proprietário / agente*.

Em Grimshaw (1990), a estrutura argumental e a estrutura aspectual são componentes do significado lexical. Desta forma, a autora afirma que «a partir do sentido [dos verbos] a estrutura argumental é inevitavelmente derivada e por isso também o comportamento gramatical».<sup>(20)</sup>

Com efeito, para a linguista, os nomes eventivos projectam uma estrutura argumental, enquanto que os nomes resultativos não têm estrutura argumental.

Em síntese, em relação aos nomes deverbais existem algumas restrições sintácticas (não pluralização, não compatibilidade com o artigo definido (Grimshaw 1990) relacionadas com a sua interpretação aspectual. Porém, a complexidade dos

<sup>(20)</sup> Grimshaw, J. – ob.cit., p.29.

fatores que intervêm na determinação da interpretação aspectual dos nomes torna difícil a observação dos fenômenos que acompanham ou determinam as interpretações possíveis, pelo que alguns dos testes usados pelos linguistas não parecem poder ser generalizados, por não encontrarem uma total correspondência no português.

## II. Considerações sobre a estrutura argumental em algumas Gramáticas

Neste capítulo, abordarei o tratamento dos complementos e dos modificadores de nome nalgumas gramáticas. Assim, começarei pela abordagem preconizada por Rigau contemplada na *Gramática Descriptiva de le Lengua Española* de Bosque e Demonte (1999: cap.5) e, de seguida, analisarei o tratamento dos complementos e modificadores do nome contemplado por Brito na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et alii (2003: cap.11). A escolha da análise destas duas gramáticas deve-se ao facto de ambas apresentarem pontos essenciais para o nosso trabalho. Com efeito, os pressupostos teóricos apresentados por Rigau (1999) e por Brito (2003) sobre o tema da complementação e da modificação revelam-se interessantes e relevantes para o nosso trabalho.

### 2.1. *Gramática Descriptiva de le Lengua Española* de Bosque e Demonte (1999)

Na medida em que Rigau (1999: cap5) se debruça sobre a distinção entre complementos e modificadores do nome, pareceu-nos conveniente apresentar as propostas da autora no que se refere aos complementos e modificadores do nome.

#### 2.1.1 Complementos nominais e complementos adjuntos<sup>(21)</sup>

Uma construção nominal pode aparecer com constituintes que a complementam. Este é o caso dos sintagmas de (1), onde um sintagma preposicional ou um sintagma adjectival actuam como complementos<sup>(22)</sup>:

- (1) a. O vestido de lã.
- b. O vestido branco.
- c. O respeito pelos mais velhos.
- d. A pesca baleeira.

---

<sup>(21)</sup> Em tudo o que se segue, na esteira de Rigau, utilizarei o termo complemento argumental para designar complementos e complemento adjunto para os modificadores.

<sup>(22)</sup> Os exemplos deste capítulo foram adaptados do texto em estudo.

No entanto, nem todos os complementos de (1) mantêm a mesma relação com os restantes elementos do sintagma: em (1a,b) *de lã* e *branco* não são complementos seleccionados pelo nome, mas os de (1c,d) são-no. De facto, os complementos *de lã* e *branco* são complementos adjuntos à construção nominal, em contrapartida *pelos mais velhos* e *baleeira* são complementos regidos por *respeito* e *pesca*, respectivamente. A relação entre estes nomes e os seus complementos é paralela à relação existente entre os verbos *respeitar* e *pescar*. De facto, *pelos mais velhos* e *baleeira* são complementos seleccionados por nomes deverbais.

Nos pontos seguintes, debruçar-nos-emos pormenorizadamente sobre os complementos e modificadores apresentados por Rigau.

### 2.1.2 Complementos argumentais

Como vimos anteriormente, há nomes que seleccionam argumentos e outros não. Os nomes com argumentos podem estar relacionados com verbos ou adjetivos mas também podem ser de outro tipo. Com efeito, segundo Rigau (1999: 340), «los nombres com estrutura argumental actuán como predicados y suelen ser nombres relacionados con verbos o adjetivos (*llegada, lucha, humildade, conciencia*), pero también puede tratarse de nombres que no son directamente relacionables con un predicado verbal o adjetivo (*miedo, manía, estrategia*) o incluso nombres que además pueden designar objetos (*regalo, mensaje, fotografía*).»

Neste ponto, interessa analisar as propriedades dos nomes com estrutura argumental e distingui-los dos nomes que não seleccionam argumentos.

Nas construções de (2), os nomes surgem com os mesmos argumentos seleccionados pelo verbo e adjetivo do qual derivam.

(2) a. A luta do João pela liberdade.

b. A humildade do João.

Em (2a), João é agente de *luta*, tal como o é em *O João luta pela liberdade*, enquanto que em (2b) é interpretado como sendo o experienciador, a pessoa que possui a propriedade da humildade, como na frase *O João é humilde*. No entanto, o João aparece em (2a) e (2b) como sendo um complemento nominal no genitivo, daí que possa ser representado pelo pronome pessoal na forma genitiva (*a sua luta pela*

*liberdade, a sua humildade*). O complemento de um verbo transitivo também pode estar representado na construção nominal por um SPrep introduzido por *de* ou então por um pronome no genitivo, como o mostra (3), em que *da ponte* e *sua* expressam o tema.

- (3) a. A construção da ponte (por Eiffel).
- b. A sua construção.

Noutros casos, o argumento nominal pode estar introduzido por uma preposição diferente de *de*, como por exemplo em *viagem à Guarda, interesse por ti* ou *o amor a Deus*.

Podemos afirmar que os complementos nominais têm tipicamente a forma de SPreps, como ilustra o exemplo (4).

- (4) a. O atraso [dos autocarros<sub>SP</sub>] irritou muitos utentes.
- b. A hipótese [de irmos ao cinema no sábado<sub>SP</sub>] agrada-me.
- c. A ideia [de que façamos o primeiro teste no mês de Maio<sub>SP</sub>] foi aprovada por todos os alunos.

No entanto, podemos verificar que os nomes sem estrutura argumental também podem aparecer com um SPrep e inclusive com um determinante no genitivo:

- (5) a. A bola do João.
- b. A sua bola.

A diferença entre as construções de (3) e as de (5) apoiam-se no tipo de relação que se estabelece entre o nome e os seus argumentos. A relação entre *bola* e *João* é mais livre que a que se estabelece entre *João* e *luta*. Em (5), não se trata de uma relação unívoca, de uma relação determinada pelas propriedades predicativas do nome.

Esta relação pode dar-se também com os nomes com estrutura argumental. Assim, enquanto que os complementos de *mensagem* em (6a) são complementos argumentais, que se referem ao agente que o emitiu e o seu destinatário, em (6b) o complemento do nome *do João* pode ser interpretado como o reprodutor da mensagem. O que é interessante é que em (6b), diferentemente do que ocorre em (6a), *mensagem* interpreta-se como sendo o nome que designa um objecto.

- (6) a. A mensagem dos anjos aos pastores era clara e simples.  
b. A mensagem do João está na primeira gaveta.

Rigau acrescenta que os complementos não argumentais<sup>(23)</sup> são adjuntos, são complementos que se acrescentam ao SN propriamente dito. Numa mesma construção podem existir complementos argumentais e complementos adjuntos<sup>(24)</sup>, como em *o retrato de Picasso do museu do Louvre*, onde *Picasso* representa a pessoa retratada e o agente, ou seja, é um argumento seleccionado pelo nome *retrato*, enquanto que *o museu do Louvre* fica excluído desta relação argumental e passa a ser modificador.

Em (7a), o adjectivo *normando* pode substituir-se pelo SPrep *dos Normandos*, e interpretar-se como sendo o agente do nome *ataque*. No entanto, em (7b), o adjectivo não expressa nem o agente, nem o paciente da acção de atacar, mas sim uma circunstância, acabando por estar mais próximo de um complemento adjunto de tipo locativo do que de um complemento argumental:

- (7) a. O ataque normando  
b. O ataque aéreo.

### 2.1.3 Complementos expressos por sintagmas preposicionais.

Os modificadores podem ser introduzidos por uma grande variedade de preposições: *lei contra a fraude*, *casa sem janelas*, *apartamento por alugar*, *esmalte para metais*, *gravura em relevo*, etc.

No entanto, a preposição mais usual é *de* que pode expressar relações de carácter diverso entre o nome e o seu complemento. Notemos que os Spreps *de maçã*, *do metro* e *dos mosteiros* em (8) podem ser substituídos por um possessivo, o que não é possível nas construções de (9):

- (8) a. A polpa de maçã = a sua polpa  
b. Os utentes do metro = os seus utentes

---

<sup>(23)</sup> Relembro que, segundo a terminologia de Rigau, os complementos não argumentais são os modificadores ou adjuntos.

<sup>(24)</sup> Colaço, M. e Alexandre, N. (2005) distinguem complementos e adjuntos, afirmando que os primeiros são elementos que, em Português, seguem o núcleo e são por ele subcategorizados, enquanto que os segundos são elementos que seguem o núcleo mas não são subcategorizados.

c. A importância dos mosteiros = a sua importância

- (9) a. O móvel do canto  $\neq$  o seu móvel  
b. A empregada do café  $\neq$  a sua empregada  
c. A tarde de Sábado  $\neq$  a sua tarde

Em (8) expressa-se uma relação de pertença ou de posse num sentido amplo. Assim, ter importância é uma prioridade dos mosteiros, a polpa é uma parte da maçã e os utentes são parte do metro. As construções de (9), pelo contrário, expressam uma relação de simples associação de entidades. Portanto, poderíamos parafrasear (8a) por *a polpa que a maçã tem*, enquanto que parafrasearemos (9a) por *o móvel que está no canto*.

Um possessivo em posição pré-nominal como em (10a) ou pós-nominal, como em (10b) poderá expressar também uma relação de pertença ou uma relação associativa sobretudo se representar um SN humano (ou animado), como podemos verificar nos seguintes exemplos:

- (10) a. Aquele *seu* sorriso alegra-me o dia.  
b. Um sorriso *teu* alegra-me o dia.  
c. A *minha* fotografia de *ti* está no *meu* álbum.<sup>(25)</sup>

O exemplo em (11) é um dos casos muito interessante de modificação nominal:

- (11) a. A anciã dos olhos tristes.  
b. O cavaleiro de mão no peito.  
c. O apartamento de paredes rosadas.  
d. \*A anciã dos olhos.  
e. \*O cavaleiro de mão.  
f. \*O apartamento de paredes.

---

<sup>(25)</sup> Brito (2003: 344) refere que, em Português, com os nomes icónicos, não está completamente excluído a presença de dois possessivos, estando um antes de nome e o outro depois do nome como em (i):

(i) a minha fotografia tua  
(Possuidor      Tema)  
(Agente        Tema)  
(Possuidor      Agente)

Os nomes que intervêm nos SPreps dos exemplos de (11) são nomes que expressam posse inalienável, daí a agramaticalidade de (11d-f). Um modificador restritivo como *dos olhos* ou *de paredes* não pode participar na determinação de *anciã* ou *apartamento*, já que em princípio ter olhos é próprio de todas as anciãs e ter paredes é próprio de todos os apartamentos.

Consideremos as construções de (12):

- (12) a. Um horror de manifestação.
- b. A cidade de Nova York.

Em (12a), expressa-se que a manifestação foi um horror. Este tipo de construção, que em (12a) é introduzido por um artigo indefinido, admite também um demonstrativo, como podemos verificar em (13a), mas não admite o artigo definido, como em (13b), a não ser que apareça um modificador restritivo que colabore na determinação, como em (13c):

- (13) a. Aquele horror de manifestação.
- b. \*O horror de manifestação.
- c. O horror da manifestação que convocaram

Em (12b), também existe uma predicação (*Nova York é uma cidade*) e exige ser introduzida por um determinante definido (*\*uma cidade de nova York*), porque Nova York é aqui entendida como nome próprio<sup>(26)</sup>.

---

<sup>(26)</sup> A construção introduzida por um determinante indefinido (ou quantificador numeral ou indefinido), tal como (i) ilustra, é uma construção próxima das de (13 a-c). Nestas construções não pode aparecer um determinante definido no SN introduzido por *de*, como em (ii). No entanto, nos exemplos gramaticais de (12), o SN pode aparecer sem determinante explícito, mas não pode aparecer com um determinante indefinido, como podemos verificar em (iii).

- (i) uma anciã de olhos tristes/ um apartamento de divisões estreitas.
- (ii) \*uma anciã dos olhos tristes.
- (iii) a anciã de olhos tristes/ \*a anciã de uns olhos tristes.

### 2.1.4 Modificadores adjetivais<sup>(27)</sup>

Demonte (1999) distingue, de acordo com o significado intrínseco dos adjetivos, duas classes de adjetivos classificadores ou atribuidores de propriedade: os adjetivos predicativos ou qualificativos e os adjetivos não predicativos ou relacionais.

Os adjetivos qualificativos são adjetivos que expressam uma só propriedade que se refere a um traço constitutivo do nome que modificam (cor, forma, carácter, etc.).

Os adjetivos relacionais são adjetivos que expressam um conjunto de propriedades – características que em conjunto definem a entidade – e que estabelecem uma relação entre esse conjunto de propriedades e os traços constitutivos da entidade denominada pelo nome: *porto marítimo*, *vaca leiteira*, *passeio campestre* (adaptados de Demonte (1999:138)).

No início de 3.1.1, em (1d) – *pesca baleeira* –, pudemos verificar que o adjetivo *baleeira* fazia parte da estrutura argumental do nome *pesca*.

Os adjetivos das construções seguintes têm a mesma função argumental: *a derrota portista* ou *a crítica universitária ao projecto*, em que o adjetivo é interpretado como o paciente do predicado expresso por *derrota* e o agente de *crítica*.

Além dos adjetivos argumentais, outros adjetivos que designam entidades do universo do discurso podem aparecer numa construção nominal. Trata-se de adjetivos adjuntos cuja função é a de complementar um nome modificando-o, como em (14):

- (14) a. Pesca fluvial.
- b. Cozinha regional.
- c. Escultura modernista.
- d. Queijo holandês.

Em (14a), o adjetivo *fluvial* expressa uma relação locativa. Os SNs de (14b) e (14c) podem parafrasear-se respectivamente por «cozinha realizada na região (ou nas regiões), cozinha própria da região» e «escultura realizada em época modernista ou seguindo os cânones do modernismo». Finalmente, em (14d), o adjetivo denominal pode expressar uma relação de proveniência geográfica.

---

<sup>(27)</sup> Sobre estas construções, veja-se, entre outros, os estudos de Rigau (1999) e Miguel (2004).

Em todas estas construções podemos substituir o adjetivo por um SPrep que actuará também como adjunto nominal, como se pode ver em (15):

- (15) a. Pesca no rio.
- b. Cozinha da região.
- c. Escultura do Modernismo.
- d. Queijo de Holanda.

Costuma-se denominar adjectivos relacionais aos adjectivos argumentais e aos adjectivos de (15), «classificadores»<sup>(28)</sup>. A posição sintáctica destes últimos é pós nominal, a mesma posição que ocupa um SPrep com o qual se relacionam (*\*a fluvial pesca/ \*a do rio pesca/ \*a da universidade crítica*).

Para Bosque (1993), a classe dos adjectivos relacionais engloba os classificativos ou classificatórios e os argumentais ou temáticos. São tipicamente de estrutura morfológica derivada, podendo ter valor argumental ou temático e capacidade referencial ou classificatória. Nos exemplos que se seguem o adjectivo funciona como agente da decisão (16) e como objecto/tema (17), respectivamente:

- (16) decisão presidencial
- (17) eleição presidencial

Os adjectivos relacionais não aceitam a posição predicativa nem grau. De facto, dado que estes adjectivos não designam propriedades mas sim entidades, eles não admitem especificadores de grau (*bastante, muito, pouco*), nem do tipo *quase*, como exemplificado em (18):

- (18) a. \*Pesca muito fluvial.
- b. \*A capital quase francesa.

Alguns adjectivos, contudo, parecem admitir, em certos contextos, uma especificação de grau, tal como em (19):

---

<sup>(28)</sup> Sobre esses adjectivos e as suas diferenças com adjectivos qualificativos, veja-se Demonte (1999) e Miguel (2004).

- (19) a. Situação económica.
- b. \*Situação muito económica.
- c. Preços muito económicos.
- d. Preços mais económicos.

(19a) e (19b) divergem quanto à gramaticalidade. Enquanto (19b), por estar acompanhado de uma expressão de quantificação, *económica* é tido como qualificativo, daí a agramaticalidade, enquanto que em (19a), *económica* é um adjectivo relacional (= da economia). Em (19c,d), o adjectivo funciona como adjectivo qualificativo sinónimo de *barato*, admitindo por isso um modificador de grau. A agramaticalidade de (19b) deve-se igualmente ao nome com que está relacionado o adjectivo. É, pois, importante ter em conta a relação aspectual do núcleo nominal, isto é, o semantismo do SN, por exemplo, (20) é considerado gramatical.

- (20) a. Viagem económica
- b. Viagem muito económica

Com efeito, a incompatibilidade em causa em (19) resulta do facto de os operadores de modificação, neste caso o Sadj *muito económico*, não poder restringir a estrutura nominal a que se aplica, em virtude de não estarem associados a propriedades que possam caracterizar as entidades denotadas por essa estrutura.

Mas nem todos os adjectivos são argumentais. Como se observa em (21), (22) e (23), em função da natureza semântica do nome nuclear do sintagma, um mesmo adjectivo pode ter valor argumental (22), (23) ou não (21).

- (21) sistema solar
- (22) radiação/actividade/aquecimento/solar (o sol é fonte de actividade, radiação, aquecimento)
- (23) eclipse solar (o sol é objecto de eclipse ou, por hipótese teórica, também fonte de eclipse de uma outra possível estrela)

Os adjectivos, que podem desempenhar funções argumentais, são chamados argumentais ou temáticos. Representam argumentos do nome com que se combinam e são, muitas vezes, deverbais e herdeiros de uma estrutura eventivo-argumental. Os

adjectivos argumentais definem-se, portanto, pelo esquema argumental, ou seja, pela relação predicador-argumento em que entram. A sua capacidade argumental é devida ao facto de incorporarem na sua estrutura interna um nome, que denota uma entidade que pode funcionar como causa, fonte, origem, agente, tema, objecto afectado (como *ministro, estudante, polícia*, etc.) e de co-ocorrerem com nomes nucleares de sentido eventivo (*apoio, controle, decisão, eleições, intervenção, manipulação, produção, protecção*, entre muitos outros).

### 2.1.5 Os participios como modificadores nominais

Segundo Rigau, os participios de verbos transitivos e inacusativos podem modificar um nome ou um SN. A linguista acrescenta o facto de os participios passados de verbos transitivos têm um significado passivo, como podemos verificar em (24). De facto, como é notório em (24b) o agente pode aparecer com *por*.

- (24) a. O presidente assassinado
- b. O presidente assassinado pelas tropas inimigas.

Sendo os participios passados aparentados com adjectivos, podem também, em certas circunstâncias, desempenhar funções semelhantes. Assim, os participios passados podem ocupar a posição pós-nominal (cf. (25a)), mas não a pré-nominal, excepto se estiverem na presença de um modificador aspectual (*recém, já*, etc.) que reforça o aspecto delimitado da situação que expressa, como em (25c,e):

- (25) a. Os candidatos aprovados.
- b. \*Os aprovados candidatos.
- c. Os recém aprovados candidatos.
- d. \*O estreado teatro municipal.
- e. O finalmente estreado teatro municipal.

Tal como os adjectivos, os participios não podem aparecer em posição pré nominal se têm complementos, como se pode ver pela agramaticalidade dos exemplos em (26a,b):

(26) a. \*Os recém aprovados pelo parlamento pressupostos.

b. \*O assassinado presidente pelo inimigo.

### 2.1.6 Outros modificadores do sintagma nominal

Os SNs podem aparecer com modificadores adjuntos que expressem o lugar ou o tempo: *as tempestades do mês de Agosto, a reacção da Maria ao dar de caras com o seu primeiro noivo*. Os SPreps *do mês de Agosto* e *ao dar de caras com o seu primeiro noivo* actuam como modificadores restritivos. No entanto, em *a entrada das autoridades no recinto da feira*, o SPrep *no recinto da feira* corresponde ao argumento locativo seleccionado pelo nome deverbal *entrada*.

Os adjuntos temporais apresentam um comportamento peculiar, ilustrado nas construções de (27):

(27) a. A representação d’Os Lusíadas *o ano passado* no Teatro de São João.

b. A representação d’Os Lusíadas *do ano passado*.

*O ano passado* é um adjunto temporal<sup>(29)</sup> que, quando estabelece a temporalidade de uma oração, aparece sem preposição, como em *nevou o ano passado*. Quando o núcleo é um nome com estrutura argumental, normalmente um nome deverbal, o adjunto temporal pode aparecer sem preposição, como em (27a). No entanto, note-se que os sintagmas de (27a,b) não recebem a mesma interpretação. Enquanto que (27a) expressa um acontecimento, (27b) expressa um resultado.

Como já foi referido anteriormente, a propósito de Brito e Oliveira (1997), pode acontecer que um nome lexicalmente relacionado com um verbo seja ambíguo entre a leitura eventiva ou resultativa.

(28) a. A representação d’Os Lusíadas *o ano passado* no Teatro de São João foi seguida por centenas de telespectadores.

---

<sup>(29)</sup> A expressão dos adverbiais de tempo é muito variada, podendo ser explicitada através dos advérbios de tempo, de sintagmas preposicionais e também de sintagmas nominais. Sobre estes últimos, Mória (1999) diz que é discutível o facto de haver sintagmas nominais; considera, pois, que os sintagmas de localização temporal são sempre sintagmas preposicionais (nomeadamente com a preposição *em*). Há um consenso quanto à existência de advérbios de localização temporal, de frequência e de duração.

- b. A representação d’Os Lusíadas do ano passado está registada em vídeo.
- c. A representação d’Os Lusíadas ocorreu/deu-se/teve lugar no ano passado.

Em (28a), *o ano passado* situa temporalmente a representação, enquanto que em (28b) modifica restritivamente o acto de representar. O SN *representação* tem em frases do tipo (28) a interpretação eventiva, em virtude de constituir o argumento externo de um verbo como *deu-se, ocorreu, teve lugar* e de ser localizado temporalmente (*no ano x*).

De facto, alguns sintagmas nominais complexos são semanticamente ambíguos porque podem denotar dois tipos de entidades distintas. Com efeito, expressões como as de (29) podem ter duas interpretações: a leitura eventiva e a resultativa. A primeira pode aparecer se o sintagma ocorre como sujeito de um predicado do tipo *ter lugar, durar ou ocorrer*, como em (30)<sup>(30)</sup>.

- (29) a. A avaliação dos dados do inquérito.
  - b. A demonstração do funcionamento da máquina.
  - c. A descoberta da estrutura do ADN.
  
- (30) a. [A avaliação dos dados do inquérito] teve lugar ontem.
  - b. [A demonstração do funcionamento da máquina] durou oito horas.
  - c. [A descoberta da estrutura do ADN] ocorreu em 1953.

A segunda leitura de (30a,b,c) produz-se quando os eventos de *avaliar, demonstrar* ou *descobrir* resultam na obtenção de um objecto concreto ou abstracto. Nestes casos, o sintagma nominal denota uma *avaliação*, uma *demonstração* ou uma *descoberta* específica respectivamente, tal como se mostra nos exemplos seguintes:

- (31) a. [A avaliação dos dados do inquérito] foi considerada incorrecta.
  - b. [A demonstração do funcionamento da máquina] é inconsistente.
  - c. [A descoberta da estrutura do ADN] foi publicada na Nature.

---

<sup>(30)</sup> Nota-se que este tipo de predicados não selecciona unicamente eventos ou acontecimentos. Também podem ter como argumentos sintagmas nomeadores de entidades que, por uma ou outra razão, podem situar-se em períodos de tempo: *A cena teve lugar ontem; a viagem durou três dias; no Inverno, estas doenças não ocorrem frequentemente.*

Neste caso, os sintagmas nominais com função de sujeito não se referem a acontecimentos mas ao resultado destes. Este significado obtém-se porque os predicados nos quais se enquadram os sintagmas nominais em (31a,b,c) nos permitem seleccionar esta interpretação. Somente os produtos resultantes de eventos podem submeter-se a consideração (31a), ter propriedade da inconsistência (31b) ou ser publicado (31c).

A autora propõe chamar «nominais eventivos» aos que denotam processos e correspondem à interpretação que se pode obter nos contextos exemplificados em (30). Os «nominais resultativos» são os que denotam os efeitos de evento (ou processo) e correspondem à leitura que se obtém nas construções exemplificadas em (31).

Independentemente do contexto predicativo no qual se podem enquadrar os nominais eventivos e os nominais resultativos distinguem-se também pela forma e função de certos tipos de adjuntos. Praticamente a maioria das construções nominais podem incluir como elementos adjuntos alguns sintagmas nominais de tipo adverbial que se referem a unidades do calendário (*o mês de Novembro, o próximo ano, 04 de Julho, a Segunda-feira*, etc.) ou os déicticos *agora, ontem* ou *amanhã*.

Alguns nomes com leitura eventiva admitem adjunto, como se exemplifica em (32). Neste caso, a função do adjunto é o de situar um acontecimento no tempo.

(32) a. [A demonstração do teorema de Pitágoras *ontem à tarde*] surpreendeu-nos.

b. [A discussão da Lei de Sócrates *a 14 de Março*] causou sensação.

A aparição deste tipo de adjuntos temporais permite-nos distinguir a interpretação eventiva da resultativa. Os sintagmas nominais dos exemplos (33), no qual o adjunto é introduzido pela preposição *de*, tem uma leitura resultativa.

(33) a. [A demonstração do teorema de Pitágoras *de ontem à tarde*] surpreendeu-nos.

b. [A discussão da Lei de Sócrates *de 14 de Março*] causou sensação.

Nota-se que a função do adjunto é, nestes casos, a de restringir a referência da entidade que denota o sintagma nominal (por exemplo, o resultado de um processo de

*demonstrar* ou de *discutir*) por meio de uma unidade de tempo. Os nominais resultativos (cf.(33)) comportam-se como os nominais que denotam objectos (cf.(34)):

- (34) a. O vestido *de* ontem à tarde.
- b. O livro *do* ano passado.
- c. A aula *de* 14 de Outubro.

Nestes casos, tal como nos nominais de resultado, a frase adjunta temporal simplesmente delimita a denotação do objecto concreto ou abstracto que se nomeia, da mesma maneira que o faria, por exemplo, um adjunto locativo.

Pode-se distinguir, pois, a leitura eventiva de um nominal, da sua leitura resultativa pela forma e função das frases temporais adjuntas.

Nos nominais resultativos, o adjunto restringe a referência do objecto denotado pela construção e vem introduzido pela preposição *de*.

Em certos contextos, os SNs podem admitir complementos predicativos que prediquem um dos complementos nominais. Para que um complemento predicativo esteja legitimado, é necessário que o núcleo do SN seja um nome que expresse um acontecimento, como em (35a), um nome de representação (pintura, fotografia, desenho, etc.), como em (35b), ou um nome que expresse a posse inalienável, como em (35c), mas que não designe relação de parentesco, como em (35d).

- (35) a. A chegada do João gravemente ferido.
- b. O retrato do João em fato de banho.
- c. A cara do João convalescente.
- d. \*A irmã do João aborrecido.

### **2.1.7 As nominalizações e os seus argumentos**

Como foi mencionado anteriormente, consideremos nominalizações os nomes derivados de verbos, adjectivos, entre outros. Palavras como as seguintes constituem exemplos de nominalização, mas enquanto os nomes de (i) e (ii) são derivados de bases verbais, (iii) exemplifica nomes derivados de bases adjectivais.

- i. Aterragem, descrição, descoberta,
- ii. Comprador, invenção.
- iii. Fluidez, dependência.

Nos sintagmas nominais que têm por núcleo tais elementos, o nome pode estar acompanhado por um ou vários sintagmas preposicionais:

- (36) a. A aterragem [do avião] [no aeroporto].
  - b. A descrição [do Luís] [da flora do Gerês]
  - c. A descoberta [do vírus] [por um cientista francês].

- (37) a. A fluidez [da conversa].
  - b. A dependência [do João] [das amêndoas de chocolate].

Os sintagmas nominais exemplificados em (36a,b,c) e (37a,b) são construções similares a orações no que diz respeito à conexão semântica existente entre o nome derivado e os seus complementos.

Os argumentos do nome, que aparecem sempre precedidos de uma preposição, podem identificar-se com o sujeito e complementos do predicado que serve de base lexical ao nome derivado. Assim, as expressões em (37a,b,c) e em (38a,b) poderiam corresponder a orações simples como as exemplificadas em (39a,b,c) e (40a,b) respectivamente:

- (38) a. O avião aterrou no aeroporto.
  - b. O Luís descreveu a flora do Gerês.
  - c. O vírus foi descoberto por um cientista francês.

- (39) a. A conversa é fluida.
  - b. O João é dependente de amêndoas de chocolate.

Há nomes derivados de verbos, como em (40b), ou de adjectivos, ilustrado em (40c), em que os argumentos são opcionais, tal como no-lo mostra a gramaticalidade dos exemplos seguintes.

- (40) a. [A cheia (do rio)] assustou-nos.  
 b. [O interesse (do Luís) pelos teus assuntos] é de agradecer.  
 c. [A palidez (da cara)] pode ser um sintoma de temor.  
 d. [Qualquer fiador (de um crédito)] deve assinar este impresso.  
 e. Saboreámos [as compotas (de frutos silvestres) (da minha avó)].

A opção de expressar ou não sintacticamente os complementos do nome sugere inicialmente que os nomes derivados são categorias sintacticamente defectivas, cujos argumentos exercem a função básica de restringir ou modificar a referência nominal.

As funções semânticas que legitimam uma entrada lexical nominal podem surgir em diversos contextos, que se exemplificam nas frases seguintes:

(41) [O livro de Saramago] era interessante.

- (42) a. [A descoberta do João] provocou uma hostilidade geral.  
 b. [A sua aceitação da ideia] foi bem vista por todos.  
 c. [Qualquer proposta francesa a favor do desarmamento] passará a discussão.  
 d. [A redacção do comunicado por parte de um comité] durou muitas horas.

Em (41), o sintagma nominal inicia-se por um nome básico cujo complemento, introduzido pela preposição *de*, pode interpretar-se ambigualmente quer como posse quer como o autor do livro. De facto, há duas leituras possíveis: por um lado, o livro pode ter sido escrito por Saramago; por outro lado, podemos concluir que o livro pertence a alguém chamado Saramago.

Nos exemplos (42a-d), o núcleo do sintagma nominal é um nominal deverbal e o elemento sublinhado interpreta-se como o agente da nominalização. Em (42a), a função semântica satisfaz-se mediante o sintagma nominal *João* precedido da preposição *de*; em (42b) mediante o adjectivo possessivo *sua*; em (42c), o agente expressa-se com o adjectivo relacional *francesa*; em (42d), o agente aparece como complemento da preposição *por* (ou da locução prepositiva *por parte de*).

Nem todos os argumentos de uma entrada lexical nominal podem expressar-se mediante os procedimentos exemplificados anteriormente.

## 2.2 Gramática da Língua Portuguesa de Mateus et alii (2003)

### 2.2.1 Sobre a estrutura argumental e os papéis temáticos

Segundo Duarte e Brito (2003:183), «uma vez que a noção de “argumento de” exprime a relação que estabelecem entidades denotadas por expressões linguísticas com palavras predicativas, a estrutura argumental de uma palavra predicativa, i.e., a indicação do número e da natureza dos seus argumentos, constitui a especificação lexical mínima dessa palavra».

São várias as palavras que admitem uma estrutura argumental, tais como verbos, nomes, adjectivos, alguns advérbios. Estas categorias têm uma estrutura argumental, por requererem que a sua estrutura argumental seja preenchida.

- (43) (a) [O António] deu [uma carro] [ao irmão].  
(b) A demolição [do edifício] demorou dois anos.  
(c) Este livro é útil [ao aluno].  
(d) Ele está perto [de alcançar os seus objectivos].

Na verdade, sendo o verbo *dar* um verbo transitivo directo e indirecto, selecciona três argumentos. De facto, este verbo permite-nos fazer de imediato as seguintes questões: *Quem deu? Deu o quê e a quem?*.

O mesmo acontece com a palavra *demolição*. De facto, este nome sugere a seguinte pergunta: *O que é que foi demolido?*.

Quando enunciamos um adjectivo como *útil*, pensamos em: *o que é útil? e a quem?* Tal acontece com o advérbio *perto*, em que pensamos: *perto de quê? ou de quem?*.

Quando a função semântica dos argumentos de uma palavra não é respeitada, a frase é agramatical. Veja-se o contraste ente (43) e (44):

- (44) (a) \* [A janela] deu um pontapé à porta.  
(b) \* A demolição [da Joana] demorou.  
(c) \* A Luísa é útil [ao vento].  
(d) \* A porta está perto[de Paris].

Em (43), os predicadores seleccionam argumentos e, por isso, falamos de complementos. Há casos em que isso não acontece e nesse caso damos o nome de modificador. Segundo Brito (2003: 184), os adjuntos ou modificadores «são unidades que fazem parte da interpretação situacional, mas não dependem de nenhum item lexical presente na frase» como acontece em (45).

- (45) (a) Os navegadores portugueses enfrentaram o Adamastor [corajosamente].  
(b) Gil Vicente, [autor do século XVI], escreveu inúmeras peças de teatro.<sup>(31)</sup>

### 2.2.2 A estrutura argumental dos nomes

A estrutura argumental, definida como uma especificação dos argumentos de um predicado (número de argumentos, tipo sintáctico e semântico, realização sintáctica), foi objecto de investigação importante no âmbito da semântica lexical, particularmente dos estudos sobre a interface sintaxe-semântica. O que originalmente começou por ser uma lista simples dos argumentos associados a um predicado desenvolveu-se numa visão sofisticada do modo como os argumentos são projectados na estrutura sintáctica.

Segundo Brito (2003: 330), «a estrutura lexical do SN consiste na parte da categoria em que se estabelecem relações de complementação, isto é, em que se realiza o nome e os seus complementos».

Nem todos os nomes têm propriedades predicativas. Entre os nomes que seleccionam argumentos, contam-se os nomes deverbais. Efectivamente, há nomes lexicalmente relacionáveis com verbos que, à semelhança dos verbos correspondentes, seleccionam um ou mais argumentos. Nos exemplos de (46) a (49), os nomes mantêm a interpretação eventiva correspondente à dos verbos com os quais estão relacionados, sendo claramente itens lexicais com propriedades predicativas, isto é, têm argumentos a que atribuem papéis temáticos:

(46) *A construção da ponte* teve lugar no ano passado.

(47) *A oferta* do carro à Maria.

(48) *A vinda* para Lisboa de Paris.

---

<sup>(31)</sup> Os exemplos (45) foram retirados da Azeredo; Pinto & Lopes. (2006).

(49) *A discussão sobre propinas na Faculdade.*

Os nomes lexicalmente relacionáveis com verbos são em grande número em Português. Em geral, o número dos complementos destes nomes decorre de propriedades dos verbos correspondentes, mantendo muito deles a leitura aspectual correspondente à dos verbos como é o caso de *corrida* (actividade), *destruição* (“accomplishment”), *morte* (“achievement”), *temor* (estado psicológico).

Os nomes de *accomplishments* podem dividir-se em dois grupos: os que mantêm as propriedades aspectuais dos verbos correspondentes, podendo denotar o processo, uma fase do processo, a culminação do processo ou o estado resultativo e os que denotam uma entidade concreta que é o resultado do processo. Estes últimos não têm um comportamento igual aos dos nomes deverbais, não tendo propriedades aspectuais, assim como não mantêm, também, os argumentos, embora possam manter construções com possessivos.

Para o estudo dos nomes deverbais torna-se pertinente referir alguns aspectos que podem contribuir para a compreensão das construções nominais. Os nomes e os verbos partilham as seguintes características:

- a) a selecção de complementos;
- b) são categorias lexicais.

Contudo, uma análise atenta mostra que as duas categorias apresentam aspectos divergentes, os quais se resumem:

- a) na opcionalidade da presença dos complementos dos nomes;
- b) na presença obrigatória de PREPs a preceder os complementos nominais e a sua ausência nas construções verbais, no caso dos verbos transitivos.

Vejamos os seguintes exemplos<sup>(32)</sup>:

(50) a. A edificação da ponte pela empresa	= A empresa edificou a ponte
(Tema) (Agente)	(Agente) (Tema)

---

<sup>(32)</sup> Os exemplos de (50) a (53) foram retirados de Brito (2003).



A autora refere que alguns procedimentos sintáticos permitem perceber o estatuto dos sintagmas preposicionais:

(i) a deslocação:

- (52) a. ? A discussão na Faculdade sobre propinas foi acalorada.  
b. A discussão, na Faculdade, sobre propinas foi acalorada.  
c. Na Faculdade, a discussão sobre propinas foi acalorada.  
d. ? Sobre propinas a discussão na Faculdade foi acalorada.  
e. Sobre propinas, a discussão na Faculdade foi acalorada; mas sobre a reforma curricular não teve interesse nenhum.

Brito chega à conclusão de que o movimento do SPrep com sentido locativo é mais fácil do que o SPrep iniciado por *sobre* e, quando este se desloca, a construção é mais aceitável com um sentido contrastivo, como em (54e).

(ii) restrições de co-ocorrência entre o N e os SPreps:

O contraste entre (53a) e (53b) mostra que há restrições de selecção entre os SNs e o SPrep *sobre propinas*. Em (53c), essas restrições de co-ocorrência atenuam-se fortemente:

- (53) a. A discussão/ a conferência/ a análise sobre propinas  
b. ? a aula sobre propinas/ \* a demonstração/ \* o acontecimento sobre propinas  
c. a discussão/ a conferência/ a análise/ a aula/ a demonstração/ o acontecimento na Faculdade.

Para Brito, os dois SPreps *sobre propinas* e *na Faculdade* são sintacticamente diferentes. O SPrep *sobre propinas* corresponde a um argumento interno do nome *discussão*, sendo portanto um complemento subcategorizado desse nome, enquanto que o SPrep *na Faculdade* não é um argumento interno, sendo antes um adjunto do sintagma nominal; o que difere do ponto de vista de Rigau (1999), já que a linguista classifica estes dois SPreps como sendo argumentos.

### 2.2.2.1 Os nomes não relacionáveis lexicalmente com outras categorias

Os nomes não relacionáveis, isto é, nomes que não são derivados de outras formas, também podem seleccionar argumentos. De acordo com a autora, estes podem apresentar vários tipos:

(i) os nomes que podem ser seguidos da preposição *de*, com valor de genitivo:

(54) o *pai* da Maria

(55) a *perna* da mesa

(56) o *braço* da criança

(57) a *fotografia* da rapariga

Os nomes apresentados em itálico nos exemplos de (54) a (57) são nomes de parentesco, de posse inalienável e icónicos genericamente chamados nomes relacionais por possuir estrutura argumental.

Com alguns nomes, se os SPreps não forem realizados, a frase fica incompleta, o que confirma a estrutura argumental destes nomes. Assim, os SPreps não podem ser separados do núcleo, como se pode ver em (58):

(58) a. Vi o pai (de quem?)

b. Apreciámos a fotografia (de quê/ de quem?)

c. Partiu-se a perna (de quê/ de quem?)

A partir do estudo dos capítulos nas duas gramáticas referidas, pretendeu-se mostrar que a estrutura interna do SN depende muito do tipo de nome que pode servir de núcleo. A estrutura lexical do SN consiste na parte da categoria em que se estabelecem relações de complementação, isto é, em que se realiza o nome e os seus argumentos.

No entanto, podemos observar que nem todos os nomes seleccionam argumentos, uma vez que nem todos são predicados semânticos ou têm propriedades predicativas.

Entre os nomes que seleccionam argumentos encontra-se a generalidade dos nomes derivados (de verbos e adjectivos, entre outros). No entanto, há também nomes

básicos que seleccionam também complementos, o que prove que os nomes são tipicamente predicados.

Dado que o objectivo do nosso trabalho é o de estudar a complementação e modificação dos nomes preposicionais, vamos, de seguida, debruçarmo-nos sobre os complementos/ modificadores preposicionais do nome, dando em particular atenção às preposições *de* e *a*, na medida em que estas foram encontradas em maior número e também por aceitarem orações infinitivas, embora distinguindo-se entre si.

### III. Os complementos e modificadores preposicionais do nome

Neste capítulo, vamos distinguir complementos de modificadores preposicionais do nome, por isso, pareceu-nos conveniente fazer umas breves observações sobre o estatuto das preposições.

#### 3.1 O estatuto da Preposição na Gramática Tradicional

As preposições constituem um campo de investigação pouco explorado. Xavier (1989: 42), em estudo sobre as preposições *a* e *de* no português europeu *vs.* *to* e *from* no inglês, assinala que “a preposição é talvez a categoria sobre a qual se encontram na literatura linguística as observações mais díspares”.

A linguista acrescenta (1990: 317) que a Preposição pode desempenhar uma função dupla:

- Realiza estruturalmente o caso inerente de complemento SNs subcategorizados por núcleos temáticos;
- Rege complementos oracionais, sendo um elemento de Aux/Flex de natureza aspectual ou modal.”

Ao estudar e confrontar as diferentes definições de preposição propostas por variadíssimos autores, verifica-se subsistirem alguns problemas.

De facto, a preposição constitui uma categoria que se tem prestado a uma enorme diversidade de classificações, constatando-se, nas várias propostas, uma visível dificuldade em caracterizá-la. No entanto, à medida que a teoria linguística evolui, depreende-se um alargamento do conceito, concedendo à classe das preposições um papel mais importante do ponto de vista semântico, que se situa ao nível de outras classes como o verbo, o adjectivo e o nome.

Como veremos, a preposição é frequentemente considerada como um mero elemento de ligação entre dois termos de uma frase, embora, segundo alguns autores, esta vá ganhando alguma importância. É, pois, uma palavra por vezes considerada como vazia, mas sobre certos aspectos e em determinados contextos, pode, pelo contrário, encontrar-se com uma importante carga semântica.

Na Grammatica Philosophica da Língua Portugueza, de Soares Barbosa (1803:1881), podemos ler a seguinte definição de preposição:

“Preposição é uma parte conjunctiva da oração, que posta entre duas palavras indica a relação de complemento que a segunda tem para a primeira. (...) O verbo combina e ata entre si os dois termos da preposição, sujeito e attributo: a preposição porém conjunta só as palavras que servem de complemento, ou ao sujeito, ou ao attributo, ou ao verbo da mesma oração. (...) A preposição nunca pôde ser nem antecedente nem consequente de outra. Porque indica só uma relação entre duas idéas, e por si não significa idéa alguma.”

Após a leitura desta definição, verificamos que a preposição é considerada como um elemento meramente relacional, isto é, não é atribuído à preposição qualquer papel semântico. É apenas um elemento funcional que “conjunta” partes da frase.

No entanto, ao analisar cada uma das preposições, Soares Barbosa confere-lhes alguma importância semântica:

“A primeira accepção da preposição *a*, é a de significar um logar, aonde se dirige immediatamente qualquer movimento sem tenção de parar no mesmo logar, como: vou a Lisboa, e não para Lisboa; vou a Lisboa, e dali para o Brasil. Do termo do logar passou a significar o termo do espaço do tempo: de Janeiro a Janeiro vão doze meses.” (op.cit.pág.:223)

Barbosa classifica as preposições em duas classes «segundo as duas relações gerais que os objectos podem ter uns com os outros, ou de estado e existência ou de acção e movimento» (1871: 226). À classe das preposições de estado e existência pertencem as preposições *em, sobre, sob, entre, ante, após, contra, com, sem*; à classe das preposições de acção e movimento pertencem as preposições *de, desde, por, per, a, até, para*.

Continuando o percurso pelas gramáticas tradicionais, constatamos que em Said Ali (1971: 203, 204) a classe das preposições ganha mais relevo:

“Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina. (...) Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéas tornou possível o alargamento do domínio semântico de algumas a ponto de invadirem umas o domínio das outras e se

confundirem por vêzes as partículas na aplicação prática. (...) A tendência para conquistar mais terreno acabou por fazer que de se tornasse “la préposition favorite de la latinité postérieure” como a caracterizou Goelzer.”

Em Cunha e Cintra (1991) existe o reconhecimento expresso de que a preposição pode ser uma categoria lexical (detentora de significado) e também um elemento auxiliar de sintaxe (categoria funcional). Estabelece-se uma diferença sintáctica, adjunto (os adjuntos são entendidos como termos acessórios, que «não são indispensáveis ao entendimento do enunciado» (op. cit. pág.150)) vs complemento, para explicar a existência de significado da categoria preposição. Assim:

“Enquanto a preposição que encabeça um Adjunto Adverbial possui claro valor significativo, a que introduz um Objecto Indirecto apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

*Cantava para os amigos.*

*Não duvides de mim.*

*Viajou para São Paulo.*

*Não saias de casa.*

Nas duas primeiras orações, em que introduzem objecto indirecto, as preposições *para* e *de* são simples elos sintácticos. Nas duas últimas, introduzindo Adjuntos Adverbiais, servem para indicar, respectivamente, o lugar para onde e lugar donde.” (op. cit. pág.: 146).

Na verdade, não consideramos que as duas primeiras orações introduzem objecto indirecto mas sim complementos oblíquos. Segundo a terminologia de Pustejovsky, os casos de *viajou para São Paulo* e *Não saias de casa* são considerados como sendo argumentos por defeito.

Cunha e Cintra tocam, assim, num ponto crucial ao estabelecerem uma correspondência entre sintaxe e semântica na análise da categoria preposição. Após outras considerações, os autores concluem:

“Em resumo: a maior ou menor intensidade significativa da Preposição depende do tipo de Relação Semântica por ela estabelecida.” (op. cit. pág.556).

Brito (2003) refere que um dos factores caracterizadores das preposições é o papel que assumem na marcação temática do seu complemento. Assim sendo, distingue três tipos de preposições:

- «(i) as que marcam tematicamente os seus argumentos juntamente com outros predicadores;
- (ii) as que são os verdadeiros itens predicativos e por si sós marcam tematicamente os seus próprios argumentos;
- (iii) as que têm um papel semântico secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de caso».

Podemos, assim, concluir que ao longo do caminho percorrido por algumas gramáticas e à medida que o conceito de Preposição se veio alargando, tanto mais valorizado se tornou o seu estatuto semântico. Em todas essas definições apresentadas, encontram-se registadas duas propriedades fundamentais da preposição: é uma palavra invariável e exprime uma relação entre dois termos.

### **3.2 O nome: complementos e modificadores preposicionais**

O desenvolvimento da linguística no século XX influenciou as descrições do Português e passaram a surgir obras cada vez mais distanciadas da tradição gramatical.

Este ponto tem como objectivo apresentar questões fundamentais relacionadas com os complementos e modificadores a partir de conceitos abordados por vários linguistas.

Camara (1984: 75) define complementos como sendo «vocábulos ou expressões que podem acompanhar o verbo de uma oração, completando ou ampliando a comunicação linguística feita no predicado». São complementos, pois, os termos que se ligam a verbos; os termos que se ligam a substantivos são, indistintamente, adjuntos: «... uma palavra ou locução em subordinação a outra frase, para lhe completar o sentido. (...) Na técnica da análise da frase convém reservar o título de adjunto às palavras ou locuções que assim funcionam ao lado de um substantivo, distinguindo-se, pela nomenclatura, dos complementos, que funcionam ao lado de um verbo.» (op. cit: 41).

Esta citação de Camara merece a nossa atenção na medida em que considera que os nomes não têm complementos, ora não adoptamos o mesmo ponto de vista. De facto, como já verificámos no capítulo anterior, há nomes, nomeadamente os nomes deverbais e deadjectivais, que admitem complementos.

Um complemento e um modificador distinguem-se basicamente por o primeiro pertencer à estrutura argumental do predicado nominal e o segundo não. No entanto, a pertença a essa estrutura e, portanto, a fronteira entre complemento e modificador nominal nem sempre é fácil de determinar. Este facto resulta, em parte, de não ser aplicável à generalidade dos nomes o critério sintáctico que, com os predicados verbais, por exemplo, permite distinguir argumentos de modificadores, a saber, o facto de a omissão sintáctica de um argumento dar geralmente origem – ao contrário do que acontece com os modificadores – a agramaticalidade.

As categorias Verbo, Nome, Adjectivo e Preposição têm diversas afinidades no que diz respeito a propriedades de selecção categorial. Com efeito, qualquer uma dessas categorias pode subcategorizar complementos, como se pode verificar em (1-4):

- (1) O Pedro [*fez o trabalho*].
- (2) [Os estudantes *da FLUP*] fizeram o trabalho.
- (3) O João é [*fiel aos seus princípios*].
- (4) A Maria mora [*perto de Coimbra*].

Por outro lado, o termo modificador designa os constituintes que não são seleccionados pelo núcleo. Estes constituintes podem pertencer a diversas categorias sintácticas e podem modificar constituintes de categorias distintas, como se viu em Brito (2003).

### **3.2.1 Complementos e modificadores preposicionais nos nomes derivados**

Neste ponto, pretende-se verificar se os nomes denominais, deverbais, deadjectivais e de medida admitem mais facilmente complementos e/ou modificadores preposicionais.

### 3.2.1.1 Nomes denominais

Os nomes derivados de Nomes têm tipicamente um significado relacional e, muitas vezes, indicam nomes de profissão. São os chamados «complementos determinativos». Estes comportam-se, sintacticamente, como complementos, como podemos ver em (5).

- (5) a. Artista de cinema
- b. Cabeleireiro para homens

Segundo Brito (2003: 331), estes nomes podem exprimir um sentido de restrição através de adjectivos de relação: *artístico plástico*. Como referimos anteriormente, o adjectivo é considerado como sendo relacional. É, pois, um argumento do nome e, por isso, recebe relações temáticas.

### 3.2.1.2 Nomes deverbais

Os nomes deverbais retêm geralmente as propriedades de selecção do verbo de que derivam, como já foi apresentado e desenvolvido anteriormente. Assim sendo, os Sprep que correspondem a argumentos do verbo são complementos do Nome deverbal correspondente. Nestes casos, é possível usar a paráfrase verbal do SN. Veja-se os seguintes exemplos:

- (6) A partida do atleta = o atleta partiu
- (7) A queda do ciclista = o ciclista caiu

Interessa-nos igualmente analisar as diferentes formas de realização dos constituintes do SN com nomes deverbais. Na língua portuguesa, o argumento interno é tipicamente expresso por *de + SN*, por razões de atribuição de Caso e recebe o papel temático de Tema. Vejamos a seguinte frase:

- (8) A *erradicação da malária* pelo Ministério da Saúde foi possível graças ao dinheiro dos fundos comunitários.

As palavras em *itálico* expressam o nome deverbal, o qual passa a desempenhar o papel de núcleo do SN, a preposição que serve de marcador temático é o objecto da acção descrita pela nominalização. Além do argumento interno, a frase apresenta um outro constituinte que tem merecido atenção nos estudos realizados: trata-se do argumento externo.

Verifica-se que a interpretação de agente não é apenas realizada por SPreps regidos pela preposição *por*, mas também por outras formas, como adjectivos temáticos ou referenciais e por determinantes possessivos. Observe -se a frase:

(9) A *sua* decisão de tomar providências contra a malária foi bem acolhida.

Em (9) estamos perante um caso de realização do argumento externo através de um determinante possessivo. A forma típica de manifestação linguística deste tipo de argumento é através do uso da preposição *por* + SN. Os verbos de processo culminado têm geralmente dois argumentos, mas devido ao processo de nominalização não estão necessariamente representados na estrutura sintáctica. A este propósito, Brito e Oliveira, (1997) afirmam que a estrutura argumental deste tipo de nominalização contém a posição eventiva e dois argumentos, assim esquematizados:

N (ev (x agente (y tema)))

Contrariamente à esquematização apresentada, nos nomes resultativos não se pode falar propriamente em termos de estrutura argumental, mas sim de informações de natureza conceptual, que também são em geral expressas por Sprep. (cf. Brito, 1994: 77).

Como dissemos anteriormente, as nominalizações com a interpretação eventiva realizam argumentos, mas através de preposições consideradas apropriadas para a atribuição de Caso.

A relação de argumento Objecto é expressa tipicamente, em PE, usando a preposição *de* a preceder um sintagma nominal, como se pode ver em (10) – (12). No entanto, verifica-se que é impossível os nomes deverbais, mesmo com uma interpretação eventiva, poderem realizar os argumentos da mesma forma que os seus verbos correspondentes.

- (10) Correção da matéria dada.
- (11) Revisão da história dos alunos.
- (12) Continuação do estudo do conto *Arroz do Céu*.

### 3.2.1.3 Nomes deadjectivais

Quando os nomes são derivados de adjectivos, os Sprep introduzidos pela preposição *de* são complementos, tal como sugerem os exemplos em (13) e (14).

- (13) A felicidade da Ana = *A Ana é feliz.*
- (14) A alegria da Maria = *A Maria está alegre/ é alegre*

Neste caso, o Sprep tem valor de genitivo e corresponde a frases predicativas com o verbo *ser* ou *estar*, como ilustra as paráfrases de (13) e (14), conforme o adjectivo denote um predicado de indivíduo ou um predicado de fase.

Há também nomes relacionados com nomes simétricos. Estes seleccionam um Sprep cujo núcleo é a preposição *entre* e *de*, como em (15) e (16), e o seu sentido pode aproximar-se de (17) e (18), respectivamente:

- (15) A diferença entre a Maria e o António
- (16) A parecença das crianças.
- (17) A Maria e o António são diferentes.
- (18) As crianças eram parecidas (uma com a outra).

### 3.2.1.4 Os nomes de medida

O tema da quantificação e da partição na língua e no discurso tem sido objecto de vários trabalhos em português. Neste ponto, propomo-nos estender o domínio deste tratamento, procurando determinar algumas das propriedades intrínsecas do funcionamento de várias expressões com valor quantitativo ou partitivo. Este interesse prende-se do facto de os nomes de medida introduzirem Sprep, sendo o objecto de estudo do nosso trabalho.

Há duas propriedades que distinguem os nomes contáveis dos não contáveis: a cumulatividade e a divisibilidade. Fala-se de cumulatividade quando «a soma de partes

de x produz x», ou seja, se tomarmos como exemplo o nome *água*, podemos dizer que uma parte de água associada a outra parte de água é água. Consequentemente, cada parte é da mesma natureza que o todo. Falamos de divisibilidade com nomes não contáveis<sup>(34)</sup>.

Segundo Filip (1999: 42), os predicados verbais são semelhantes aos nomes já que podem receber essa mesma caracterização:

“To put it in the simplest term, when we analyse individuals, we consider their spatial parts, when we analyze eventualities, we consider their temporal parts: “events are antistatistical and nonadditive; processes lack these properties” (Bach, 1981:70). Hence, this yields the following proportion: a process predicate (or sentence) is to an event predicate (or sentence) as a mass noun is to a count noun [...].”

Assim sendo, as propriedades *divisibilidade* e *cumulatividade* permitem estabelecer duas grandes classes de predicados verbais e nominais. Na primeira, encontram-se os *delimitados / télicos* (processos culminados e culminações; nomes contáveis com algum tipo de determinação) e, na outra, os *cumulativos / atélicos* (processos, estados plurais e massivos simples)<sup>(35)</sup>.

Filip (1999:46) propõe a seguinte classificação de sintagmas verbais e nominais, em termos de telicidade:

(Quadro 3)<sup>(36)</sup>

	ATÉLICO		TÉLICO	
PREDICADOS NOMINAIS	MASSIVOS SIMPLES	vinho, água	SNS CONTÁVEIS SINGULARES	uma / a / maçã
	PLURAIS SIMPLES	maçãs	SNS QUANTIFICADOS E DE MEDIDA:	cinco / todas as

<sup>(34)</sup> Veja-se Oliveira (2005).

<sup>(35)</sup> Filip (1999: 45) define telicidade como “[telic / quantized] covers all verbal predicates that entail some ‘delimitation’ in their semantic description, including any type of a final stage, regardless whether they have animate and inanimate, human and non-human subjects. It also includes predicates denoting events that are delimited at their initial boundary, as in *take off*. In addition I also use the term ‘quantized’ and ‘telic’ to cover complex predicates with durative *for-PP* as in [...] *John swam for an hour* [...]”

<sup>(36)</sup> O quadro 3 foi retirado de Miguel (2004: 136)

					maçãs; um copo de vinho
PREDICADOS VERBAIS	ESTADOS: ESTADOS SEM MUDANÇA	A Maria bebeu vinho.	EVENTS	ACCOMPLISHMENTS	A Maria bebeu um copo de vinho.
	MUDANÇA INDEFINIDA	A Maria esteve em Nova York.		ACHIEVEMENTS	A Maria chegou.

Relativamente a este quadro, podemos verificar que é determinada uma clara separação entre predicados télicos e atélicos, independentemente da sua natureza nominal ou verbal. No entanto, o quadro apresenta alguns problemas, pois os exemplos fornecidos para «estados sem mudança», na realidade corresponde a um processo e o exemplo fornecido para «mudança indefinida» é de facto um estado.

Outra propriedade que distingue nomes contáveis de não contáveis é a contabilidade. Enquanto os contáveis se contam, os não contáveis medem-se. A contabilidade manifesta-se nos nomes contáveis pela sua determinação. Com efeito, enquanto os nomes contáveis podem co-ocorrer com indefinidos e numerais (*muitos livros, duas mesas*), os não contáveis podem co-ocorrer com quantificadores e indefinidos não cardinais (*muita água, muita tristeza*).

Em línguas como o português os quantificadores associados a contáveis têm, tipicamente, traços de plural. É este traço que os distingue dos quantificadores associados a não contáveis.

Os contáveis no plural e os não contáveis podem surgir associados ao quantificador nominal *quantidade*, porque esta palavra também está associada a número (Oliveira, 2005). Vejamos os seguintes exemplos:

- (19) a. Uma quantidade de livros.
- b. Uma (certa) quantidade de vinho.

c. \*Uma (certa) quantidade de livro.

Tal como as propriedades de divisibilidade e cumulatividade estavam associadas aos nomes e aos verbos, segundo Filip, a contabilidade também o está.

De facto, Filip (1999) defende que predicados télicos e nomes contáveis se comportam de modo idêntico; ambos podem ser facilmente modificados por quantificadores que implicam algum tipo de contagem e por numerais cardinais. O traço contabilidade nos predicados verbais aplica-se às situações que podem ser directa ou intrinsecamente contadas: uma frase télica implica o adverbial cardinal *pelo menos uma vez*, de modo que um enunciado desse tipo pode ser modificado por um adverbial iterativo do tipo *três vezes* tal não acontece num enunciado atélico (cf. Cunha (2007).

Os nomes não contáveis formam complementos preposicionados sem determinante, como se pode verificar em (20):

(20) a. Bebi vinho.

b. Fiz o bolo com maçã./ Fiz o bolo com uma maçã.

Em (20b) sem determinante, o nome contável *maçã* é recategorizado em não contável.

Os nomes não contáveis podem combinar-se com nomes de medida como *quilo*, *metro*, *litro*, *ano*, *minuto*, etc. que, por sua vez, podem combinar-se com quantificadores, restringindo-os:

(21) Um quilo de farinha, 2 toneladas de ferro, 10 metros de tecido.

Estes nomes podem também combinar-se com alguns plurais, contrariamente ao que acontece com os contadores:

(22) Meio quilo de maçãs, 2 toneladas de desperdícios, dois anos de tristeza.<sup>(37)</sup>

Há ainda nomes que designam grupo como por exemplo *série*, *manada*, *montão*, etc. Necessitam, como os outros, de um complemento sobre o qual quantificar:

---

<sup>(37)</sup> Note-se que *meio quilo de maçãs* é diferente de *2 maçãs*: 2 dá uma informação cardinal enquanto um quilo dá informação de quantidade mas não de cardinalidade.

- (23) a. Disse uma série \*/ de disparates.  
b. Trouxe um montão \*/ de papéis.

Repare-se que grande parte dos nomes de medida introduzem Sprep introduzidos por *de* (um kilo *de maçã*, um litro *de leite*, um balde *de água*, um metro *de tecido*, parte *do trabalho*, etc.)

### 3.2.1.5 Outro tipo de nomes

Embora Moía (1993: 49) aborde apenas os modificadores frásicos, achou-se relevante analisar o seu artigo. Este autor distingue modificadores de apostos. Para ele, os apostos são “expressões que surgem associadas a estruturas nominais, mas que não restringem a sua denotação (como os modificadores), nem especificam a sua denotação (como os complementos). O seu papel é antes o de predicar – isto é, veicular informação – sobre as entidades envolvidas na denotação dessas estruturas nominais.”

Para este autor, no interior de um SN, os Sadj ou as orações relativas têm tipicamente a função sintáctica de modificador.

(24) [Aquele móvel antigo] <sub>SN</sub> pertence à minha avó<sup>(38)</sup>.

(25) [Aquele móvel que vês ali] <sub>SN</sub> pertence à minha avó.

Os complementos adjuntos podem ser modificadores restritivos, como os de (26), ou modificadores não restritivos, como os de (27):

(26) a. *O homem sentado* olhava-nos fixamente.

b. *O homem do chapéu* preto olhava-nos fixamente.

c. *O homem que estava sentado* olhava-nos fixamente.

(27) a. *O homem, sentado*, olhava-nos fixamente.

b. *O homem, com o chapéu nas mãos*, olhava-nos fixamente.

c. *O homem, que estava sentado*, olhava-nos fixamente.

---

<sup>(38)</sup> Os exemplos de (24) a (33) são retirados do Moía (1993).

Os modificadores restritivos de (26) contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal e, por isso, não podem ser separadas do antecedente por pausas.

Pelo contrário, os modificadores de (27) trazem informação nova, uma informação não necessária para a determinação da referência do sintagma nominal.

As orações relativas podem actuar como modificadores restritivos ou não restritivos na construção nominal.

Moía apresenta outros modificadores oracionais, que passo a descrever.

(i) modificadores oracionais infinitivos introduzidos pela preposição *a*:

(28) Esta cidade tem muitos edifícios *a precisar de restauração*.

(ii) modificadores oracionais infinitivos com uma estrutura de tipo passivo introduzidos pelas preposições *a* e *por*:

(29) a. Os documentos *a assinar* estão em cima da mesa.

b. Os locais *a visitar pelo Presidente durante a próxima Presidência Aberta* ainda não foram definidos.

c. Quais são os documentos *por assinar*?

(iii) modificadores oracionais infinitivos de valor final introduzidas por *para*:

(30) a. As flores *para oferecer à Ana* estão em cima da mesa.

b. Os óculos *para ver ao longe* estão em cima da mesa.

A preposição *de* seria possível na frase (30b), mas a frase teria outro sentido. De facto, com a ocorrência da preposição *de*, estaríamos na presença de um tipo de óculos.

(iv) modificadores oracionais introduzidos por *de*:

(31) a. Domingo é o dia *de toda a gente ficar em casa a descansar*.

b. A Ana guardou na pasta o caderno *de fazer exercícios*.

c. São fraldas *de usar e deitar fora*.

d. São óculos *de ver ao longe*.

Tal como nos exemplos de (30) e (31), o exemplo (32) aceita as preposições *de* e *para*, respectivamente. A preposição *de* introduz uma característica, enquanto que a preposição *para* indica uma finalidade:

- (32) a. Domingo é o dia *para toda a gente ficar em casa a descansar*.  
b. A Ana guardou na pasta o caderno *para fazer exercícios*.  
c. São fraldas *para usar e deitar fora*.  
d. São óculos *para ver ao longe*.

No entanto, os exemplos em (33) não podem ser introduzidos pela preposição *para*:

- (33) a. Na Rússia, faz um frio *de rachar*.  
b. Neste filme há cenas *de arrepiar os cabelos*.  
c. Era uma dor *de subir pelas paredes*.

Nos exemplos (32a-d), os modificadores oracionais infinitivos têm um valor aproximado dos modificadores oracionais finais, enquanto que em (33a-c) os modificadores oracionais têm um valor aproximável do de estruturas oracionais consecutivas, porque podem exprimir uma consequência.

(v) modificadores oracionais infinitivos introduzidos por *sem*:

- (34) Não podem atravessar a fronteira *sem estarem vacinados*.

Ainda dentro dos SNS, os Spreps podem também funcionar como modificador, como podemos observar em (35):

- (35) Aquele móvel [com portas em madeira] *pertence à minha avó*.

Como todos os exemplos são considerados até aqui como modificadores, é discutível, tendo em conta os testes propostos por Colaço et alii (2007/2008), se de facto se trata de modificadores e quais os critérios semânticos para tal. De facto, ao

aplicarmos o teste da deslocação à direita, apresentado em (35'a) e (35'b), e o teste da ordem, apresentado em (35'c), ao exemplo de (35), verifica-se que *com portas* e *em madeira* são complementos.

- (35') a. \*Aquele móvel [em madeira] pertence à minha avó [com portas].  
b. \*Aquele móvel [com portas] pertence à minha avó [em madeira].  
c. Aquele móvel [em madeira] [com portas] pertence à minha avó.

No entanto, como refere Cardoso (1988), os Sprep genitivos, isto é, sintagmas que podem ser substituídos por uma forma de possessivo, são complementos.

- (36) a. A casa *do* António é grande.  
b. O filho *do* meu vizinho é simpático.

Estes enunciados podem, também, ser parafraseados por uma construção com o verbo *ter*.

- (37) a. O António tem uma casa grande.  
b. O meu vizinho tem um filho que é simpático.

O genitivo possessivo pode ainda surgir com o verbo copulativo *ser* e, neste caso, exerce uma função predicativa.

- (38) a. A biblioteca é *do* meu amigo. (= pertence ao meu vizinho)  
a'. O meu vizinho tem uma biblioteca.

Em (38a) o ponto de partida é a biblioteca, enquanto que em (38b) a afirmação é enunciada a partir do possuidor.

É desta noção predicativa que deriva o emprego predicativo, seleccionado por um genitivo exprimindo uma ideia aproximada de «posse»:

- (39) a. Errar é próprio *do* ser humano.  
b. É dever *da* justiça punir os criminosos.

Existe, ainda, uma variedade do genitivo possessivo em Português, quando a posse se refere a uma propriedade ou qualidade, dada por um nome abstracto. Vejamos os seguintes exemplos:

- (40) a. O professor enaltecia as qualidades *do* aluno.
- b. Os alunos admiravam a coragem *do* professor.

O genitivo de qualidade expressa uma qualidade característica ou permanente num ser ou num objecto.

- (41) a. É um homem *de* palavras.
- b. Preocupa-se com coisas *de* pouca importância.
- c. As caves do Porto têm vinho *de* boa qualidade<sup>(39)</sup>.

O exemplo (41a) uma característica de um indivíduo e (41b-c) indicam uma característica de coisas.

Do mesmo modo que no genitivo possessivo é possível a leitura predicativa, no genitivo de qualidade também tem uma função predicativa.

Como refere Cardoso (1988) e Colaço et alii (2007/2008), os Sprep que indicam uma origem ou matéria são igualmente complementos. De facto, a preposição *de* pode indicar a fronteira inicial a partir da qual se opera um movimento, o início de uma contagem, de um ciclo temporal. Nesse caso, o Sprep, introduzido pela preposição *de*, é um complemento, como em (42):

- (42) a. O João vem *da* faculdade.
- b. A Maria viajou *de* Lisboa ao Porto.
- c. Ela saiu *de* casa.

A origem de um determinado sentimento expressa-se também com a preposição *de*:

- (43) Ele tem medo *do* escuro.

---

<sup>(39)</sup> Os exemplos (39) – (41) foram retirados de Cardoso (1988: 52)

(44) Não há nada melhor do que o carinho *de* mãe.

Outro caso em que o Sprep funciona como complemento é quando este indica a noção de matéria. Com efeito, a preposição *de* pode funcionar como especificador de matéria. Em alguns casos, é possível a comutação pela preposição *em*.

(45) a. Comprei sacos *de* papel

b. Vendi as minhas botas *de* borracha.

(46) a. Comprei sacos *em* papel

b. ? Vendi as minhas botas *em* borracha.

Em síntese, podemos afirmar que a maioria dos nomes denominais, deadjectivais, deverbais e de medida são nomes que admitem mais facilmente complementos do que modificadores. Esses complementos são maioritariamente introduzidos pela preposição *de*.

No entanto, em Moía (1993), os exemplos apresentados são considerados como modificadores. Nota-se, porém, que muitos deles não visam a preposição *de*, o que pode levar a pensar que são seleccionadas preposições diferentes conforme se trata de complementos ou modificadores. Mas como veremos, no capítulo IV, esta questão não é tão linear.

Dado que em algumas gramáticas se considera que as preposições são vazias quanto ao significado, apresenta-se neste ponto uma comparação entre frases em que se faz a substituição da preposição e se obtém um significado diferente, é o caso de, por exemplo, *óculos de ver ao longe* e *óculos para ver ao longe*.

No quadro seguinte, apresentamos, assim, em que circunstâncias os Sreps são complementos ou modificadores, de acordo com Moía (1993) e Cardoso (1988).

Quadro (4)

Complementos	Modificadores
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sprep com valor de genitivo: Exemplos: <i>A beleza da Maria; O pai da Maria</i></li> <li>• Sprep que indicam:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– matéria; Exemplo: <i>Comprei sacos de papel</i></li> <li>– origem Exemplo: <i>Ele saiu de casa</i></li> </ul> </li> <li>• Sprep, introduzidos por <i>de</i>, tendo como núcleo um nome:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– deverbais Exemplo: <i>A partida do atleta</i></li> <li>– deadjectivos Exemplo: <i>A tristeza da viúva</i></li> <li>– denominais Exemplo: <i>Artista de cinema</i></li> <li>– de medida Exemplo: <i>Um balde de água</i></li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orações relativas introduzidas por:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>de</i> Exemplo: <i>Óculos de ver ao longe</i></li> <li>– <i>a/ por</i> (com estrutura do tipo passivo) Exemplo: <i>Os documentos a/ por assinar</i></li> <li>– <i>para</i> (com valor de oração final) Exemplo: <i>As flores para oferecer à Ana</i></li> </ul> </li> </ul>

### 3.3 Testes utilizados para distinguir os modificadores dos complementos.

Tendo em conta que os critérios até agora apresentados não clarificam a distinção entre complementos e modificadores, apresentam-se neste ponto testes que permitem fazer de forma mas clara essa distinção.

Os testes a seguir, propostos por Colaço et alii (2007/2008), permitem distinguir complementos de modificadores.

### 3.3.1 Deslocação à direita (extraposição)<sup>(40)</sup>

Enquanto os modificadores podem ocorrer numa posição à direita, afastados do Nome que modificam, os complementos não admitem essa possibilidade, conforme se pode verificar pela agramaticalidade de (48b), (49b) e (50c).

(47) a. A menina [de óculos]<sub>SP</sub> veio jantar.

b. A menina veio jantar [de óculos]<sub>SP</sub>.

(48) a. O vendedor [de seguros] <sub>SP</sub> veio jantar.

b. \*O vendedor veio jantar [de seguros]<sub>SP</sub>.

(49) a. Os convidados [para o baile]<sub>SP</sub> vieram jantar.

b. \*Os convidados vieram jantar [para o baile]<sub>SP</sub>.

(50) a. O membro [do governo]<sub>SP</sub> [com óculos]<sub>SP</sub> veio jantar.

b. O membro [do governo]<sub>SP</sub> veio jantar [com óculos]<sub>SP</sub>.

c. \*O membro [com óculos]<sub>SP</sub> veio jantar [do governo]<sub>SP</sub>.

### 3.3.2 A ordem

Numa sequência tal como Nome + Sprep + Sprep, o primeiro Sprep tem de ser um complemento, caso contrário a frase torna-se agramatical como em (51b) e (52b).

(51) a. Ele comprou [um gravador de DVD'S]<sub>SP</sub> [a pilhas]<sub>SP</sub>.

b. \*Ele comprou um gravador [a pilhas]<sub>SP</sub> [de DVD'S]<sub>SP</sub>.

(52) a. O membro [do governo]<sub>SP</sub> [com óculos]<sub>SP</sub> veio jantar.

b. \*O membro [com óculos]<sub>SP</sub> veio jantar [do governo]<sub>SP</sub>.

---

<sup>(40)</sup> Os testes apresentados de 3.3.1 e 3.3.4 são retirados do texto em estudo.

### 3.3.3 A coordenação

Através dos exemplos contemplados em (53), (54) e (55), podemos concluir que é impossível coordenar um complemento e um modificador.

(53) \*Ele comprou um gravador [de DVD's]<sub>SP</sub> e [a pilhas]<sub>SP</sub>.

(54) Ele comprou um gravador [de cassetes]<sub>SP</sub> e de [DVD's]<sub>SP</sub>.

(55) Para realizar o seu trabalho, ele usou um gravador [a pilhas]<sub>SP</sub> e [com alimentação por corrente]<sub>SP</sub>.

### 3.3.4 A quantidade

Segundo Colaço et alii (2007-2008), cada núcleo nominal só pode ocorrer com um complemento do mesmo tipo e, no caso dos SNs que surgem com mais de um Sprep, as preposições são diferentes.

(56) a. Aquela professora [de Português] trabalha muito.

b. \*Aquela professora [de Português] [de Francês] trabalha muito.

As autoras só aceitam a possibilidade de ocorrer mais de que um Sprep apenas se for uma sequência do tipo complemento + modificador, como podemos verificar em (57a) ou modificador + modificador, como em (57b).

(57) a. Aquela professora de Português com chapéu trabalha muito.

b. Aquele vendedor de óculos de sol trabalha muito.

Apenas os nomes deverbais aceitam mais de um complemento. Neste caso, os Sprep correspondem aos argumentos do verbo, conforme exemplifica (58).

(58) a. A destruição [do prédio] [pelos pedreiros] ocorreu ontem.

Em síntese, dado que o objectivo deste trabalho é a distinção entre complementos e modificadores preposicionais do nome, procurou-se compreender melhor a problemática das preposições e analisar o seu estatuto, tendo para isso verificado a forma como algumas gramáticas analisaram essa questão.

Num segundo momento deste capítulo, procedeu-se à distinção entre complementos e modificadores preposicionais relativamente aos nomes denominais, deverbais, deadjectivais, de medida e outros tipos de nome. Para tal, recorreu-se aos testes propostos por Colaço et alii (2007-2008). Os testes utilizados, a saber a deslocação à direita, a ordem, a coordenação e a quantidade, servem para testar esta distinção embora a maioria das preposições analisadas pelos autores seja fundamentalmente a preposição *de* e alguns exemplos com *para* e *com*, não sendo por isso considerada a preposição *a*.

No capítulo seguinte, iremos verificar até que ponto estes testes são aplicáveis a um corpus constituído para este trabalho a partir do *cetempublico* em que os Sprep considerados são introduzidos por *de* e *a*.

## IV. Análise do corpus e interpretação dos dados

### 4.1 Introdução

Este capítulo centra-se na análise de um pequeno conjunto de exemplos retirados do *cetempublico*, em que foram seleccionadas frases com Sprep, introduzidas pelas preposições *de* e *a*. Como já foi dito anteriormente, foi verificado no mesmo corpus que estas preposições são, em termos gerais, as mais comuns e essa é a razão por que foram seleccionadas.

No entanto, como podemos verificar no seguimento deste capítulo, a preposição *a* apresenta uma frequência baixa no que diz respeito à complementação ou modificação de nomes. Assim, procurou-se observar a relação estrutural desses constituintes com o seu núcleo, aplicando alguns dos testes, anteriormente referidos, para distinguir complementos de modificadores preposicionais de nome.

### 4.2 Metodologia

Numa primeira fase reuniram-se exemplos de frases com Sprep introduzidos pelas preposições *de* e *a* e aplicaram-se os testes anteriormente referidos para distinguir complementos de modificadores preposicionais do nome.

As estratégias definidas visaram a selecção de SNs em que a complementação/modificação fosse realizada por Spreps, eliminando, por isso, outras categorias como por exemplos os adjectivos.

No entanto, verificou-se que há casos em que a posição da preposição vem imediatamente a seguir a um nome mas não está directamente relacionada com a questão de modificação ou complementação desse nome.

Assim, nos exemplos (1) e (2) que se seguem, em virtude da construção em que está inserido o nome, os sintagmas *a indicar* e *a tomar* não podem ser considerados como complementos/modificadores do nome.

(1) A solução, para uma melhor harmonia, «é que seja a população [*a indicar*] quais são os casos prioritários», explicou. Ext 577 (soc, 98b)

(2) Oxalá seja o primeiro chefe de Estado [*a tomar*] finalmente, e de forma clara, o partido da democracia e do direito. Ext 606 (nd, 95a)

### 4.3 Análise dos dados obtidos

A partir de exemplos retirados do *cetempublico* irei, de seguida, verificar se os testes propostos por Colaço et alii (2007-2008) são aplicáveis a uma sequência do tipo SN *de* SN e SN *a* SN, apresentados de (3) a (13). Como se verá neste último caso, nos escassos exemplos nem sempre se encontram este tipo de sequência.

Apresentam-se a seguir os exemplos seleccionados:

- (3) É uma das mais antigas discotecas [*do* Algarve] (...). Ext 1 (clt, 92b)
- (4) Na cerimónia [[*de* inauguração] [*do* edifício]], Ieltsin declarou perante mais de cem mil pessoas que «a Rússia está perto da estabilidade política». Ext 8 (pol, 94a)
- (5) Carrington fez sempre questão de salientar que as hipóteses [[*de* sucesso] [*do* cessar-fogo]] dependem sobretudo dos beligerantes. Ext 22 (eco, 92a).
- (6) O estado actual [[*dos* transportes] [*de* emergência médica]] em Portugal foi um dos temas mais debatidos. Ext 1296 (soc, 94b)
- (7) Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [[*de* obras] [*de* pequeníssimo formato]] feitas a grafite sobre tela. Ext 42 (soc, 91b)
- (8) João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [[*de* Estado] [*a* Moçambique]], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou. Ext 4 (pol, 97a)
- (9) A data aproxima-se, há pequenas coisas [*a* fazer], como por exemplo vacinas, e não podemos estar a vacinar as Cortes inteiras. Ext 572 (nd, 91b)
- (10) Poder-se-á tocar na realidade virtual, embora seja um objectivo [*a* longo prazo]. Ext 48 (clt, 97a)
- (11) Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [[*dos* candidatos] [*a* asilo político]], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social. Ext 43 (clt-soc, 95a)
- (12) Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar os recursos [*de* pesca] [*da* zona] e, em segundo plano, a intenção *de* alargar a sua jurisdição *a* águas internacionais para além das 200 milhas da zona económica exclusiva. Ext 98 (soc, 95a).

- (13) Por isso as comissões vão percorrer o Entroncamento, em obediência [*a* um lema bíblico]: «se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé». Ext 90 (soc, 92b)

#### 4.3.1 A preposição *de*

##### a. A deslocação à direita

Para poder utilizar o teste da deslocação à direita com a finalidade de distinguir complementos de modificadores, fez-se uma manipulação da frase (3), enumerada como (14) para que o núcleo nominal ocupasse a posição de sujeito e mais facilmente pudesse ser deslocado à direita.

Como podemos verificar pela agramaticalidade de (3c), (5c-d) e de (6b-c) *do Algarve*, *de sucesso*, *do cessar-fogo*, *dos transportes* e *de emergência médica* não podem ocorrer numa posição à direita, afastados do nome que modificam.

- (14) a. É uma das mais antigas discotecas [*do Algarve*]. Ext 1 (clt, 92b)

b. A mais antiga discoteca [*do Algarve*] situa-se em Albufeira.

c. \*A mais antiga discoteca situa-se em Albufeira[*do Algarve*].

- (15) a. Carrington fez sempre questão de salientar que as hipóteses [[*de sucesso*][*do cessar-fogo*][ dependem sobretudo dos beligerantes. Ext 22 (eco, 92a)

b. \*As hipóteses [*do cessar-fogo*] dependem [*de sucesso*] sobretudo dos beligerantes.

c. \*As hipóteses [*de sucesso*] dependem [*do cessar-fogo*] sobretudo dos beligerantes.

- (16) a. O estado actual [*dos transportes*] [*de emergência médica*] em Portugal foi um dos temas mais debatidos. Ext 1296 (soc, 94b)

b. \*O estado actual [*de emergência médica*] em Portugal [*dos transportes*] foi um dos temas mais debatidos.

c. \*O estado actual [*dos transportes*] em Portugal [*de emergência médica*] foi um dos temas mais debatidos.

b. A ordem

Nos testes apresentados por Colaço et alii (2007-2008), os autores referem que numa sequência do tipo SN + Sprep + Sprep, o primeiro Sprep tem de ser um complemento, o que podemos verificar pela agramaticalidade da frase (17b).

(17) a. Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [[*de obras*] [*de pequeníssimo formato*]] feitas a grafite sobre tela. Ext 42 (soc, 91b)

b. \*Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [*de pequeníssimo formato*] [*de obras*] feitas a grafite sobre tela.

c. Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [*de obras*] feitas a grafite sobre tela [*de pequeníssimo formato*]<sup>(41)</sup>.

No entanto, como podemos verificar nas frases apresentadas de (18) a (20), os dois Sprep funcionam como complementos. Parece haver uma hierarquia mas não do mesmo nome, por exemplo em (18) *de inauguração do edifício* é complemento de *cerimónia* e *de inauguração* é complemento de *edifício*.

Através do exemplo apresentado em (21b), em que *da zona* é complemento de *recurso da pesca*, e do exemplo em (21c), em que *da zona de pesca* é complemento de *recurso*, podemos concluir que a posição é relevante para o estabelecimento da hierarquia.

(18) a. Na cerimónia [[*de inauguração*] [*do edifício*]], Ieltsin declarou perante mais de cem mil pessoas que «a Rússia está perto da estabilidade política». Ext 8 (pol, 94a)

b\* Na cerimónia [*do edifício*] [*de inauguração*], Ieltsin declarou perante mais de cem mil pessoas que «a Rússia está perto da estabilidade política».

c. \* [Do edifício] na cerimónia [*de inauguração*], Ieltsin declarou perante mais de cem mil pessoas que «a Rússia está perto da estabilidade política».

(19) a. Carrington fez sempre questão de salientar que as hipóteses [[*de sucesso*] [*do cessar-fogo*]] dependem sobretudo dos beligerantes. Ext 22 (eco, 92a)

---

<sup>(41)</sup> Nota-se, em (17c), a expressão de pequeníssimo formato funciona com complemento de tela, enquanto que em (17a) surge como modificador.

b. \*Carrington fez sempre questão de salientar que [*de* sucesso] as hipóteses [*do* cessar-fogo] dependem sobretudo dos beligerantes.

c. \*Carrington fez sempre questão de salientar que as hipóteses [*do* cessar-fogo] [*de* sucesso] dependem sobretudo dos beligerantes.

(20) a. O estado actual [[*dos* transportes] [*de* emergência médica]] em Portugal foi um dos temas mais debatidos. Ext 1296 (soc, 94b)

b. \*O estado actual [*de* emergência médica] [*dos* transportes] em Portugal foi um dos temas mais debatidos.

c. \* O estado actual [*dos* transportes médica] em Portugal [*de* emergência] foi um dos temas mais debatidos.

(21) a. Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar os recursos [*de* pesca] [*da* zona] e, em segundo plano, a intenção de alargar a sua jurisdição a águas internacionais para além das 200 milhas da zona económica exclusiva. Ext 98 (soc, 95a).

b. Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar [os recursos *de* pesca] [*da* zona] (...)

c. Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar os recursos [*da* zona *de* pesca] (...)

### c. A coordenação

Segundo os mesmos autores, não é possível coordenar um complemento e um modificador. De facto, só é possível coordenar ou dois complementos ou dois modificadores.

No entanto, verificámos que no teste anterior o exemplo (19), enumerado agora por (22), apresenta dois complementos mas estes não são seleccionados pelo mesmo nome, daí a agramaticalidade neste teste.

(22) a. O estado actual [[*dos* transportes] [*de* emergência médica]] em Portugal foi um dos temas mais debatidos. Ext 1296 (soc, 94b)

b. \*O estado actual [*dos* transportes] e [*de* emergência médica] em Portugal foi um dos temas mais debatidos.

(23) a. Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [[*de obras*] [*de pequeníssimo formato*]] feitas a grafite sobre tela. Ext 42 (soc, 91b)

b. \*Agora, num espaço de exposições também recente, mostra uma série [[*de obras*] e [*de pequeníssimo formato*]] feitas a grafite sobre tela.

(24) a. Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar os recursos [*de pesca*] [*da zona*] e, em segundo plano, a intenção *de* alargar a sua jurisdição *a* águas internacionais para além das 200 milhas da zona económica exclusiva. Ext 98 (soc, 95a).

b. \*Em causa neste diferendo estão dois problemas: a intenção canadiana de, pretensamente, preservar os recursos [*de pesca*] e [*da zona*] e, em segundo plano, a intenção *de* alargar a sua jurisdição *a* águas internacionais para além das 200 milhas da zona económica exclusiva.

#### d. A quantidade

Colaço et alii (2007-2008) afirmam que cada núcleo nominal apenas pode ocorrer com um complemento do mesmo tipo e que nos casos dos nomes em que ocorrem com mais de um complemento preposicional, cada um destes é introduzido por uma preposição distinta.

No entanto, nos exemplos de (25) a (27), podemos verificar que os dois Sprep são complementos, como pudemos verificar anteriormente, e são introduzidos pela mesma preposição.

(25) Na cerimónia [*de inauguração*] [*do edifício*], Ieltsin declarou perante mais de cem mil pessoas que «a Rússia está perto da estabilidade política». Ext 8 (pol, 94a)

(26) Carrington fez sempre questão de salientar que as hipóteses [*de sucesso*] [*do cessar-fogo*] dependem sobretudo dos beligerantes. Ext 22 (eco, 92a)

(27) O estado actual [*dos transportes*] [*de emergência médica*] em Portugal foi um dos temas mais debatidos. Ext 1296 (soc, 94b)

Em síntese, no que diz respeito aos Spreps introduzidos pela preposição *de*, como pudemos observar anteriormente quanto ao teste de deslocação, confirma-se que o modificador pode ser deslocado à direita e o complemento não.

No que se refere ao teste da ordem, nos exemplos típicos mantém-se a estrutura complemento + modificador. No entanto, nos exemplos de (18) a (21) verificou-se que nem sempre é assim, sendo porém complementos de nomes diferentes, devendo a estrutura sintáctica ser diferente.

Além disso, parece que a estrutura SN + Sprep + Sprep é comum aos nomes de quantidade, embora não tenha sido desenvolvido este estudo. Veja-se o exemplo apresentado em (28), em que os nomes *série* e *metro* seleccionam vários Spreps :

- (28) a. Uma série [de obras] [de pequeniníssimo formato]  
b. Um metro [de seda] [da China]  
c. Vou fazer uma blusa com um metro [de seda] [a condizer] [com a saia].

#### 4.3.2 A preposição *a*

##### a. A deslocação à direita

Tal como a preposição *de*, os Spreps introduzidos por *a*, nestes exemplos, são aparentemente complementos na medida em que não admitem ser deslocados à direita.

(29) a. João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita de estado [*a* Moçambique]], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou. Ext 4 (pol, 97a)

b. Na visita [de Estado] [*a* Moçambique], João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio, ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou.

c. \*Na visita [*a* Moçambique], João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio, ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou [de Estado].

d. \*Na visita [de Estado], João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio, ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou [*a* Moçambique] .

(30) a. A data aproxima-se, há pequenas coisas [*a* fazer], como por exemplo vacinas, e não podemos estar a vacinar as Cortes inteiras. Ext 572 (nd, 91b)

b. A data aproxima-se, há pequenas coisas, como por exemplo vacinas, [*a* fazer] e não podemos estar a vacinar as Cortes inteiras.

(31) a. Poder-se-á tocar na realidade virtual, embora seja um objectivo [*a* longo prazo]. Ext 48 (clt, 97a)

b. Um objectivo [*a* longo prazo] é poder-se tocar na realidade virtual.

c. \*Um objectivo é poder-se tocar na realidade virtual [*a* longo prazo].

(32) a. Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos] [*a* asilo político], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social. Ext 43 (clt-soc, 95a)

b. \*Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social, [*a* asilo político].

#### b. A ordem

A partir dos exemplos apresentados de (33) a (35) é possível afirmar que numa sequência N + Sprep + Sprep não só o primeiro Sprep é complemento como também o segundo.

(33) a. João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [de estado] [*a* Moçambique], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou. Ext 4 (pol, 97a)

b. \*João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [*a* Moçambique] [de estado], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou.

(34) a. Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos] [*a* asilo

político], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social. Ext 43 (clt-soc, 95a)

b. \*Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [*a* asilo político] [dos candidatos], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social.

(35) a. Por isso as comissões vão percorrer o Entroncamento, em obediência [*a* um lema bíblico]: «se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé». Ext 90 (soc, 92b)

b. \*Por isso as comissões vão percorrer o Entroncamento, [*a* um lema bíblico] em obediência: «se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé».

### c. A coordenação

Nos testes da deslocação à direita e da ordem revelaram que os dois Spreps são complementos. No entanto, os exemplos de (36) e (37) mostram que não é possível coordenar esses dois Spreps.

(36) a. João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [de estado] [*a* Moçambique], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou. Ext 4 (pol, 97a)

b. \*João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [de estado] e [*a* Moçambique], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou.

(37) a. Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos] [*a* asilo político], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social. Ext 43 (clt-soc, 95a)

b. \*Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos] e [*a* asilo político], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social.

d. A quantidade

(38) João Cravinho, que integra a comitiva de Jorge Sampaio na visita [de Estado] [*a* Moçambique], ainda não reagiu à carta que o dirigente socialista lhe enviou. Ext 4 (pol, 97a)

(39) \*Em Janeiro de 1994, noticiava-se a introdução na Alemanha de um supercomputador que regista as impressões digitais [dos candidatos] [*a* asilo político], para tentar detectar fraudes nos subsídios da segurança social. Ext 43 (clt-soc, 95a)

Estes testes para distinguir complementos e modificadores preposicionais do nome realizados com a preposição *a* permitiram concluir que os Spreps, introduzidos por esta preposição, admite mais facilmente complementos.

No entanto, para se chegar a uma conclusão mais clara sobre a matéria seria importante alargar o número de exemplos.

Tal como acontece com a preposição *de*, há exemplos com infinitiva seleccionados por *a*.

Neste capítulo, aplicaram-se os testes apresentados por Colaço et alii (2007/2008) a um pequeno conjunto de excertos retirados do *cetempublico*.

Verificámos que a ocorrência de dois Spreps com a preposição *de* é possível, enquanto que com a preposição *a* isso não é possível.

Além disso, os dois Spreps podem ser ambos complementos. De facto, a partir dos testes da ordem e da deslocação à direita observou-se que os dois Spreps são complementos, embora sejam de nomes diferentes. Parece, pois, haver uma hierarquia.

No que diz respeito à preposição *a*, contrariamente à proposta de Moía (1993), referida no capítulo III, parece que o Sprep encabeçado por esta preposição tenha a função de complemento e não de modificador.

## V. Aplicação de aplicação ao ensino

*«Toute grammaire de texte doit nécessairement s'appuyer sur une analyse détaillé des formes et des valeurs des marqueurs grammaticaux».*

(Jean-Pierre Desclé

Zlatka Guentchéva)

O ensino/aprendizagem da língua materna deve contribuir para a formação total do indivíduo. Para isso, é necessário proporcionar ao aluno instrumentos operatórios para que ele seja capaz de relacionar a língua consigo próprio em três dimensões: a cognitiva, a lúdica e a social. Nesta perspectiva, a competência específica do professor de língua materna pressupõe o conhecimento de teorias e modelos heterogêneos e a capacidade para adequar essa informação ao desenvolvimento intelectual e sócio-afectivo do aluno. Assim, o professor deverá utilizar diferentes estratégias, realizar diferentes tarefas para que o aluno seja motivado para essa aprendizagem.

Efectivamente, não podemos esquecer-nos de que a língua materna é um factor importante de identidade nacional e cultural. No nosso espaço nacional, o Português é a língua de escolarização, por isso, o domínio da língua é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania. Na sociedade de hoje, onde impera a competitividade, emerge a necessidade de preparar o aluno para melhor se adaptar à realidade na medida em que actualmente as situações de desigualdade e exclusão social proliferam. Assim sendo, é necessário proporcionar bases sólidas para uma educação para todos.

### 5.1 O ensino da gramática

*«Ensinar a língua é ensinar o modo como a língua categoriza o mundo extralinguístico, é reduzir a realidade a categorias de conceitos. Ensinar a língua é colocar o aluno perante (...) roteiros mentais e materiais. Os modelos mentais de representação tanto se situam na imitação como na criação.*

*Enfrentar a realidade através da língua é o Primeiro passo para ter acesso à língua e à realidade.»*

(Mário Vilela, 2002: 333)

A gramática é um objecto pedagógico-didáctico que não pode ser trabalhado isoladamente, mas deve ser vista como um percurso integrado na comunicação oral e escrita. Contudo, não basta ensinar regras gramaticais de forma isolada e descontextualizada, deverá ser feita uma reflexão gramatical no sentido de desenvolver a capacidade discursiva do aluno.

Nas duas últimas décadas o conhecimento sobre a língua portuguesa registou avanços muito significativos relativamente ao que antes se possuía sobre qualquer uma das componentes da sua gramática contemporânea

Penso que, independentemente das circunstâncias que condicionam o ensino da língua portuguesa nas nossas comunidades escolares, é missão dos docentes formar alunos não apenas proficientes na sua língua materna, mas também possuidores de um saber especializado e qualificado acerca da estrutura e do funcionamento desta. Ainda que os programas de português se pautem por objectivos que, a olhos mais exigentes, podem ser considerados exíguos, quando excluem ou secundarizam o conhecimento da gramática explícita da língua, o professor de português deve, ao invés, promover este conhecimento.

Embora os Novos Programas de Português contemplem um módulo de reflexão sobre a língua, designado por «Funcionamento da Língua. Análise e Reflexão», considera-se que a gramática da língua não deve aparecer como conteúdo disciplinar autónomo. A descoberta de aspectos fundamentais da estrutura da língua por parte do aluno deve ser realizada a partir de uma sistematização de regularidades observadas nas diversas práticas da fala, escrita e leitura.

Parafraseando Zayas (2004:16), o estudo da gramática dentro da sala de aula deve incidir não só sobre as formas linguísticas mas sobretudo nos diferentes usos sociais da língua. Este autor apela para a necessidade de haver, em contexto de ensino/aprendizagem, um modelo pedagógico de «gramática de la comunicación».

Para Bernárdez (1996: 402-405), «[...] en estos últimos años, la lingüística está empezando a romper la división tradicional entre estructura y uso, tendiéndose a una visión integradora. Se busca comprender cómo las condiciones de uso de la lengua determinan en buena medida la estructura misma. Esto es, la estructura será consecuencia del uso de la lengua, porque éste no es en absoluto arbitrario o azaroso, sino que obedece a algunas pocas principios de carácter fundamental.»

O sentido de um texto está relacionado a aspectos diversos tais como a competência de compreensão global, o código linguístico, bem como as relações

textuais e intertextuais. A interacção entre esses diversos elementos faz com que a leitura se efectue a partir de níveis que vão possibilitar uma perfeita integração entre os elementos componentes do texto.

De acordo com Sperber e Wilson (1995), o fundamental numa leitura é sempre a busca da intenção pretendida pelo autor do texto de modo a desencadear alguma alteração de crenças e de suposições do indivíduo, estabelecendo uma comunicação do leitor com aquele que produz o texto e, ao mesmo tempo, com as realidades contextuais das quais o autor faz referência.

Para Costa (1999: 101), «o ensino da gramática é orientado pelo objectivo de fazer adquirir aos alunos um conhecimento explícito sobre o modo de funcionamento do sistema linguístico, isto é, de tomar o conhecimento linguístico tácito e inerente num conhecimento consciente, acessível, explicitável; trabalha-se não para formar pequenos linguistas ou gramáticos, mas no sentido de proporcionar aos sujeitos em aprendizagem condições intelectuais suportadas por instrumentos adequados ao desenvolvimento da capacidade de pensar metalinguisticamente.»

Segundo Nogueira (1999: 240), «ensinar a gramática de uma língua é constituir em objecto de estudo, através da reflexão e da análise, algo que está em nós, que conosco cresceu e se desenvolveu, e que, ao conformar a nossa visão do mundo, nos permite dizer o que somos e comunicar com os outros.»

Para que os alunos atinjam o nível de mestria envolvido na compreensão de géneros formais e públicos do oral, é necessário que a escola os exponha a discursos orais de complexidade crescente. Além disso, convirá que os alunos aprendam a reflectir sobre os vários géneros do oral, a conhecer as regras sociais que os regulam, a prever as reacções dos interlocutores e a reformular o discurso próprio em função das mesmas.

## **5.2 A TLEBS**

A Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS) foi adoptada a título de experiência pedagógica, em 2004, como documento de referência para as práticas pedagógicas dos professores de língua portuguesa, com a finalidade de superar a desactualização da Nomenclatura Gramatical Portuguesa de 1967 (documento legal em vigor até à data de adopção da TLEBS).

### 5.2.1 Complemento do nome

O complemento do nome pode ser um grupo preposicional (oracional (1) ou não oracional (2)) ou, menos frequentemente, um grupo adjectival (3).

Um nome pode seleccionar mais de um complemento (4). Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional.

(1) [A ideia [de que o João aceitaria o lugar]] é absurda.

([de que o João aceitaria o lugar] é o complemento do nome "ideia" no grupo nominal [a ideia de que o João aceitaria o lugar])

(2) [A construção [do edifício]] parece-me difícil.

([do edifício] é complemento do nome "construção" no grupo nominal [a construção do edifício])

(3) [A pesca [baleeira]] tem vindo a aumentar.

([baleeira] é o complemento do nome "pesca" no grupo nominal [a pesca baleeira]).

(4) [A oferta [de livros] [às bibliotecas escolares]] é importante.

([de livros] e [às bibliotecas escolares] são complementos do nome "oferta" no grupo nominal [a oferta de livros às bibliotecas escolares])

### 5.2.2 Modificadores do nome

Segundo a Revisão da Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, proposta pelo Ministério da Educação; os modificadores definem-se como sendo:

«Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma frase (5). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações

(6), constituintes verbais (7) ou nominais (8). Os modificadores podem ter diferentes formas (9) e diferentes valores semânticos (10).»

(5) a. O caminhão explodiu [aqui].

b. O caminhão explodiu.

(6) a. [Felizmente], vou ficar em casa.

b. [Matematicamente], isso está errado.

(7) a. A Ana cantou [ontem].

b. A Ana cantou [mal].

(8) a. O rapaz [gordo] chegou.

b. O rapaz [que tu conheces] chegou.

(9) a. A Ana cantou [ontem]. (grupo adverbial)

b. A Ana cantou [naquele dia]. (grupo preposicional)

c. A Ana cantou [quando tu chegaste de França]. (frase)

(10) a. A Ana cantou [naquela sala]. (locativo)

b. A Ana cantou [naquele dia]. (tempo)

c. A Ana cantou [daquela maneira]. (modo)

São vários os modificadores propostos na nova terminologia:

(i) Modificador do nome apositivo

Os modificadores do nome apositivo são modificadores do nome que não restringem a referência do nome que modifica, como podemos verificar em (11). Os elementos que podem funcionar como modificadores do nome apositivos são, tipicamente, grupos nominais (12) ou orações relativas explicativas (13):

(11) a. Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças.

b. \*Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças, os antipáticos não.

A relativa "que são simpáticos" não restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, não define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "simpáticos" não restringir a referência de "escuteiros", não é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos, por isso, a frase (11b) não é aceitável.

(12) [D. Afonso II [, o gordo,]] tem um novo monumento.

(13) [Os lobos [,que são mamíferos,]] são animais muito bonitos.

Na escrita, os modificadores apositivos são sempre separados por vírgulas dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

(ii) Modificador do nome restritivo

São modificadores do nome que limita, isto é, restringem a referência do nome que modifica, como em (14).

(14) a. Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças.

b. Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças, os antipáticos não.

A relativa "que são simpáticos" restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "que são simpáticos" restringir a referência de "escuteiros", é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos – por isso mesmo, a frase (14b) é aceitável).

Os elementos que podem funcionar como modificadores do nome restritivos podem ser grupos adjectivais (15), grupos preposicionais (16) ou orações subordinadas adjectivas (17).

(15) Adoro [flores [frescas e coloridas]].

(16) [O rapaz [de barba]] é meu aluno.

(17) [Os lobos [que vivem no Parque Peneda-Gerês]] estão em vias de extinção.

Na escrita, os modificadores restritivos não podem ser separados por vírgulas dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

### 5.3 Propostas de actividades didácticas para o terceiro ciclo

#### Exercício 1

**Objectivos:** (i) verificar que os nomes podem ter complementos e/ou modificadores;  
(ii) verificar a posição ocupada pelos complementos e/ou modificadores;  
(iii) distinguir complementos de modificadores.

1. Repara nas frases que se seguem:

- a) O pai do Pedro é um homem muito trabalhador.
- b) A Maria, a minha colega, publicou um romance.
- c) O João comprou um caderno azul.

1.1 Assinala a resposta correcta:

a) A expressão sublinhada é <u>fundamental</u> e <u>obrigatória</u> .	Na frase: a <input type="checkbox"/> b <input type="checkbox"/> c <input type="checkbox"/>
b) Frase em que a expressão sublinhada fornece apenas <u>informação suplementar</u> .	Na frase: a <input type="checkbox"/> b <input type="checkbox"/> c <input type="checkbox"/>
c) Frase em que a expressão sublinhada ajuda a <u>individualizar/distinguir</u> o nome a que se refere.	Na frase: a <input type="checkbox"/> b <input type="checkbox"/> c <input type="checkbox"/>

## Exercício 2

**Objetivos:** (i) reconhecer grupos preposicionais e adjetivais.

1. Nas frases que se seguem sublinha todos os grupos preposicionais, nominais e adjetivais que estão ligados a um nome:

- a) Este escritor, homem bem sucedido, recebeu o último prémio Nobel.
- b) A construção da ponte demorou dois anos.
- c) Os alunos realizaram um bom trabalho.
- d) A bandeira portuguesa é verde e vermelha.
- e) Vi, no Louvre, o quadro de Picasso.
- f) O João, amigo fiel, salvou-me a vida.
- g) A demolição da escola agradou aos alunos.

1.1. Classifica-os e distribui-os pelo quadro:

FRASE	COMPLEMENTO PREPOSICIONAL DO NOME	MODIFICADOR DO NOME APOSITIVO	MODIFICADOR DO NOME RESTRITIVO
a)			
b)			
c)			
d)			
e)			
f)			
g)			

2. Substitui as expressões em itálico ou pelo adjectivo ou pelo sintagma preposicional de sentido equivalente.

2.1 *beleza de anjo*: \_\_\_\_\_

2.2 *força leonina*: \_\_\_\_\_

2.3 *líquido sem cor*: \_\_\_\_\_

2.4 *flor primaveril*: \_\_\_\_\_

2.5 *engenho de guerra*: \_\_\_\_\_

### Exercício 3

**Objectivos:** (i) Distinguir complementos de modificadores do nome;  
(ii) Reconhecer que os modificadores do nome são elementos opcionais;  
(iii) Distinguir e aplicar numa frase os diversos modificadores.

1. Reduz as frases seguintes retirando-lhes os modificadores do nome presentes nas mesmas:

a. Aquela esferográfica preta foi-me oferecida ontem.

b. Saramago, escritor famoso, recebeu o prémio Nobel.

2. Expande as frases seguintes acrescentando complementos ou modificadores aos nomes aí presentes (*repara nas indicações presentes*):

a) A Maria comeu um bolo. (MODIFICADOR DO NOME APOSITIVO)

b) A Maria comeu um bolo. (MODIFICADOR DO NOME RESTRITIVO).

c) A fotografia está deteriorada. (COMPLEMENTO PREPOSICIONAL DO NOME).

### Exercício 4

**Objetivos:** (i) utilizar a(s) preposição(ões) adequadas;  
(ii) identificar o tipo de nome.

1. A partir dos vocábulos apresentados, redige frases, utilizando complementos do nome.

Construção: \_\_\_\_\_

Invasão: \_\_\_\_\_

Edificação: \_\_\_\_\_

Oferta: \_\_\_\_\_

Vinda: \_\_\_\_\_

Partida: \_\_\_\_\_

Vingança: \_\_\_\_\_

Abundância: \_\_\_\_\_

Pernas: \_\_\_\_\_

Ideia: \_\_\_\_\_

Imagem: \_\_\_\_\_

Irmão: \_\_\_\_\_

2. Refere o tipo de nome apresentado no exercício anterior.

### Exercício 5

**Objetivos:** A partir do conto *Arroz do Céu*, de Rodrigues Miguéis:

- (i) distinguir classes de palavras;
- (ii) reconhecer complementos de natureza adjectival e preposicional.

- Como já concluíste, os elementos em itálico no seguinte quadro são complementos do nome. Identifica a classe de palavras a que pertence cada um dos vocábulos que agora sublinhamos:

FRASES	CLASSE DE PALAVRAS
(a) A vinda <u>do</u> arroz revolucionou a vida do limpa-vias.	
(b) É uma difícil operação <u>de</u> <i>acrobacia</i> .	
(c) O arroz chove às cabazadas em cima dos noivos, à saída <u>da</u> <i>cerimónia</i> .	
(d) A esposa <u>do</u> <i>limpa-vias</i> sentiu-se feliz com o aparecimento do arroz.	
(e) A vida <u>dele</u> vinha toda do chão imundo e viscoso.	
(f) O limpa-vias ajudava a transportar corpos <u>de</u> <i>velhos</i> que morriam de ataque cardíaco.	
(g) O porteiro <u>da</u> <i>igreja</i> varre o arroz para dentro das grades.	

1.1 Tendo em conta o exercício anterior, assinala as situações correctas.

O núcleo do grupo nominal acima	SELECCIONA	
	um complemento de natureza adjectival	um complemento de natureza preposicional
Frase a)		
Frase b)		
Frase c)		
Frase d)		
Frase e)		
Frase f)		
Frase g)		

- A expressão *Arroz do Céu* pode ter várias interpretações. A partir dos teus conhecimentos, explica o sentido do título.

## Exercício 6

**Objectivos:** A partir do conto *A Fuga de Wango-Fô* de Marguerite Yourcenar, distinguir modificadores do nome apositivo dos modificadores do nome restritivo.

1. Nas frases dos quadros seguintes, os elementos em itálico modificam o sentido da informação dada pelo nome, quer restringindo-o, quer especificando-o. Como podes recordar, são os *modificadores do nome*. Estes elementos não são seleccionados pelo nome.

### A

- (a) As paredes *violetas* insinuavam em pleno dia um tom crepuscular.
- (b) As paisagens *coloridas* inspiravam o mestre.
- (c) Os soldados *de espadas nas mãos* prenderam o mestre e o discípulo.
- (d) Os soldados *que tinham espadas* prenderam o mestre e o discípulo.

### B

- (a) Wang-Fô, *maravilhado com o tamanho daqueles dedos delicados*, esquadrinhou a memória.
- (b) Os soldados, *que tinham espadas nas mãos*, prenderam o mestre e o discípulo.
- (c) Wang-Fô, *que era um homem velho*, preferia trocar os seus quadros por comida a vendê-los.
- (d) Wang-Fô, *o Pintor do espírito*, captava a alma das coisas, nas suas pinturas.
- (e) O frágil escaler, encorpado pelas pinceladas do pintor, ocupava agora todo o primeiro plano.

Se em A e B os elementos sublinhados são modificadores do nome, explica por que motivo as frases não aparecem no mesmo conjunto?

---

---

---

---

---

---

Agora que entendeste as diferenças entre os modificadores do nome presentes em ambos os quadros, preenche os espaços em branco, utilizando:

A

B

Modificadores do  
nome restritivo

Modificadores do  
nome apositivo

- ❖ Os modificadores do nome presentes em \_\_\_\_\_ restringem (limitam) o nome que modificam. Na escrita, não podem ser separados por vírgulas dos nomes a que se referem. São os \_\_\_\_\_.
  
- ❖ Os modificadores do nome presentes em \_\_\_\_\_ não restringem (não limitam) o nome que modificam. Na escrita, são sempre separados por vírgulas dos nomes a que se referem. São os \_\_\_\_\_.

## V. Conclusão

O objectivo central desta dissertação foi tentar compreender a distinção entre complementos e modificadores de nome. Dado que seria impossível tratar todas as construções, fixou-se como objectivo investigar a distinção entre complementos e modificadores preposicionais do nome.

Numa primeira busca feita no corpus, verificou-se que as duas preposições mais comuns eram *de* e *a*. Nesse sentido, optou-se por seleccionar estas duas, embora se tenha posteriormente verificado uma distinção entre elas quanto ao sintagma tipicamente seleccionado e também quanto ao número de ocorrências no contexto relevante.

Assim, o primeiro capítulo foi dedicado à problematização de questões teóricas sobre a distinção entre complementos e modificadores. É nesse sentido que se achou relevante observar o tipo de relação semântica que se estabelece entre os argumentos e o predicador e a definição dos papéis semânticos ou papéis temáticos que o predicador atribui aos seus argumentos, tendo por isso destacado os trabalhos de Pustejosky (1995) e Dowty (1985).

No que diz respeito à estrutura argumental dos nomes derivados, contemplou-se a perspectiva de Grimshaw (1990), segundo a qual os argumentos dos nomes eventivos correspondem aos dos verbos de que derivam enquanto que os nomes resultativos não têm estrutura argumental, comportando-se como nomes não derivados. No entanto, interessou-nos ver que, em Português Europeu, alguns testes propostos pela linguista não são aceitáveis. De facto, Brito e Oliveira (1997) fizeram objecções à teoria de Grimshaw, apresentando um conjunto de restrições na ocorrência dos nomes de interpretação eventiva/resultativa. Para as autoras, é importante distinguir a leitura resultativa e eventiva da leitura de indivíduo, já que as duas primeiras preservam a estrutura argumental dos verbos correspondentes e apenas a leitura de indivíduo contempla as características apontadas aos nominais designados resultativos na óptica de Grimshaw.

No segundo capítulo, a reflectiu-se sobre a análise feita sobre a classe dos nomes, quanto aos complementos e modificadores, preconizada por Rigau (1999) na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* de Ignacio Bosque e Violeta Demonte

(1999: cap.V) e por Brito (2003) na Gramática *da Língua Portuguesa* de Mateus et alii (2003: cap. II).

No capítulo III, procedeu-se a uma análise prática dos complementos e modificadores preposicionais do nome, apresentando primeiramente o estatuto da Preposição nalgumas gramáticas e, de seguida, aplicando alguns testes que permitem distinguir complementos de modificadores, baseados em Colaço et alii (2007-2008). Foi feita sobretudo uma abordagem mais específica dos nomes deverbais, deadjectivais e dos nomes de medida. Contudo, foi dado particular destaque aos nomes deverbais, não tendo sido desenvolvida pormenorizadamente a análise dos restantes nomes.

A aplicação dos testes apresentados neste capítulo III e as observações feitas permitiram-nos chegar as seguintes conclusões:

- os nomes podem aceitar complementos e modificadores;
- os Sprep genitivos, isto é, que podem ser substituídos por uma forma de possessivo, são complementos;
- os Sprep que indicam uma origem ou matéria são igualmente complementos;
- quando os nomes são derivados de adjectivos, os Sprep introduzidos pela preposição *de* são complementos;
- os nomes de medida são nomes que admitem mais facilmente complementos do que modificadores. Esses complementos são maioritariamente introduzidos pela preposição *de*;
- os Sprep podem introduzir complementos ou modificadores;
- a classificação tradicional de complemento determinativo não dá conta de diferentes comportamentos que um Sprep introduzido por *de* pode assumir.

No capítulo IV, analisou-se um pequeno conjunto de excertos retirados do *cetempublico*, procurando observar os Sprep. encabeçados por *de* e *a*. De facto, a partir do testes propostos por Colaço et alii (2007-2008), decidiu-se observar o comportamento das preposições *de* e *a*. Chegou-se à conclusão de que a preposição *de* admite mais facilmente complementos e a preposição *a* modificadores, a não ser em certos casos com nomes deverbais em que a preposição *a* selecciona complementos.

Contudo, na medida em que a preposição *a* encabeça sobretudo uma construção infinitiva, seria importante fazer um levantamento mais exaustivo em que a preposição *a* introduza um SN.

- Neste capítulo, com base na análise dos excertos considerados, verificou-se que:
- com a preposição de é possível a ocorrência de dois Spreps enquanto com a isso não parece possível;
  - os dois Spreps com de podem, contrariamente ao que é dito na literatura, ser ambos complementos, embora associados a nomes diferentes;
  - quanto à preposição a, contrariamente ao esperado, a aplicação dos testes levam a considerar que se trata de complementos, embora o resultado não seja definitivo;
  - tanto de como a podem seleccionar não só SNs como infinitivas.

Dado que sou professora e o interesse pelo tema desta dissertação surgiu das dificuldades em apresentar e explicar aos alunos as diferenças entre complementos e modificadores de nomes, no capítulo V, apresento a abordagem proposta pela TLEBS quanto a esta questão e, de seguida, proponho alguns exemplos de actividades didácticas para exercitar este conteúdo gramatical.

Apesar de ter ganho muito em termos de conhecimento sobre o tema, tenho consciência de que muito ficou por fazer não só em relação à problemática relacionada com as preposições seleccionadas como também a outras que não foram consideradas. Merecia ainda um maior desenvolvimento o estudo dos nomes deadjectivais e dos nomes de medida que não realizei mas que gostaria de fazer.

Por último, a preposição a revela-se ainda problemática, pelo que é fundamental um aprofundamento do estudo.

No entanto, este trabalho, fundamentalmente descritivo, contribui para uma melhor compreensão da distinção entre complementos e modificadores e nesse sentido para melhorar a qualidade da minha actividade docente.

## Referências Bibliográficas

- Ali, M. Said ([1921] 1971) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Livraria Académica, Rio de Janeiro, edições Melhoramentos.
- Barbosa, J. S. ([1803] 1881) *Grammatica Philisophica da Língua Portuguesa ou Princípios de Gramática Geral Aplicados à Nossa Linguagem*, 7ª ed. Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa apud Silva Faia, A. J. F. da (1998). *A Categoria Preposição na Aquisição da Segunda Língua*. Dissertação de Mestrado em Linguística (Psicolinguística), Lisboa: FLUL.
- Bartning, I. (1993) «La préposition *de* et les interprétations possibles des syntagmes nominaux complexes. Essai d’approche cognitive» in *Les prépositions méthodes d’analyse*. Presses Universitaires de Lille.
- Bernárdez, Enrique (1996) «La lingüística y la gramática en relación con la enseñanza de la lengua y la literatura» in *Teoria/Crítica*, nº3.
- Brito, A.M. & Oliveira, F. (1997) «Nominalization, Aspect and Argument Structure», in Matos, G.; Miguel, M; Duarte, I & Faria, I. (eds), *Interfaces in Linguistic Theory*, APL/Edições Colibri, Lisboa: 57-80.
- Brito, A.M (2003) «Categorias sintáticas» in Mateus, M.H. et alia, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, série linguística, 6ª edição, cap.11.
- Brito, A.M. (2005) «Nomes derivados de verbos inacusativos: estrutura argumental e valor aspectual» in *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXII, Porto, 2005, pp. 47-64.
- Camara, J.; Mattoso, J. (1984) *Dicionário de Linguística e Gramática*, 11ª ed, *Petrópolis*, Vozes.
- Cardoso, S. (1988) «O Genitivo em Português – Contributos para uma sintaxe e semântica da preposição *de*» in *Línguas e Literaturas – Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Vol. V Tomo 1, p.19-100.
- Colaço, M.; Alexandre, N. (2004/2005). *Guião 4 da aula de Linguística Portuguesa IV – A estrutura interna do sintagma nominal*. Departamento de Linguística Geral e Românica. Lisboa.
- Colaço M., Miguel, M., Eliseu A. e Veloso R. (2007-2008). *Guião 4 – Estruturas das frases em Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Departamento de Linguística Geral e Românica.

- Costa, A.; Costa, J. (2001). *O que é um advérbio?* Lisboa: Edições Colibri.
- Costa, M. A. (1999). «Incidências da Investigação Psicolinguística na Didáctica da Língua Materna», in AAVV. *I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra: Almedina.
- Cunha, C.; Cintra, L. ([1984] 1991) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá da Costa, Lisboa.
- Cunha, L. F. (18-21 de Abril de 2006). «Iteração, Frequência e Habitualidade: Algumas Reflexões». *Comunicação apresentada ao VII Congresso de Linguística General*, Barcelona.
- Cunha, L.F. (2007) «Algumas reflexões em torno das possibilidades de “contagem” no domínio das eventualidades» in Lobo, M. e Coutinho, M.A. (orgs) *Textos Seleccionados do XXII Encontro da APL*, Lisboa, Colibri, pp. 341-354.
- Demonte, V. (1999), *El Adjetivo: Clases y Usos. La Posición del Adjetivo en el Sintagma Nominal.*, in Bosque, Ignacio e Violeta Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Real Academia Española - Espasa, Madrid.
- Dowty, D. (1985), «On Some Recent Analyses of Control», *Linguistics and Philosophy* 8, pp. 1- 41.
- Dowty, D. (1991) «Thematic proto-roles and Argument selection», *Language* 67: 547-619.
- Duarte, I. & Brito, A.M. (2003) «Predicação e classes de predicadores verbais» in Mateus, M.H. et alia, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, série linguística, 6ª edição, cap.7.
- Duarte, I. & Oliveira, F (2003) «Referência nominal» in Mateus, M.H. et alia, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, série linguística, 6ª edição, cap.8.
- Escandell Vidal, M.V. (1997) *Los complementos del nombre*. Madrid: Arco Libros, 2.ª edición.
- Faria, I. H., Pedro, E., Duarte, I., Gouveia, C. (Org.) (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Caminho. Lisboa.
- Filip, H. (1999) *Aspect, Eventuality Types and Noun Phrase Semantics*, Garland Publishing, New York.
- Galichet, G. (1950) *Essai de Grammaire Psychologique*, Paris.

- Guervós, J. de S. (2007). *El complemento (de regimen) preposicional*. Cuadernos de Lengua Espanola, Arco/ Libros, S.L.
- Gonçalves, A. (maio 2005). *Guião da aula V de Linguística Portuguesa IV – Estrutura argumental de predicadores verbais*. Lisboa. Departamento de Linguística Geral e Românica.
- Grimshaw, J. (1990). *Argument Structure*, The Mit Press, Cambridge, Massachusetts.
- Leborans, M. J. F. (2003). *Los sintagmas des español – El sintagma nominal*. Cuadernos de lengua española. Arcos/ Libros, S.L.
- Lopes, M.H.C.C. (1996). *Sintaxe e Aspecto dos Nomes Deverbais em Português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Porto: FLUP.
- Miguéis, J.R. «Arroz do Céu» in *Gente da Terceira Classe*, Estampa.
- Miguel Sarmiento, M. Dos S. (2004) *O sintagma nominal em Português Europeu – Posições do sujeito*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL.
- Ministério da Educação (Setembro de 2007) *Revisão da Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*.
- Mória, T. (1993). “Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais” in AAVV. *Discursos. Estudos de Língua. Cultura Portuguesa*, número 4/Maio de 1993, Universidade Aberta.
- Nogueira, J. T. (1999). «Ensinar a Língua Materna – Porquê? Para quê? (Sobre o valor formativo do ensino do Português)», in AAVV, *I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra: Almedina.
- Oliveira, F. (1988). *Relações Anafóricas: Algumas Questões – Estudo para discussão como prova complementar de doutoramento em Linguística Portuguesa*. Porto.
- Oliveira, F. (1995). «Aspecto, Referência Nominal e Papéis Temáticos», in *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras do Porto, Vol XII.
- Oliveira, F. (1995) «Questões de Semântica na Gramática», in *Linguística e Didáctica das Línguas – Actas do Fórum Linguística e Didáctica das Línguas*, Vila Real.
- Oliveira, F. (1998). «Frasas Genéricas: Algumas Especificidades do Português», in *Seminários de Linguística 2*, Universidade do Algarve, Faro.
- Oliveira, F. (Novembro de 2005), *Guião de aula de Semântica I – Curso Integrado em Linguística*.

- Peres, J.A. (1993). “Esboço de uma Semântica das Estruturas Nominais” in AAVV. *Discursos. Estudos de Língua. Cultura Portuguesa*, número 4/Maio de 1993, Universidade Aberta.
- Picallo, C. (1999). “La estructura del sintagma nominal: Las nominalizaciones y otros sustantivos con complementos argumentales” in Bosque, I & Demonte, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, cap.6.
- Pustejovsky, J. (1995) *The Generative Lexicon*, Massachussetts.
- Rigau, G. (Outubro 1989). «Preposiciones que afectan la interpretación del predicado en las lenguas románicas» in *Acta - V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, FLUL.
- Rigau, G. (1999). “La estructura del sintagma nominal: Los modificadores del nombre” in Bosque, I & Demonte, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, cap.5.
- Silva Faia, A. J. F. da (1998). *A Categoria Preposição na Aquisição da Segunda Língua*. Dissertação de Mestrado em Linguística (Psicolinguística), Lisboa: FLUL.
- Silva, F. (2005). «Quantificação na língua e no discurso: o caso de parte em português» in Rio-Torto, G.M.; Figueiredo, O.M.; Silva, F. (coord.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Vol.1, FLUP.
- Sperber, D.; Wilson, D. (1995). *Relevance Communication and Cognition*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Tesnière, L. (1976) *Éléments de la Syntaxe Structurale*, Paris.
- Vidal, M. V. E. (1997) *Los complementos del nombre*, 2ª ed., Cuadernos de Lengua Española, Arco Libros: Madrid.
- Vidal, M. V. E. (Janeiro 2004) *Fundamentos de Semântica composicional*, Ariel Lingüística: Barcelona.
- Vilela, M. (2002) *Metáforas do Nosso Tempo*, Coimbra: Almedina.
- Xavier, M. F. (1989<sup>a</sup>) “Funções das Preposições *de* e *a* em Português. Um estudo Diacrónico” in *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*, Santiago de Compostela.
- Xavier, M. F. (1989<sup>b</sup>). *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um estudo contrastivo das preposições *a*, *de* e *to*, *from**. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nove de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

- Xavier, M. F. (1990) “A Categoria Preposição na Gramática do Português (um estudo da preposição a)”. *Actas do 6º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto.
- Yourcenar, M. *A fuga de Wang-Fô* in Costa, F.; Mendonça, L. *Palavras a Fio*. Porto: Porto Editora, pp.140-145.
- Zayas, F. (julio 2004). «Hacia una gramática pedagógica» in *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, nº37, pp.16-35.

## ANEXOS

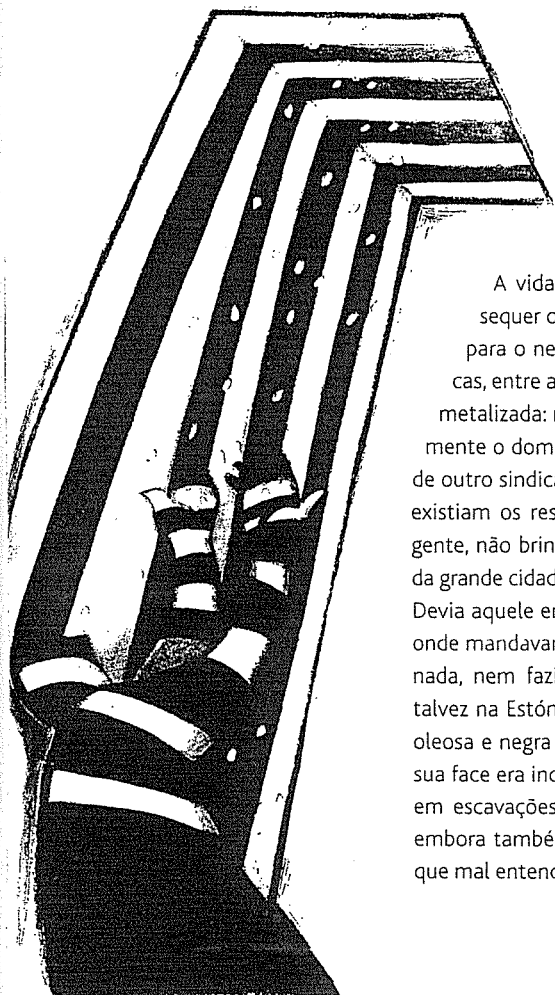
## Arroz do Céu

(texto integral)

Ao longo dos passeios de Nova York, e por sobre as estações e galerias do *subway*, abrem-se grandes respiradouros gradeados por onde cai de tudo: o sol e a chuva, o luar e a neve, luvas, lunetas e botões, papeladas, *chewing gum*, tacões de sapatos de mulheres que ficam entalados, e até dinheiro. Às vezes, lá no fundo, no lixo acumulado ou em poças de água estagnada, brilham moedas de níquel e mesmo de prata. Os garotos ajoelham de nariz colado às grades, tentando lobrigar tesouros na obscuridade donde sopra um hálito húmido e oleoso e o cheiro dos freios queimados. Fazem prodígios de habilidade e obstinação para pescar as moedas perdidas. Alguns têm êxito nisso, mas depois engalfinham-se em disputas tremendas sobre a posse e a partilha do tesouro: nunca se sabe quem foi que *viu* primeiro.

Outros, quando a colheita promete, chegam a arriscar nisso algum capital: juntam as posses, e entram dois, é quanto basta, no *subway*; uma vez lá dentro, trepam sub-repticiamente aos respiradouros, o que é uma difícil operação de acrobacia, para colher aquele dinheiro-de-ninguém, enquanto um ou mais camaradas vigilantes os vão guiando cá de fora. Também os há que entram sem pagar, por entre as pernas da freguesia e agachando-se por baixo dos torniquetes.

O limpa-vias trabalhava há muitos anos no *subway*, sempre de olhos no chão. Uma toupeira, um rato dos canos. Picava papéis na ponta de um pau com um prego, e metia-os no saco. Varria milhões de pontas de cigarros, na maioria quase intactos, de fumadores impacientes, raspava das plataformas o *chewing gum* odioso, limpava as latrinas, espalhava desinfetantes, ajudava a pôr graxa nas calhas, polvilhava as vias de um pó branco e misterioso, e todas as vezes que o camarada da lanterna soltava um apito estrídulo – lá vem o comboio! – ele encolhia-se contra a parede negra, onde escorriam águas de infiltração, na estreita passagem de serviço. Até já tinha ajudado a recolher pedaços de cadáveres, de gente que se atirava para debaixo dos



trens, e a transportar os corpos exangues de velhos que de repente se lembravam de morrer de ataque cardíaco, nas horas de maior ajuntamento, uns e outros perturbando o horário e provocando a curiosidade casual e momentânea dos passageiros apressados. Sempre de olhos no chão, bisonho e calado, como quem nada espera do Alto, e não esperava.

A vida dele vinha toda do chão imundo e viscoso. Nem sequer olhava a lívida claridade que resvala dos respiradouros para o negrume interior, onde tremeluzem lâmpadas eléctricas, entre as pilastras inumeráveis daquela floresta subterrânea metalizada: nunca lhos tinham mandado limpar. Eram provavelmente o domínio exclusivo de operários especializados, membros de outro sindicato, que ele não conhecia. Nem talvez soubesse que existiam os respiradouros. Era estrangeiro, imigrante, como tanta gente, não brincara nem vadiara na voragem empolgante das ruas da grande cidade, e vivia perfeitamente resignado à sua obscuridade. Devia aquele emprego a um camarada que era membro dum clube onde mandavam homens de peso, mas ele de política não entendia nada, nem fazia perguntas. Como tinha nascido na Lituânia, ou talvez na Estónia, só falava em monossilabos; e, debaixo da pátina oleosa e negra que o ar do *subway* nela imprimira com o tempo, a sua face era incolor e a raça indistinta. Antes disso tinha trabalhado em escavações, um «toupeira». Este emprego era muito melhor, embora também fosse subterrâneo. E não tinha que falar o inglês, que mal entendia.

### Arroz do Céu (continuação)

Ora, à esquina de certa rua, no *Uptown*, há uma igreja, a de São João Baptista e do Santíssimo Sacramento, a todo o comprimento de cuja fachada barroca e cinzenta os respiradouros do *subway* formam uma longa plataforma de aço arrendado. Os casamentos são frequentes, ali, por ser chique a paróquia e imponente a igreja. O arroz chove às cabazadas em cima dos noivos, à saída da cerimónia, num grande estrago de alegria. Metade dele some-se logo pelas grelhas dos respiradouros, outra parte fica espalhada nas placas de cimento do passeio. Depois dos casamentos, o sacristão ou porteiro da igreja, de cigarro ao canto da boca, varre o arroz para dentro das grades, por comodidade. Provavelmente é irlandês, o arroz não lhe interessa, nem se ocupa de pombos: pombos é lá com os italianos, que, apesar de se dizerem católicos, são uma espécie de pagãos. O que se derramou no pavimento da rua, lá fica: é com os varredores municipais.

Volta e meia há casório, sobretudo no bom tempo, ou aos domingos. É um desperdício de arroz, não sei donde vem o costume: talvez seja um prenúncio votivo de abundância, ou um símbolo do «crescei e multiplicai-vos» (como arroz). A gente pára a olhar, e tem vontade de perguntar: «A como está hoje o arroz de primeira cá na freguesia?» Aquela chuva de grãos atravessa as grades, resvala no plano inclinado do respiradouro, e, se não adere à sujidade pegajosa ou ao *chewing gum* (o bairro é pouco dado a mastigar o chicle), ressalta para dentro do subterrâneo, numa estreita passagem de serviço vedada aos passageiros.

A primeira vez que viu aquele arroz derramado no chão, e sentiu os bagos a estalar-lhe debaixo das botafarras, o limpa-vias não fez caso; varreu-os com o resto do lixo para dentro do saco cilíndrico, com um aro na boca. Mas como ia agora por ali com mais frequência, notou que a coisa se repetia. O arroz limpo e polido brilhava como as pérolas de mil colares desfeitos no escuro da galeria. O homem matutou: donde é que viria tanto arroz? Intrigado, ergueu os olhos pela primeira vez para o Alto, e avistou a vaga luz de masmorra que escorria da parede. Mas o respiradouro, se bem me compreendem, obliquava como uma chaminé, e a grade, ela própria, ficava-lhe invisível do interior. Era dali, com certeza, que caía o arroz, como as moedas, a poeira, a água da chuva e o resto. O limpa-vias encolheu os ombros, sem entender. Desconhecia os ritos e as elegâncias. No casamento dele não tinha havido arroz de qualidade nenhuma, nem cru, nem doce, nem de galinha.

Até que um dia, depois de olhar em roda, não andasse alguém a espiá-lo, abaixou-se, ajuntou os bagos com a mão, num montículo, e encheu com eles um bolso do macaco. Chegado a casa, a mulher cruzou as mãos de assombro: alvo, carolino, de primeira! Dias depois, sempre sozinho, varreu o arroz para dentro de um cartucho que apanhara abandonado num cesto de lixo da estação, e levou-o para casa. Pobres, aquela fartura de arroz enchia-lhes a barriga, a ele, à patroa e aos seis ou sete filhos. Ela habituou-se, e às vezes dizia-lhe: «Vê lá se hoje há arroz, acabou-se-nos o que tínhamos em casa.» Confiada naquele remedeio de vida!

O limpa-vias nunca perguntou donde é que chovia tanto grão, sobretudo no bom tempo, pelo Verão, e aos domingos, que até parecia uma colheita regular. Embrulhava-o num jornal ou metia-o num cartucho e assim o levava à família. (...)

E foi assim que aquela chuva benéfica, de arroz polido, carolino, de primeira, acabou por lhe dar a noção concreta de uma Providência. O arroz vinha do Céu, como a chuva, a neve, o sol e o raio. Deus, no Alto, pensava no limpa-vias, tão pobre e calado, e mandava-lhe aquele maná para encher a barriga aos filhos. Sem ele ter pedido nada. Guardou segredo – é mau contar os prodígios com que a graça divina nos favorece. Resignou-se a ser o objecto da vontade misericordiosa do Senhor. E começou a rezar-lhe fervorosamente, à noite, o que nunca fizera: ao lado da mulher. Arroz do Céu...

O Céu do limpa-vias é a rua que os outros pisam.

## A Fuga de Wang-Fô

Marguerite Yourcenar



→ OBRA RECOMENDADA

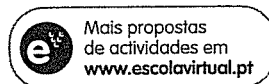
## Ponto de partida

1. Na contracapa de uma das edições desta obra pode ler-se:

*“No reino dos Han, ninguém pintava melhor que o velho Wang-Fô. Mas um dia o Imperador mandou prendê-lo. Porquê?”*

Este texto, o título da obra e a ilustração da capa permitem adiantar algumas hipóteses sobre o conteúdo do conto que vais ler. Apresenta a tua sugestão e ouve as dos teus colegas.

## A FUGA DE WANG-FÔ



Ⓐ O velho pintor Wang-Fô e o seu discípulo Ling andavam pelas estradas do reino dos Han. O reino dos Han: era o nome por que naquele tempo era conhecida a grande China.

Ninguém pintava melhor que Wang-Fô as montanhas a sair do nevoeiro, os lagos sobrevoados pelas libelinhas, e as enormes vagas do Pacífico vistas a partir da costa. (...)

Wang-Fô poderia ter sido rico, mas gostava mais de dar que de vender. Distribuía as pinturas que fazia por quem as apreciasse verdadeiramente, ou então trocava-as por uma tigela de comida. O seu carinho ia todo para os pincéis, para os rolos de seda ou de papel de arroz, e para os pauzinhos de tinta de diversas cores que ele friccionava contra uma pedra para misturar o pó numa pequena porção de água.

Ling, a troco das lições, tinha com ele todos os cuidados que um discípulo deve ter com o mestre. Mendigava arroz quando nenhum deles tinha moedinhas de prata, e, quando as pessoas eram demasiado avarentas para darem, ele roubava. Massajava à noite os pés cansados do velho, e de manhã levantava-se muito cedo para ir procurar nas cercanias uma paisagem que o mestre gostasse de pintar.



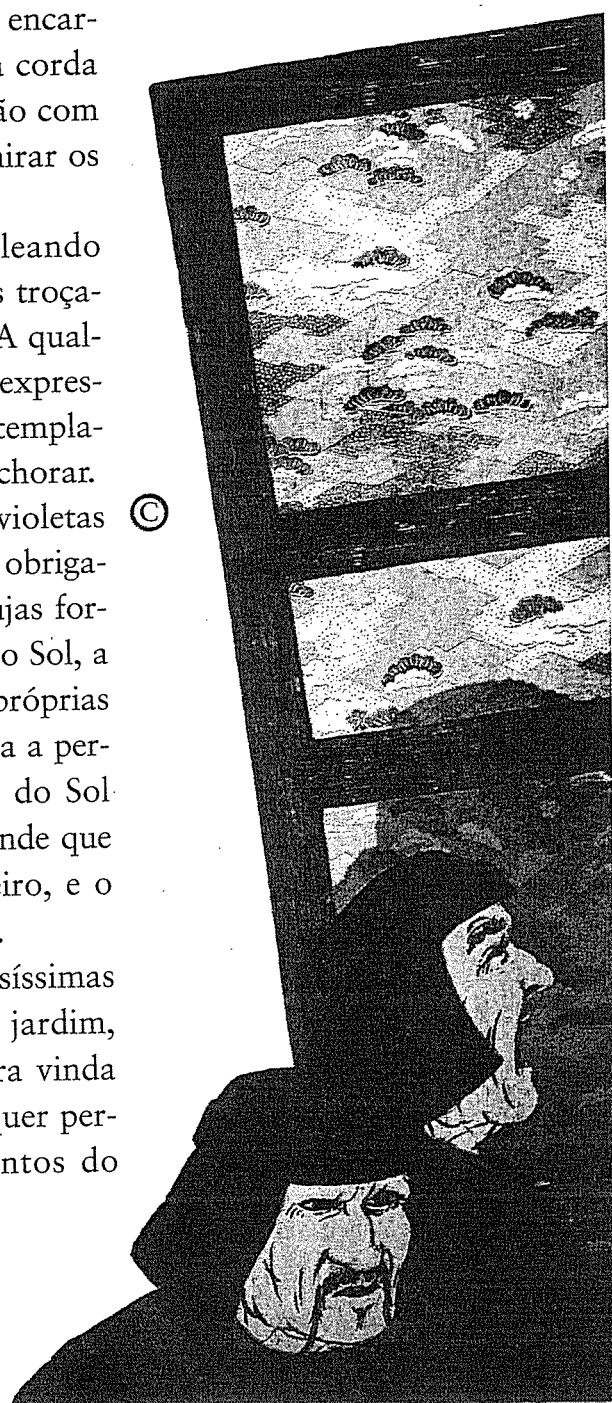
Uma tarde, ao pôr do Sol, chegaram aos subúrbios da capital, e Ling arranhou uma estalagem onde Wang-Fô pudesse passar a noite. O velho aconchegou-se nuns farrapos e Ling encostou-se a ele para aquecê-lo, porque a Primavera ainda mal tinha começado e o gelo continuava a cobrir o chão de terra batida. (...) De madrugada, ressoaram pesados passos nos corredores, e atrás deles ordens gritadas numa língua bárbara. Ling estremeceu, lembrando-se de que na véspera roubara um bolo para a refeição do mestre. Certo de que o vinham prender, perguntou aos seus botões quem é que iria ajudar o velho a passar a vau o próximo rio.

Os soldados entraram com lanternas. A chama que se filtrava através do papel multicolor punha nos seus rostos reflexos encarnados, amarelos e azuis. Rugiam como animais ferozes e a corda dos seus arcos vibrava a cada grito. Um deles pousou a mão com rudeza na nuca de Wang-Fô, que não podia deixar de admirar os bordados dos seus mantos.

Amparado pelo discípulo, Wang-Fô seguiu-os cambaleando através das estradas aos altos e baixos. Grupos de pessoas troçavam daqueles ladrões que sem dúvida iam ser executados. A qualquer pergunta de Wang a resposta dos soldados era uma expressão feroz. Doíam-lhe as mãos atadas, e Ling desolado contemplava-o sorrindo, o que para ele era uma forma mais terna de chorar.

Chegaram à entrada do palácio imperial. As paredes violetas insinuavam em pleno dia um tom crepuscular. Os soldados obrigaram Wang-Fô a atravessar salas redondas ou quadradas cujas formas simbolizavam as estações, os pontos cardeais, a Lua e o Sol, a longevidade e a Omnipotência. As portas giravam sobre si próprias emitindo notas musicais e o seu encadeamento era de forma a permitir que quem atravessasse o palácio do nascer ao pôr do Sol ouvisse a escala toda. Por fim, o silêncio tornou-se tão grande que mal se ousava respirar; um escravo soergueu um reposteiro, e o pequeno grupo entrou na sala onde reinava o Filho do Céu.

Era um imenso aposento sustentado apenas por grossíssimas colunas de pedras azuis. Desabrochava a toda a volta um jardim, e cada flor dos seus bosques pertencia a uma espécie rara vinda do outro lado dos oceanos. Não exalavam, porém, qualquer perfume, receando, se o fizessem, perturbar os pensamentos do Dragão Celeste. (...)



O Mestre Celeste estava sentado num trono de jade, e, cobertas de rugas, as mãos dele assemelhavam-se às dum ancião, se bem que ele ainda mal tivesse vinte anos. Como os seus cortesãos, de pé junto às colunas, estendiam o ouvido para não perder a mais pequena sílaba saída dos seus lábios, ele tinha-se habituado a falar sempre em voz baixa.

ⓓ – Dragão Celeste, disse Wang-Fô prosternado, sou velho, sou pobre, sou fraco. Tu és como o Verão; eu sou como o Inverno. Tu tens Dez Mil Vidas; eu tenho apenas uma, e que vai acabar. Que mal é que eu te fiz? Ataram as minhas mãos, que nunca te causaram nenhum dano.

– Perguntas-me o que é que me fizeste, velho Wang-Fô?, disse o Imperador.

A voz dele era tão doce que dava vontade de chorar. Ergueu a mão direita, que os reflexos do pavimento de jade faziam parecer verde como uma planta submarina, e Wang-Fô, maravilhado com o tamanho daqueles dedos delicados, esquadrinhou a memória para ver se não teria desenhado do Imperador, ou dos seus antepassados, retrato medíocre que o fizesse merecer a morte. (...)

– Perguntas-me o que é que me fizeste, velho Wang-Fô?, começou o Imperador, inclinando o pescoço encarquilhado para o velho que o ouvia. Vou dizer-to. O meu pai reuniu uma colecção de pinturas tuas no fundo do palácio, e foi nessas imensas salas que eu fui criado, velho Wang-Fô, porque não me deixavam sair, com medo de que ver os infelizes me afligisse o espírito ou agitasse o coração. (...) De noite, quando não conseguia dormir, ficava a olhar para os teus quadros, e, durante dez anos, não houve uma só noite em que eu os não tenha contemplado. De dia, sentado num tapete de que já sabia de cor todos os desenhos, descansando as mãos nos meus joelhos de seda amarela, eu imaginava o mundo – com o país de Han no meio – semelhante à planície côncava e monótona da mão profundamente atravessada pelos Cinco Rios. A toda a sua volta, o mar onde os monstros nascem, e, mais longe ainda, as montanhas onde assenta o céu. Tudo isto eu imaginava com a ajuda dos teus quadros. Aos dezasseis anos, reabriram-se as portas que me separavam do mundo; subi ao terraço do palácio para ver as nuvens, mas elas não se comparavam com as dos teus crepúsculos. Mandei vir uma liteira; sacudido através de estradas atulhadas de lama e pedras com que eu



não contava, percorri as províncias do Império sem encontrar os teus jardins repletos de mulheres parecidas com flores e as tuas florestas cheias de antílopes e de pássaros. Os calhaus da beira-mar fizeram com que eu me enjoasse dos oceanos; a fealdade das aldeias impede-me de ver a beleza dos arrozais, e o riso áspero dos meus soldados dá-me vômitos. Mentiste-me, Wang-Fô, velho aldrabão: o reino de Han não é o mais maravilhoso dos reinos e não sou eu o Imperador. O único império onde vale a pena reinar é aquele onde tu entras, velho Wang, pelo caminho das Mil Curvas e das Dez Mil Cores. Só tu reinas em paz sobre as planícies onde a neve não derrete e sobre campos de flores que nunca morrerão. E é por isso, Wang-Fô, que eu encontrei o suplício que te estava reservado, a ti cujas pinturas me fizeram detestar o que possuo, e desejar o que jamais possuirei. E, para te fechar na única prisão de onde não poderás sair, decidi queimar-te os olhos, já que os teus olhos são as duas portas mágicas por onde tu penetras no teu reino. E, já que as tuas mãos são as duas estradas de dez ramificações que vão até ao coração do teu império, também decidi cortar-te as mãos. Percebes tu agora, velho Wang-Fô?

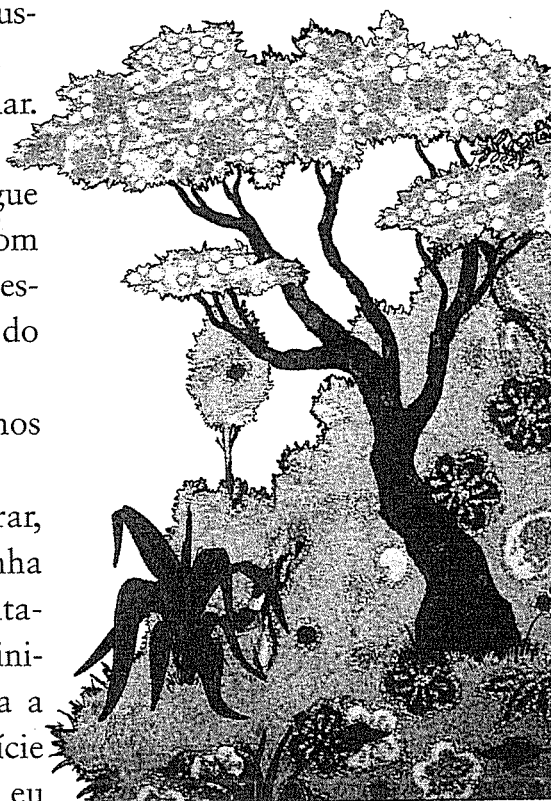
Ouvindo esta sentença, o discípulo Ling arrancou da cintura uma faca amolgada e precipitou-se sobre o Imperador. Dois guardas sustentaram-no. O Filho do Céu sorriu e acrescentou com um suspiro:

– Também te odeio, velho Wang-Fô, por te saberes fazer amar. Matem esse maltrapilho.

Ling deu um salto para a frente, a fim de evitar que o sangue manchasse a roupa do seu mestre. Um carrasco decapitou-o com um sabre. Os criados levaram os restos mortais, e Wang-Fô, desesperado, admirou a lindíssima mancha escarlate que o sangue do discípulo deixara no pavimento de pedra verde.

O Imperador fez um sinal, e dois escravos enxugaram os olhos de Wang-Fô.

– Ouve, velho Wang-Fô, disse o Imperador, e pára de chorar, porque não é este o momento mais apropriado. Há na minha colecção das tuas obras um quadro admirável onde as montanhas, o estuário dum rio e o mar se reflectem, é claro que infinitamente reduzidos, mas com uma intensidade que ultrapassa a dos próprios objectos, como as figuras reflectidas na superfície duma esfera. Mas não terminaste esse quadro, Wang-Fô, e eu



quero que consagres as horas de luz que te restam a acabar a tua  
 135 obra-prima. É este o meu projecto, velho Wang-Fô, e posso obri-  
 gar-te a levá-lo a cabo. Se te recusares, mando queimar todas as  
 tuas obras antes do teu suplício, e serás como um pai que viu mor-  
 rer à sua frente toda a sua descendência.

ⓔ A um sinal do dedo mindinho do Imperador, dois escravos  
 140 trouxeram respeitosamente o quadro inacabado onde Wang-Fô  
 tinha esboçado a imagem do mar e do céu. Wang-Fô limpou as  
 lágrimas; sorriu, porque aquele pequeno esboço lhe lembrou os  
 tempos da sua juventude. Pegou num dos pincéis que um criado  
 lhe mostrou e começou a estender sobre o mar inacabado largas  
 145 camadas azuis. (...)

Wang-Fô começou por tingir de cor-de-rosa a extremidade  
 duma nuvem pousada numa montanha. Depois, acrescentou à  
 superfície do mar uma pequena ondulação que tornou ainda mais  
 profunda a sua calma. Estranhamente, o pavimento de jade come-  
 150 çara a ficar húmido, mas Wang-Fô, completamente absorvido  
 pelo quadro, não dava conta de que já estava a trabalhar com os  
 pés na água.

O frágil escaler, encorpado pelas pinceladas do pintor, ocupava  
 agora todo o primeiro plano do rolo de seda. Um ruído de remos  
 155 ergueu-se de repente na distância, vivo e cadenciado como um  
 bater de asas. Aproximou-se, encheu a sala toda, depois cessou.  
 Pequenas gotas reluziam, imóveis, suspensas dos remos do bar-  
 queiro. Há muito que o ferro em brasa destinado aos olhos de  
 Wang-Fô se tinha apagado no braseiro do carrasco. Com a água  
 160 a dar-lhes pelos ombros, os cortesãos, paralisados pela etiqueta,  
 erguiam-se nas pontas dos pés. A água por fim atingiu o nível do  
 coração imperial. O silêncio era tão profundo que teria sido pos-  
 sível ouvir lágrimas cair.

Era mesmo Ling. Trazia a roupa de todos os dias, e na manga  
 165 direita viam-se ainda as marcas de um rasgão que ele não tivera  
 tempo de coser, essa manhã, antes da chegada dos soldados. Mas  
 à volta do pescoço trazia um estranho lenço encarnado.

Sem deixar de pintar, Wang-Fô disse-lhe docemente:

– Julgava-te morto.

170 – Estando você vivo, disse Ling cheio de respeito, como é que  
 eu poderia ter morrido?

E ajudou o mestre a subir para o barco. O tecto de jade reflectia-se na água, de maneira que Ling parecia navegar no interior duma gruta.

As tranças dos cortesãos submersos ondulavam à superfície como cobras, e a cabeça do Imperador fluuava como um lótus.

– Repara, meu discípulo, disse Wang-Fô melancolicamente. Estes infelizes vão morrer, se é que não morreram já. Nunca supus que no mar houvesse tanta água que pudesse afogar um imperador. Poderemos fazer ainda alguma coisa?

– Não te preocupes, Mestre, murmurou o discípulo. Não tarda que eles estejam de novo em seco, sem mesmo se lembrarem de ter molhado as mangas. Só o Imperador é que há-de guardar no coração um pouco do amargor do mar. Gente como esta não foi feita para se perder dentro dum quadro.

E acrescentou:

– O mar é belo, o vento favorável, as aves marinhas andam a fazer os ninhos. Vamos embora, Mestre, para o lado de lá das ondas.

– Vamos, disse o velho pintor.

Wang-Fô tomou conta do leme, e Ling debruçou-se sobre os remos. O seu ruído voltou a encher a sala, firme e regular como o bater dum coração. O nível da água ia baixando insensivelmente em torno dos enormes rochedos verticais que eram de novo colunas. (...)

O rolo desdobrado e acabado por Wang-Fô estava encostado a uma tapeçaria. Um barco ocupava todo o seu primeiro plano. Ia-se afastando lentamente, deixando atrás de si uma estreita esteira que se voltava a fechar no mar imóvel. Já não se distinguia a cara dos dois homens sentados no escaler, embora ainda se visse o lenço encarnado de Ling, e a barba de Wang-Fô flutuando ao vento.

A pulsação dos remos foi enfraquecendo, por fim cessou, obliterada pela distância. O Imperador, dobrado para a frente, com a mão em pala sobre os olhos, via afastar-se o barco de Wang, que já não era senão uma mancha imperceptível na palidez crepuscular. Finalmente o barco contornou um rochedo que fechava a entrada do mar alto; a esteira extinguiu-se na superfície deserta, e o pintor Wang-Fô e o seu discípulo Ling desapareceram para sempre sobre aquele mar de jade azul que Wang-Fô tinha acabado de inventar.

Marguerite Yourcenar, *A Fuga de Wang-Fô*, trad. de L. Miguel Nava, Ed. Contexto e Imagem

